

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO
DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

ANA PAULA CASTRO TEIXEIRA AISSA

**POLARIZAÇÃO DE OPINIÕES NAS MÍDIAS SOCIAIS: UM ESTUDO
A PARTIR DA ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA CULTURA**

BAURU
2020

ANA PAULA CASTRO TEIXEIRA AISSA

**POLARIZAÇÃO DE OPINIÕES NAS MÍDIAS SOCIAIS: UM ESTUDO
A PARTIR DA ANÁLISE COMPORTAMENTAL DA CULTURA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Linha de Pesquisa 1, Aprendizagem e Ensino, sob orientação do Prof. Dr. Kester Carrara.

BAURU
2020

Aissa, Ana Paula Castro Teixeira.

Polarização de opiniões nas mídias sociais: um estudo a partir da análise comportamental da cultura/
Ana Paula Castro Teixeira Aissa, 2020
138 f.

Orientador: Kester Carrara

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2020

1. Polarização 2. Mídias Sociais 3. Comportamento.
4. Análise Comportamental da cultura.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ANA PAULA CASTRO TEIXEIRA AISSA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU

Aos 07 dias do mês de abril do ano de 2020, às 09:00 horas no(a) Faculdade de Ciências (Unesp - Campus de Bauru), reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. KESTER CARRARA - Orientador(a) do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. DIEGO ZILIO ALVES do(a) Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento / Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Profa. Dra. ANA CLAUDIA MOREIRA ALMEIDA VERDU do(a) Departamento de Psicologia e Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem / Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciência, Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ANA PAULA CASTRO TEIXEIRA AISSA, intitulada **Polarização de Opiniões nas Mídias Sociais: Um Estudo a partir da Análise Comportamental da Cultura**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: __ APROVADA __ . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. KESTER CARRARA

P/



Prof. Dr. DIEGO ZILIO ALVES



Profa. Dra. ANA CLAUDIA MOREIRA ALMEIDA VERDU

AGRADECIMENTOS

Realizar uma dissertação de mestrado não é uma tarefa fácil, por mais que se vá treinando ao longo dos anos - e foram muitos -, de maneira que se torna difícil traduzir os ensinamentos, desprendimentos e a vivências que tive em quinze escolas, em dez cidades diferentes. Por trás deste trabalho existe um grupo de pessoas que me ajudaram e torceram por mim. Na impossibilidade de me referir a todos eles, existem algumas pessoas a quem, impreterivelmente, não posso deixar de agradecer.

Gratidão imensa ao meu orientador, Professor Kester Carrara, por aceitar o desafio de me orientar e me apresentar um novo caminho na análise do comportamento. Agradeço por sua orientação, ajuda e exigência para que me fizesse focar na busca de informação e conhecimento. Expresso minha profunda admiração aos professores Ana Verdu e Diego Zilio, que carinhosamente aceitaram o convite para participar de minha banca e me proporcionarem suas notáveis contribuições. Minha admiração a todos os professores da Pós, Profa. Verinha, Profa. Ana Paula, Prof. Jair, Prof. Sandro, Prof. Hugo, Profa. Flávia, Prof. Érico, Prof. Verardi, Profa. Ana e Prof. Diego, que ofereceram valioso aporte para meu desenvolvimento. Agradeço a toda a equipe da Secretaria da Pós-Graduação pela gentileza e atenção. À turma do mestrado agradeço de coração por todo o apoio e amizade. Em especial a Elvira, minha amiga de Angola, ao Narciso, a Cris, a Bettina, a Karina, a Ana Karina, a Ariane e ao Anderson. Agradeço o acolhimento e a oportunidade de participar do GEPEDEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Delineamentos Culturais e conviver com esse grupo tão comprometido. Agradeço a Vivianne pelas análises e todo o apoio emocional. Agradeço a Eloisa e a todos que respondendo o questionário tornaram esta dissertação possível.

Gratidão pelo amor incondicional, pelo carinho, pelo colo e todo o bem que recebo. Meu parceiro de vida, meu amigo e companheiro Flávio, que sempre me diz que aprender é como subir uma escada e que a cada degrau vemos mais um pouco da paisagem e é assim que me sinto com ele e meu amado filho Arthur, segurando a escada enquanto eu vejo um pouquinho mais do que via antes. Agradeço aos meus pais Ana Maria e Teixeira e meus sogros Neide e Tite por serem pessoas admiráveis, por estarem tão presentes na minha vida e me mostrarem quão grande pode ser o amor. Sinto-me privilegiada por estar nesta família e conviver com pessoas tão especiais.

A todos vocês, minha admiração, meu respeito, meu carinho e minha gratidão.

"Ler significa reler e compreender. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê é necessário saber como são seus olhos e qual a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiência tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é sempre um coautor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita."

Leonardo Boff

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

AISSA, A.P.C.T. **Polarização de Opiniões nas Mídias Sociais: um Estudo a partir da Análise Comportamental da Cultura.** Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2019.

RESUMO

Ultrapassando qualquer expectativa inicial de servir exclusivamente como um meio de comunicação interpessoal, as mídias sociais tornaram-se complexas fontes de informações que exercem grande influência e poder de persuasão no cotidiano de seus usuários. Essa ferramenta é tão adaptada ao modo de vida contemporâneo que viabiliza a imediatividade do reforço e seus efeitos e promove a manutenção de laços afetivos e sociais através do uso de seus dispositivos. Nesse contexto, este trabalho tem como principal objetivo identificar o fenômeno da polarização de opiniões utilizando uma abordagem multirreferenciada quanto à revisão da literatura, além de proceder um exame conceitual do tema a partir dos fundamentos da Análise do Comportamento, buscando descrever como os temas são percebidos através das respostas dos participantes da pesquisa. O estudo teve a participação de 53 estudantes do curso de Psicologia em duas cidades do interior do estado de São Paulo, que se posicionaram frente a temas polarizantes. Na bibliografia pesquisada constatou-se a grande capilaridade das mídias sociais e a influência de variáveis, como *Fake News*, Filtro Bolha, *Bots* e Pensamento Binário. Através dos pressupostos da Teoria das Molduras Relacionais (de Rose, 2016) verificou-se que funções atribuídas por treino direto a um estímulo passam a ser compartilhadas pelos estímulos coordenados a ele de modo que, sem necessidade de qualquer treino direto, as relações de coordenação (equivalência) podem reproduzir os efeitos do condicionamento respondente para estímulos que não tenham sido diretamente emparelhados com o estímulo incondicionado. No decorrer da dissertação foram exemplificadas situações de como isso ocorre no processo de polarização de opiniões. Nos dados encontrados a partir da análise da pesquisa aplicada foi possível observar nas respostas o relato de sentimentos de medo, raiva, ansiedade e ameaça, mesmo ressaltando que essa parcela dos dados não foi submetida a análise formalmente criteriosa, uma vez que não constavam do plano de pesquisa a aplicação de instrumentos específicos de diagnóstico psicológico. O que se verifica é a grande influência das mídias sociais no controle e manipulação de comportamentos, embora ainda não haja completa clareza em como ocorrem tais manipulações e a quem, de fato, beneficiam. A partir dessa constatação são necessários mais estudos que possibilitem o desenvolvimento de intervenções que fortaleçam comportamentos de indulgência e tolerância, bem como um maior controle das ferramentas que disseminam o ódio e preconceito, principalmente nas mídias sociais.

Palavras-chave: Polarização; Mídias Sociais; Comportamento; Análise Comportamental da Cultura.

AISSA, A.P.C.T. Polarization of Opinions in Social Media: A Study from the Behavioral Analysis of Culture. Dissertation (Master in Developmental and Learning Psychology) – UNESP (São Paulo State University), Faculty of Sciences, Bauru, 2019.

ABSTRACT

Exceeding any initial expectation of serving exclusively as a means of interpersonal communication, social media have become complex sources of information that exert great influence and power of persuasion in the daily lives of its users. This tool is so adapted to the contemporary way of life that it makes the reinforcement immediate and its effects viable and promotes the maintenance of affective and social ties through the use of its devices. In this context, this work has as main objective to identify the phenomenon of polarization of opinions using a multi-referenced approach regarding the literature review, in addition to proceeding to a conceptual examination of the theme from the fundamentals of Behavior Analysis, seeking to describe how the themes are perceived through the responses of the research participants. The study had the participation of 53 students of the Psychology course in two cities in the interior of the state of São Paulo, who took a stand against polarizing themes. The researched bibliography showed the great capillarity of social media and the influence of variables, such as Fake News, Bubble Filter, Bots and Binary Thought. Through the assumptions of the Theory of Relational Frames (de Rose, 2016) it was found that functions attributed by direct training to a stimulus are shared by stimuli coordinated to it so that, without the need for any direct training, coordination relationships (equivalence) can reproduce the effects of respondent conditioning for stimuli that have not been directly paired with the unconditioned stimulus. During the dissertation, situations of how this occurs in the process of polarization of opinions were exemplified. In the data found from the analysis of the applied research, it was possible to observe in the responses the report of feelings of fear, anger, anxiety and threat, even noting that this portion of the data was not submitted to formally careful analysis, since they were not included in the plan the application of specific psychological diagnostic instruments. What is verified is the great influence of social media in the control and manipulation of behaviors, although there is still no complete clarity on how such manipulations occur and to whom, in fact, they benefit. Based on this finding, further studies are needed to enable the development of interventions that strengthen behaviors of indulgence and tolerance, as well as greater control over the tools that disseminate hatred and prejudice, especially on social media.

Keywords: Polarization; Social media; Behavior; Behavioral Analysis of Culture.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAI - *Association for Behavior Analysis International*

AC – Análise do Comportamento

APA – *American Psychological Association*

BATech SIG – *Behavior Analysis and Technology Special Interest Group*

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

JABA – *Journal of Applied Behavior Analysis*

LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social

MEC – Ministério da Educação

ONU – Organização das Nações Unidas

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios

RISJ – *Reuters Institute for the Study of Journalism*

WWW – *World Wide Web*

TMR -Teoria das Molduras Relacionais

RFT - *Relational Frame Theory*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Temas Polarizantes.....	91
Quadro 2	Comentários dos participantes da pesquisa.....	114

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 6.1	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.1.....	82
Gráfico 6.2	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.2.....	83
Gráfico 6.3	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.3.....	83
Gráfico 6.4	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.4.....	84
Gráfico 6.5	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.5.....	85
Gráfico 6.6	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.6.....	86
Gráfico 6.7	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.7.....	87
Gráfico 6.8	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.8.....	88
Gráfico 6.9	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.9.....	89
Gráfico 6.10	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.10.....	89
Gráfico 6.11	Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.11.....	91
Gráfico 6.12	Temas mais discutidos no Facebook.....	91
Gráfico 6.13	Temas Polarizantes - Meio Ambiente.....	93
Gráfico 6.13.1	Posicionamentos – Meio Ambiente.....	94
Gráfico 6.14	Opinião sobre Temas Polarizantes – Economia.....	96
Gráfico 6.14.1	Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Economia.....	96
Gráfico 6.15	Opinião sobre Temas Polarizantes – Educação.....	98
Gráfico 6.15.1	Opinião sobre Temas Polarizantes – Educação.....	99
Gráfico 6.15.2	Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Educação.....	99
Gráfico 6.15.3	Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Educação.....	100
Gráfico 6.16	Opinião sobre Temas Polarizantes – Saúde.....	103
Gráfico 6.16.1	Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Saúde.....	103
Gráfico 6.17	Opinião sobre Temas Polarizantes – Segurança.....	106
Gráfico 6.17.1	Opinião sobre Temas Polarizantes - Segurança	106
Gráfico 6.17.2	Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Segurança	107
Gráfico 6.17.3	Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Segurança	107
Gráfico 6.18	Opinião sobre Temas Polarizantes – Políticas Públicas.....	110
Gráfico 6.18.1	Opinião sobre Temas Polarizantes - Políticas Públicas.....	110
Gráfico 6.18.2	Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Políticas Públicas	111
Gráfico 6.18.3	Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Políticas Públicas	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Características dos Participantes.....	78
Tabela 2	Mídias Sociais acessadas.....	79
Tabela 3	Tempo Conectado.....	80

SUMÁRIO

1. JUSTIFICATIVA.....	16
2. INTRODUÇÃO.....	20
2.1 Pressupostos do Comportamento.....	23
2.2 Comportamento e Cultura.....	26
2.3 Primórdios da Polarização.....	34
2.4 Análise do Comportamento e os Problemas Sociais.....	37
2.5 Comportamento Político na Construção da Polarização.....	40
2.6 Teoria das Molduras Relacionais e o Momento Político	46
2.7 Mudanças Comportamentais com o uso das Mídias Sociais.....	51
3. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E TECNOLOGIA.....	54
3.1 Análise do Comportamento, Internet e Mídias Sociais.....	55
3.2 Ferramentas de Controle nas Mídias Sociais.....	56
3.3 Variáveis que afetam o comportamento em mídias sociais	61
3.4 Análise do Comportamento Verbal.....	67
3.5 O Uso das Ferramentas de Controle e o Enfraquecimento do Poder Político.....	71
4. OBJETIVOS.....	74
4.1 Objetivos Gerais.....	74
4.2 Objetivos Específicos.....	74
5. MÉTODO.....	74
5.1 Instrumento de Coleta de Dados.....	75
5.2 Procedimento de Coleta de Dados.....	76
5.3 Local de Aplicação.....	77
5.4 Participantes.....	77
5.5 Análise dos Dados.....	77
6. RESULTADOS.....	78
6.1 Características dos Participantes.....	78
6.2 Principais Mídias Sociais Conectadas.....	79
6.3 Tempo Conectado.....	80
6.4 Comportamento dos Participantes nas Mídias Sociais.....	82
6.5 Temas Polarizantes nas Mídias Sociais.....	91
6.6 Análise dos Temas Polarizantes nas Mídias Sociais.....	93

6.6.1	Meio Ambiente.....	93
6.6.2	Economia.....	96
6.6.3	Educação.....	97
6.6.4	Saúde.....	102
6.6.5	Segurança.....	104
6.6.6	Políticas Públicas.....	109
6.7	Comentários.....	115
7.	DISCUSSÃO.....	117
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
9.	REFERÊNCIAS.....	125
	ANEXO 1 –Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	133
	ANEXO 2 – Questionário Aplicado	134

1. JUSTIFICATIVA

Muitas reflexões são importantes acerca deste momento de mudanças socioculturais profundas, onde as relações são polarizadas e frequentemente dominadas pelo maniqueísmo, por uma divisão ideológica e por uma escolha segmentada de opiniões, ideias e valores proposta aqui como uma medida a partir de sentimentos partidários (“gostar” ou “não gostar”), combinando sentimentos positivos e negativos a partir das relações entre os indivíduos. Para Levitsky e Ziblat (2018) essa polarização é ampliada pelo enfraquecimento das normas democráticas e isto está enraizado na divisão sectária extrema e se capilariza para além das disputas políticas e se incorpora nos conflitos de raça e cultura.

Historicamente, a polarização sempre existiu e foram momentos de polarização extrema que levaram pequenos conflitos a se tornarem grandes guerras mundiais. Porém as normas de tolerância mútua, a criação de organizações de representatividade e o entendimento de que partes concorrentes se aceitem umas às outras como rivais legítimas e a contenção de se usar o controle das instituições em favor de uma máxima vantagem ideológica serviram como forma de proteção e de base para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária (LEVITSKY; ZIBLAT, 2018).

Enquanto há uma intensificação da polarização que ocorre nas mídias, nos exemplos grotescos das falas dos políticos e no aumento de posicionamentos ultrarradicais há nesse contexto um efeito importante: é como se fosse oferecido uma espécie de licença para que a violência se banalize e se reproduza. Se os exemplos partem dos líderes e se a liderança pode se permitir certos comportamentos, o cidadão comum também pode. E esse efeito tende a se perpetuar em rede, como uma espécie de eco que ressoa na sociedade, por mais absurdo ou ensurdecedor que sejam esses sons (KALIL, 2018).

A disseminação dos conteúdos polarizados não é um tema novo e há muitos casos como exemplo: a chegada do homem à lua, atentados a políticos, como o de Carlos Lacerda que forjou um atentado contra si mesmo acusando o então presidente de perseguição, o caso “Rio Centro” onde militares forjaram um atentado na intenção de culpar movimentos ligados à esquerda. Esses são alguns exemplos de situações que foram usadas no passado para manipular informações onde os interesses políticos se sobrepuseram aos valores éticos (BRANDÃO, 2019).

Desta forma surge o questionamento: Como usar do conhecimento da Psicologia, mais especificamente da Análise Comportamental da Cultura, para avaliar a influência das mídias

sociais na disseminação de conteúdos considerados polarizados e se essa influência pode gerar sentimentos de ansiedade, medo e afastamento social?

Dada a dificuldade em encontrar uma quantidade considerável de subsídios teóricos para alicerçar as referências sobre a díade *polarização e análise comportamental*, a revisão de literatura é multirreferenciada (BARBOSA, 1999), que considera a complexidade da realidade que será abordada. Em assim sendo, a pesquisa propõe uma leitura plural de seus objetos práticos e teóricos, que sob diversos pontos de vista poderão implicar tanto visões específicas quanto linguagens próprias, em função das diversas referências consideradas. Nesse contexto, a multirreferencialidade é uma “pluralidade de olhares e de esclarecimentos que supõe, por sua vez, diferentes linguagens descritivas e interpretativas que não devem ser confundidas ou reduzidas umas às outras porque derivam, de fato, normalmente, de paradigmas bem distintos” (BARBOSA, 1999, p. 119).

Com uma intenção deliberadamente praxiológica a pesquisa perpassa por sociólogos, antropólogos, analistas de sistemas, cientistas políticos e principalmente psicólogos, com viés teórico baseado na Análise do Comportamento, que descreve em termos de relações organismo-ambiente o funcionamento das interações. Nesse contexto, as relações entre indivíduos e seu ambiente, independentemente de serem relações sociais altruístas ou relações dentro de um autoritarismo despótico, são sempre positivas e pragmáticas, pois suas respostas estão diretamente relacionadas ao limite descritivo do fenômeno natural designado comportamento (CARRARA, 2016).

A polarização se assimila com a tomada de um lado, a escolha de um posicionamento frente a questões que são normalmente divisivas e envolvem relações entre o indivíduo e o ambiente, portanto, um comportamento identificado e descrito nos limites das interações comportamentais.

A Análise Comportamental utiliza como pressupostos e princípios conhecer o conteúdo e as condições que ocorrem os comportamentos, busca identificar e descrever as interações, independentemente de suas nuances éticas e morais. Portanto, sua atuação é sempre favorável uma vez que a compreensão dessas interações propicia a instrumentalização de ações objetivas para a formulação de estratégias e tecnologias que sejam comprometidas com o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária (CARRARA, 2019).

Com a utilização dos pressupostos da ciência do comportamento, esta pesquisa pretende utilizar conceitos a partir da obra de Skinner (1953/2003, 1957/1978, 1971/1983, 1981/2007) que reforça a importância do uso de métodos científicos para conhecer o comportamento humano, não apenas descrever os acontecimentos a medida que ocorrem, mas principalmente

compreender que o que o homem faz é o resultado de condições que podem ser investigadas. A proposta é justificar e instrumentalizar uma incursão dos analistas do comportamento dentro dos ambientes digitais e explorar esse novo jeito de se relacionar. Compreender a dinâmica de funcionamento e a importância das mídias sociais e avaliar laconicamente se essas ferramentas de comunicação podem provocar polarização de opiniões e, por consequência, aumentar os sentimentos de medo, ansiedade e até afastamento social. Para isso, a pesquisa buscou conhecer a opinião de estudantes de psicologia a respeito da influência das mídias, sua opinião frente a temas polarizantes e como se sentem frente a esses mesmos temas.

Considerando que o objeto de estudo da Análise do Comportamento é o estudo das relações dos organismos vivos com seu ambiente, via comportamento, processo esse descrito por Skinner (1953/2003) como sendo algo extremamente complexo, parece relevante cientificamente e socialmente buscar variáveis que contribuem para o fenômeno da polarização social, mais adiante descrito nesta pesquisa.

O comportamento, em particular, não pode ser facilmente imobilizado para observação por ser mutável, fluido e evanescente (SKINNER, 1953/2003), e isso exige dos cientistas uma complexa análise, uma busca voltada para a compreensão do indivíduo enquanto organismo que se comporta inserido numa rede de interações entre este e seu ambiente.

Mesmo com a dificuldade em definir um determinado comportamento, esta pesquisa se propôs descrever de que maneira as mídias sociais e suas respectivas ferramentas pode desencadear situações de discórdia e de tomada de posição, aqui entendidas como polarização de opiniões, e como tais situações são percebidas por seus usuários. Incidentalmente, levantar junto ao questionário aplicado se houve um possível aumento de problemas psicológicos como raiva, ansiedade e ameaça. Incidentalmente porque não foram aplicadas ferramentas específicas para esse fim como as escalas de avaliação psicológica.

Através da aplicação de um questionário a uma amostra de estudantes universitários de Psicologia, buscou-se levantar dados acerca dos comportamentos e opiniões frente aos assuntos mais polêmicos disseminados nas mídias sociais neste momento histórico. Esse questionário foi baseado na pesquisa de Simonns e Green (2018), realizado com 42 alunos de graduação nos Estados Unidos que avaliou a relação dos participantes em questões sociais e que testou a existência de um efeito dissenso quando os indivíduos participavam de discussões com perspectivas de tópicos polarizantes.

Assim, buscou-se mostrar a influência das mídias sociais na polarização de opiniões em estudantes do curso de psicologia, analisando como o participante da pesquisa lida com os

temas considerados polarizantes, qual a relação de dependência entre tais eventos ambientais e se há algum indicador sobre se essa condição que os afeta – e em que medida – emocionalmente.

2. INTRODUÇÃO

O impacto do desenvolvimento tecnológico sobre as formas de vida social, educação, comunicação, trabalho, lazer, relações pessoais, familiares, cultura é incontestável e os dados que corroboram tal afirmação serão apresentados no decorrer da pesquisa. Os indivíduos estão conectados por essa tecnologia, a *internet* e suas ferramentas invadiram os mais diversos ambientes. As escolas que usam a tecnologia como atrativo, as igrejas que se renderam ao meio para alcançar mais famílias e o uso de celulares conectados são exemplos de como as tecnologias modificaram os costumes de uma grande parte da sociedade (SANTOS, 2015).

O aumento exponencial nos últimos anos das mídias sociais digitais ampliou e inovou em novas formas de comunicação e interação social e contribuíram para a ampliação das arenas de debates de longo alcance. Além disso, a partir dos acervos digitais resultantes do armazenamento de incontáveis dados, eles propiciaram aos seus usuários novas memórias históricas onde os processos de criação de sentido e produção de conhecimento foram sendo reinterpretados (DUFLOTH; SALDANHA, 2019).

Diante desse cenário e com a preocupação com os problemas sociais advindos dessa nova realidade, a Análise do Comportamento, que aliada à proposta principal da Psicologia – que é atender as demandas da sociedade e promover saúde e bem-estar – vem buscar alternativas eficientes para promover melhorias na vida das pessoas, seja individualmente ou organizadas em grupos sociais. Skinner interpreta o comportamento social cientificamente e demonstra que “o indivíduo está sujeito a um controle mais poderoso quando duas ou mais pessoas manipulam variáveis que têm um efeito comum sobre seu comportamento” (SKINNER, 1953, p. 352).

Na obra *Ciência e Comportamento Humano*, Skinner (1953/2003) salienta que pesquisadores do comportamento humano evitam o termo controle e não gostam de sugerir que exista um controle deliberado. Isso é deixado para “Maquiavéis e Lordes Chesterfields” e os psicólogos usualmente buscam teorias de comportamentos nas quais a importância do controle será atenuada ou negada. Porém para Skinner esse tema é importante para compreensão de todo comportamento humano (SKINNER, 1953/2003).

Skinner (1953/2003) preconiza que a principal técnica empregada para o controle é classificar os comportamentos individuais como “bom” ou “mau”, ou como “certo” ou “errado” e usar de reforço ou punição para exercer esse controle em grupos de pessoas que vivem juntas por um determinado tempo. Habitualmente se classifica o comportamento de um indivíduo como bom ou certo pelo modo como é reforçado por outros membros do grupo e como mau ou errado na medida em que é aversivo para o grupo (SKINNER, 1953/2003).

Como não há uma classificação formal desses comportamentos, o que é bom ou mau, eles acontecem geralmente quando um indivíduo que é controlado interage com o controlador. Para isso, recorreremos à pesquisa empírica e a temas da literatura que serão mais detalhados posteriormente, como: “pensamento binário”, “*fake News*”, “filtro bolha” e determinadas ferramentas utilizadas frequentemente nas mídias sociais.

A tecnologia se incorporou ao dia a dia e o acesso à informação, à comunicação instantânea e ao entretenimento cresce exponencialmente. Bilhões de pessoas no mundo possuem acesso quase imediato ao que acontece à sua volta e paralelamente aos benefícios que surgem desse acesso emergem os efeitos deletérios desse acesso como hábito de consumo. As pessoas que compartilham este mundo organizado e influenciado por essas novas formas de viver em sociedade desenvolvem opiniões próprias, são capazes de divergir e criticar as mensagens e os recursos dessas mídias muitas vezes são compartilhadas sem o crivo do bom senso e uma análise mais racional (YOUNG; ABREU, 2011).

Para Harari (2018) o “livre-arbítrio” não é uma realidade científica. O autor destaca que é um mito herdado da teologia cristã, onde os teólogos criaram a ideia do “livre-arbítrio” para explicar por que Deus tem razão ao punir os pecadores por suas escolhas ruins e recompensar os santos por suas escolhas boas. Esse mito pouco tem a ver com o que a ciência nos ensina agora sobre o *Homo sapiens* e os outros animais.

“Os humanos certamente têm um arbítrio — mas ele não é livre” (Harari, 2018, p. 52). O indivíduo não possui a prerrogativa de decidir quais serão seus desejos e fazem escolhas — porém tais escolhas nunca são escolhas independentes. Cada escolha depende de inúmeros fatores e de condições biológicas, sociais e pessoais com os quais precisa lidar.

Porém, devido a uma massificação dos conteúdos e instrumentos que propositalmente instigam a divisão de opiniões – como alguns instrumentos utilizados em marketing e propaganda – tais indivíduos provavelmente são influenciados a tomar partido e, ao se posicionarem frente a temas polarizados podem apresentar sintomas de ansiedade, medo e até mesmo afastamento social (YOUNG e ABREU, 2011).

A partir da pesquisa de Simons e Green (2016), que fornece evidências dessas influências e até de um obstáculo psicológico à polarização de opiniões, propõe-se analisar como isso ocorre com estudantes de Psicologia. Na pesquisa citada os autores utilizam o termo *Divisive Topic*, sendo que esse termo foi traduzido no contexto desta pesquisa, como “polarização de opiniões”, com a finalidade de se adequar ao momento histórico e a realidade contemporânea vivenciada no Brasil. O termo polarização será mais explorado no decorrer desta pesquisa.

Retomando as evidências encontradas por Simons e Green (2016), argumentam que discutir tópicos sobre os quais não existe um consenso social claro e amplamente compartilhado pelos indivíduos, induz a sentimentos de ameaça. Alguns desses comportamentos são percebidas como generalizados para algumas pessoas, como ser a favor dos direitos humanos ou se opor ao preconceito racial, outros se inserem em comportamentos de grupos específicos como no caso da poligamia e supremacia branca.

Entretanto, para outros alguns comportamentos e determinados tópicos não há opinião consensual percebida. Exemplos podem incluir políticas de ação afirmativa, como algumas propostas de políticas públicas que objetivam reforçar as ações do Estado na promoção do bem-estar e da cidadania. A pesquisa citada corrobora que existe um “efeito dissenso”, ou seja, discutir esses tópicos divisivos aqui expresso, como temas polarizantes, pode levar a sentimentos de ameaça e ansiedade.

Tanto o medo como a ansiedade são qualificados subjetivamente como não prazerosos e desagradáveis, são estados emocionais que se correlacionam e estão sempre acompanhados por sentimentos de apreensão e insegurança, além de um conjunto de alterações comportamentais e psicofisiológicas (NUTT, 1990). Lader (1981) corrobora como causa principal da ansiedade, a expectativa de um perigo iminente e indefinido, porém sem que uma ameaça real seja identificada ou - quando existente - é considerada pelos demais como desproporcional à intensidade da emoção.

Carvalho-Netto (2009) aponta como uma das bases principais da ansiedade o sentimento de medo, sentimento esse encontrado praticamente em todas as espécies, que tem como atribuição sinalizar e preparar o organismo para situações de ameaça ou perigo. Tais diferenças entre os dois estados emocionais podem ser caracterizadas em relação aos estímulos e/ou situações que os desencadeiam, de forma que o medo surgiria diante de situações claras e evidentes de ameaça e perigo, enquanto a ansiedade seria desencadeada por situações onde o perigo é apenas potencial, vago e incerto.

Diante dessas premissas é importante recorrer a Skinner (1974/2006) que já apontava que “os maiores problemas enfrentados hoje pelo mundo só poderão ser resolvidos se melhorarmos nossa compreensão do comportamento humano (...)” (1974/2006, p.11). Para Skinner, há uma dificuldade de ter o comportamento como objeto de análise, principalmente por ter como características: ser mutável, processual e de extrema complexidade. Tais propriedades tornam a observação do comportamento uma tarefa difícil e que exige um trabalho árduo e empenho do cientista que assumem tal desafio (SKINNER, 1953/2003), evidenciando, assim, a relevância de se compreender o comportamento nas suas relações com o ambiente. Por

essa razão, Skinner elege como unidade de análise a resposta, em lugar do comportamento. Mensuradas sob algum critério, as respostas passam a compor uma classe de respostas, então passível de um exame por vezes considerado molar das atividades dos organismos.

A partir dessa perspectiva, considerou-se viável, entre outros procedimentos, identificar e descrever a maneira pela qual os participantes da pesquisa percebem dentro do ambiente das mídias sociais os temas polarizantes, tendo como critério o posicionamento positivo ou negativo frente aos exemplos propostos.

2.1 Pressupostos do Comportamento

Na intenção de compreender os eventos polarizantes é importante compreender também por que ocorrem as diferenças sociais. Para isso, volta-se para Jared Diamond, biólogo e professor de fisiologia na Escola de Medicina da Universidade da Califórnia em Los Angeles, cujo *hobby* de observação de pássaros e de estudo da origem de idiomas o levou à Nova Guiné, onde Yali, um político nativo, lhe perguntou por que os brancos produziam tanto “carga” (produtos de consumo) e nós (nativos), tão pouco?

Partindo do pressuposto de que não há diferenças biológicas expressivas entre raças, nem diferenças de inteligência, Diamond (2001) direciona para as diferenças ambientais: locais abundantes em espécies de fauna e flora selvagens, animais domesticáveis que possibilitaram comida de alto teor proteico com produção excedente e estocagem. Assim, propiciaram a sedentarização, o crescimento e o adensamento populacional. O autor propõe uma resposta tão simples quanto original diante de uma ciência social contemporânea que privilegia em focar aspectos mais abstratos de sistemas de poder e ideologias: o meio ambiente.

Desenvolveu-se ali a produção de alimentos, o que não ocorreu com os povos coletores e caçadores que habitavam as florestas, onde pelas condições restritas de alimentação, seus habitantes não podiam ter excedente, estocar e conseqüentemente sedentarizar-se e aumentar sua população (DIAMOND, 2001).

Para o autor é crucial demonstrar que foram as influências geográficas que definiram quais regiões do planeta permitiriam que sua população habitante tivesse condições de subjugar as demais durante o tempo. Diamond (2001) nega qualquer relação biológica para esse fato, largando mão de qualquer tipo de determinismo e usando a geografia e toda sua influência.

O autor reforça que as escolhas que aparentemente demonstravam uma decisão consciente de um grande homem, de um grupo, tribo ou civilização de uma região, na verdade não passavam de uma construção feita por pessoas ou civilizações anteriores e, em muitos casos, influenciadas apenas pela necessidade ou pelo ambiente que dispunham acesso.

A pesquisa realizada por Diamond (2001) amplia a perspectiva de que a espécie humana está sempre em transformação, não se transformou do *homo erectus* ao *homo sapiens* de uma hora para outra, essa evolução não surgiu de repente e não é um sinônimo de melhora, essa adaptação é influenciada pelo ambiente que também sofre influência direta do homem.

Diante dessa transformação, a Análise do Comportamento traz uma compreensão de ser humano enquanto organismo que se comporta inserido numa rede de interações entre o organismo e eventos ambientais tais relações ocorrem na interação entre as instâncias filogenéticas, ontogenéticas e culturais detalhadas a seguir.

Pode-se dizer que o modelo da Análise do Comportamento é baseado em um tripé onde, determinismo ambiental, sócio-histórico e interacionista são usados para explicar e descrever como o comportamento humano interage com outras pessoas num determinado ambiente ao longo de sua vida (MOREIRA, 2014).

Para alguns, o modelo de seleção por consequências proposto por Skinner apresenta fundamentos em parte semelhantes ao modelo selecionista de Charles Darwin e da Lei do Efeito de Edward Thorndike, ambas baseadas em dados empíricos, onde interações organismo e ambiente foram testados. No artigo publicado em 1981, intitulado Seleção por Consequências, Skinner considerou que tanto características biológicas, como comportamentais e culturais evoluem por intermédio de processos seletivos.

Como mencionado anteriormente, Skinner (1981/2007) propôs um modelo causal explicativo onde o comportamento é selecionado por suas consequências em uma inter-relação entre três “níveis”:

a) Filogenético - diz respeito à história evolucionária da espécie;

Segundo Skinner (1981/2007), o processo de seleção por consequências é um princípio causal encontrado apenas em seres vivos ou em máquinas construídas por seres vivos. Como também, a evolução, teoricamente, é a própria consequência da seleção natural, ou seja, apenas quando observamos que uma espécie evoluiu é que podemos inferir que ela passou por um processo de seleção natural.

As variações envolvidas que forem favoráveis à sobrevivência e reprodução serão mantidas e as desfavoráveis são extintas. Entretanto, o “favorável” e o “desfavorável” são critérios arbitrários, não têm um propósito específico, são apenas o efeito ou a consequência da interação dos organismos com as variações ambientais.

Ressalta-se que a seleção natural é apenas um dos mecanismos envolvidos na evolução das espécies, Skinner (1984) defende que sua teoria do comportamento não é baseada na teoria

da seleção natural, refere-se apenas para demonstrar as notáveis similaridades entre os processos, permitindo que sejam agrupados sob um modelo causal comum. Com isso, proporcionando aos diferentes níveis de comportamento uma unidade conceitual.

Skinner (1981/2007) enfatiza que biólogos estudam os processos pelos quais as variações surgem e são selecionadas, porém, dificilmente eles conseguem reconstruir em um ambiente experimental o processo de evolução de uma espécie. Visto que a seleção por consequências no nível filogenético ocorre quando traços de uma espécie são transmitidos de geração a geração. A seleção de uma característica que favoreça a sobrevivência e/ou a reprodução da espécie pode demorar milhões de anos, fato que dificulta o próprio estudo das contingências de sobrevivência que selecionaram as características observadas nos estágios atuais das espécies.

A seleção natural possibilitou a evolução da suscetibilidade dos organismos às consequências de reforço e, no caso da espécie humana, o grau de suscetibilidade à aprendizagem e consequentemente a possibilidade do desenvolvimento da cultura, são exemplos de variações que devem ter favorecido à espécie humana comportar-se de maneira cada vez mais complexa.

b) Ontogenético - se relaciona com a história comportamental do indivíduo;

Neste nível, os processos de seleção pelas consequências são capazes de explicar, dentre muitos outros aspectos e processos psicológicos, como a personalidade de um indivíduo é formada, são demonstrados como se aprende a falar, escrever e pensar. Como são descritos os sentimentos, como surge o temperamento, a subjetividade e boa parte das psicopatologias.

A evolução para o nível ontogenético foi permitida através da suscetibilidade dos organismos às contingências de reforço, neste nível de seleção pelas consequências ocorre à história da aprendizagem individual que advém principalmente através do processo de condicionamento operante (MOREIRA, 2013).

Desse modo, o ambiente modela o repertório básico do indivíduo e mudanças ambientais podem provocar ajustes em seu comportamento, isso ocorre quando há aquisição de novas respostas, extinção de comportamentos antigos ou a melhoria da eficiência em alguns comportamentos. As características individuais são mais identificadas nesse nível de seleção pelas consequências. Aqui são detalhadas as respostas, permitindo conhecer os repertórios comportamentais que tornam cada indivíduo único.

Para melhor compreensão de como e o porquê os organismos se comportam é importante investigar sua história filogenética e ontogenética. Skinner (1966/1969a) aponta que essa topografia nos diz pouca coisa sobre o comportamento, a diferença básica está entre o

comportamento e as consequências. As chances de sobrevivência são ampliadas diante de alguns comportamentos, dessa maneira apresentam consequências de sobrevivência, outros comportamentos possibilitam a adaptação a novos ambientes através de novas respostas que não seriam possíveis unicamente com repertório filogenético.

Como resultado, alguns comportamentos apresentam consequências de reforço ao comportamento emitido, assim essa distinção está relacionada, na maioria das vezes, as consequências produzidas pelo próprio comportamento. Dessa forma o condicionamento operante permite que o comportamento seja modelado propiciando comportamentos cada vez mais complexos.

O paradigma operante implica em seleção por consequências, como existe uma variação muito grande nos comportamentos, ora apresentando consequências “favoráveis”, ora “desfavoráveis”, o processo de escolha recai com maior probabilidade a comportamentos favoráveis e a tendência de comportamentos “desfavoráveis” venham a diminuir ou mesmo serem extintos (MELO, 2005).

c) Cultural - que trata da história do grupo no qual o indivíduo está inserido.

O terceiro nível de seleção se dá no campo das contingências culturais, contingências de reforço mantidas pelo grupo no qual o indivíduo está inserido. Skinner (1981/2007) defende que a espécie humana presumivelmente tornou-se mais social quando sua musculatura vocal ficou sob controle operante. As vocalizações, os chamados de acasalamento, as ameaças de agressão, entre outros tipos de comportamento vocal, podem ter sido modificadas por condicionamento operante e, segundo Skinner (1981/2007), provavelmente foram modificados apenas com relação às ocasiões em que ocorrem ou à sua taxa de ocorrência.

A predisposição para adquirir novas formas por meio de seleção por consequências presumivelmente resultou da evolução da espécie humana. “O desenvolvimento do controle ambiental sobre a musculatura vocal aumentou a cooperação e tornou mais eficiente as atividades comuns” (SKINNER, 1981/2007, p.131)

Tal comportamento permitiu que a espécie humana desenvolvesse a cooperação, a formação de regras, aprendizagem por instrução, princípios éticos além do autoconhecimento e consciência. De acordo com Skinner (1981/2007), o surgimento da linguagem permitiu o desenvolvimento de ambientes sociais cada vez mais complexos, ou seja, propiciou o surgimento da cultura (ou de práticas culturais).

2.2 Comportamento e Cultura

A definição de cultura perpassa várias áreas do conhecimento, sendo explorada pela Sociologia, Antropologia e Psicologia. Contudo, em nenhuma dessas áreas há uma elucidação consensual do que seja cultura, o que demonstra a enorme complexidade e riqueza da aplicação do termo. No dicionário a cultura é sinônimo de:

(...) O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Como ações sociais seguem um padrão determinado no espaço. Compreendem as crenças, valores, instituições, regras morais que permeiam e identificam uma sociedade. Explicam e dá sentido à cosmologia social. É a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período. (FERREIRA, 2010).

Em diferentes contextos do conhecimento humano a palavra cultura assume sentidos distintos. Skinner (1953/2003) estendeu-se sobre o tema em diversas passagens de sua obra, mas, a exemplo do que ocorreu também com alguns outros conceitos, não demarcou paradigmaticamente uma definição comportamentalista de cultura (FERNANDES; CARRARA; ZILIO, 2017).

Nesta pesquisa será usada uma sistematização das posições de Skinner, proposta por Fernandes, Carrara e Zilio (2017, p. 268) que, mediante pesquisa conceitual com base em sua obra, buscou um “tratamento do conceito de cultura coerente com o edifício conceitual do Comportamentalismo Radical e uma posição norteadora de futuros esforços em Análise Comportamental da Cultura”.

Skinner demonstra sua preocupação com a cultura em sua totalidade, em seu livro de ficção *Walden Two* (1948) descreve uma sociedade em que todos os atos humanos seriam empregados para o conhecimento sobre o comportamento humano visando criar um ambiente social com vidas produtivas e criativas. Dittrich (2004, p. 333) destaca que em “Walden II não apenas são oferecidos um projeto para a resolução de problemas da atualidade como, apoiada numa ética que privilegia a experimentação de práticas culturais em prol da sobrevivência, são incentivados o aperfeiçoamento contínuo de suas atividades cotidianas”.

A partir da obra de Skinner análises importantes foram sendo construídas e grupos de cientistas, conforme artigo de Fernandes, Carrara e Zilio (2017), partiram para estudos teóricos e os chamados análogos experimentais, utilizando o laboratório para analisar simulações de práticas culturais e as contingências envolvidas. Conforme estudo da obra de Skinner foram propostas as seguintes análises:

(1) “cultura”, para Skinner, frequentemente diz respeito a “um conjunto de contingências sociais” ou, mais genericamente, “ambientes sociais”.

Variações como “conjunto de contingências verbais” ou, mais genericamente, “ambientes verbais”, além de “experimento social” (implicando um conjunto de contingências sociais arranjadas pelo experimentador no papel de planejador), também são ocorrências relevantes. Argumentamos que tais respostas verbais fazem parte de uma classe funcional de descrições, mas um exame conceitual dos termos em questão revela uma inconsistência que será explorada mais adiante entre os termos “ambiente” e “contingências”; (2) “práticas culturais” é outro termo utilizado pelo autor quando define cultura. Argumentamos que esse uso é problemático em termos conceituais e destoante dos usos mencionados anteriormente, pois impõe dificuldades ao objetivo de propor uma definição comportamentalista precisa e útil ao desenvolvimento posterior do campo (FERNANDES; CARRARA; ZILIO, 2017, p. 271).

Para os pesquisadores, os dados encontrados nas obras de Skinner demonstram que os “repertórios comportamentais são “atravessados” por conflitos inerentes às contingências dispostas pelas agências de controle e os grupos éticos responsáveis pela organização do ambiente social. Nesse sentido, por exemplo, a família e a religião dispõem conjuntos distintos de contingências que, em contato com contingências dispostas na educação, podem produzir conflito entre as pessoas (SKINNER, 1953/2003).

Skinner afirma que as formas como nos comportamos são resultado de nossa exposição a contingências dispostas por outros indivíduos e a evolução da cultura ocorrem sob a influência de contingências sociais. É importante salientar que as práticas culturais passam pela identificação das contingências que as produzem, contingências essas que seriam, por sua vez, aquilo que os antropólogos observam, ou seja, a cultura (SKINNER, 1971/1973).

Fernandes, Carrara e Zilio (2017) identificam que Skinner se refere à cultura ora por “ambiente social” ora por “contingências sociais”, ou como “conjunto de contingências” e mesmo como “conjunto de condições”, aparentemente de forma intercambiável. Verificam que o autor se refere à cultura também como “ambiente verbal” e, por extensão, “conjunto de contingências verbais”. Avaliaram ainda que Skinner se refere à cultura como um “experimento”, no sentido de um conjunto de condições manipuladas por um planejador. Os pesquisadores argumentam que o uso intercambiável e indiscriminado desses termos constitui uma sobreposição problemática, mas com boa possibilidade de ser desfeita: “ambiente social” e “contingências sociais” não são a mesma coisa.

Diante das inúmeras dificuldades encontradas pelos pesquisadores e frente as limitações epistemológicas e inconsistências conceituais do autor, Fernandes, Carrara e Zilio (2017) oferecem evidências textuais sobre o posicionamento de Skinner quanto ao conceito de “cultura”, “ambiente social” e “práticas culturais”: “Cultura é um termo que remete a conjunto de contingências sociais, isto é, contingências de reforçamento e punição mantida pelos membros de um grupo em contextos específicos” (FERNANDES; CARRARA; ZILIO, 2017,

p. 272). Um indivíduo pertence a uma cultura se as contingências sociais envolvidas possuírem algum fator de controle de seu comportamento.

Características do ambiente físico bem como o espaço geográfico compartilhado são importantes sobre tais contingências e não se restringem a eles. “Práticas culturais se relacionam a padrões comportamentais individuais ou de indivíduos comportando em grupo, modelados e mantidos pelas contingências sociais que são definidas por determinada cultura” (FERNANDES; CARRARA; ZILIO, 2017, p.268).

O grupo funciona como um ambiente reforçador no qual determinados comportamentos são punidos e outros reforçados, portanto as contingências observadas num contexto social explicam o comportamento do indivíduo, porém para Skinner (1953/2003) é difícil explicar as contingências visto que algumas delas são arranjadas por razões que não têm conexão com os efeitos dos usos e costumes do grupo.

A cultura, ou o ambiente social, passa a ser considerado como fenômeno que precisa ser compreendido, pois o comportamento humano passa a ser tomado como fenômeno que só poderá ser descrito em toda sua complexidade quando a interação com o ambiente puder ser descrita como determinante pelo ambiente social ou cultura (SKINNER, 1981, 1987a).

Para Skinner (1953), a cultura é tomada como parte distintiva do comportamento humano, é como um conjunto das contingências sociais ao grupo ao qual pertence, uma vez que todo comportamento humano é visto também como um produto da história cultural. Ela se define como algo abstrato, sem uma temporalidade definida, envolvendo práticas comportamentais e seus produtos e que se reproduzem entre seus membros através das gerações.

A cultura como um processo dinâmico sofre constante influência visto que a sociedade como um todo passa por inúmeras mudanças, tais transformações ocorriam de forma lenta e gradual, porém a partir dos anos de 1930, com advento da indústria cultural, os impactos produzidos na sociedade através dos meios de comunicação, tais como rádio e televisão, têm provocado uma modificação expressiva no estilo de vida, condutas, atitudes, costumes e tendências das populações mundiais. A comunicação por satélite e o surgimento da *Internet* intensificou ainda mais tais mudanças dentro de um processo conhecido como globalização.

É através da comunicação que a própria cultura é disseminada, incorporada e convertendo, dessa forma, as tecnologias de informação em ferramentas indispensáveis. As tecnologias digitais de comunicação e informação possibilitam não só uma integração econômica mundial de características e alcance sem precedentes, assim como todo esse

processo é acompanhado por profundos sentimentos de desconexão, insegurança e segregação (RECUERO, 2014).

Em pesquisas recentes tem-se enfatizado que os conhecimentos socialmente construídos se integram mutuamente reunindo o comportamento dos indivíduos e os aspectos sociais de sua história (SÁ, 1995). Nesse âmbito há uma tentativa de reforçar as teorias iniciais de Skinner, somando aos estudos mais recentes que, de alguma maneira, dão continuidade as pesquisas por ele iniciadas. Analistas de comportamento, ao trabalharem com grupos e comunidades, partem do princípio skinneriano (SKINNER, 1983) de que é mais prático mudar a cultura do que o indivíduo, já que as mudanças nas práticas socioculturais sobrevivem ao indivíduo.

De acordo com Pierce (1991), a análise do comportamento social contempla uma análise experimental do comportamento social, o estudo dos processos e sistemas sociais e uma análise comportamental da cultura e da evolução das práticas culturais. E é através das relações conceituais entre contingências, seleção por consequências e contexto histórico e atual de reforçamento que os analistas de comportamento têm apontado, a partir de uma análise funcional dos sistemas e práticas socioculturais, direções exequíveis de mudança nas relações de contingência que mantêm as práticas de grupos e comunidades. Em termos mais amplos, isso significa começar "mudando o mundo em que as pessoas vivem" (SKINNER, 1991), conforme:

Elas [a espécie e a cultura] estão “além do indivíduo”, no sentido de serem responsáveis por ele e de sobreviver a ele. Entretanto, uma espécie não tem existência em separado da de seus membros; nem uma cultura tem existência em separado daquela das pessoas que a praticam. É somente pelos efeitos nos indivíduos que as práticas são selecionadas ou planejadas. (SKINNER, 1969/1984a, p. 212)

Para melhor compreensão do comportamento humano, é importante analisar as interações entre sujeito e ambiente. Se o ambiente humano é em grande parte composto pelos comportamentos e as ações de outras pessoas, é correto afirmar que o interesse especial da Análise do Comportamento pelo comportamento humano a obriga a tratar de fenômenos sociais. Os fenômenos sociais são como fatos ou eventos de interesse científico envolvendo os comportamentos de várias pessoas (ou de mais de uma pessoa) (SAMPAIO; ANDERY, 2010).

Para Sampaio e Andery (2010), o termo comportamento social pode sugerir uma diferença em como seria entendido o “comportamento individual”, uma vez que o modo como as pessoas agem, pensam, falam, ou como aprendem seriam diferentes em situações sociais e

não sociais. É dessa forma que expressões como “aprendizagem social”, “cognição social”, “dinâmica de grupo” e “fato social” são muitas vezes utilizadas.

Enquanto para a Análise do Comportamento, a base é construída a partir do estudo do “comportamento individual” esses já seriam suficientes para tratar com o que é normalmente taxado de “comportamento social”. Então, o termo “comportamento social” só se justificaria para enfatizar certas particularidades de um tipo ou subcategoria de comportamento – como todo comportamento, necessariamente “individual” (ANDERY; SÉRIO, 2006).

A princípio Skinner (1953, 1957/1992) parece igualar o comportamento social à contingência de três termos cujas consequências são produzidas com a simples participação de outro. Em tais contingências, o outro “participa meramente... como um objeto físico” (SKINNER, 1957/1992, p. 224). No entanto, seu comportamento não é relevante para a produção das consequências, agindo como um objeto físico. Nesse exemplo, a produção das consequências relevantes para o comportamento é direta e pode ser explicada apenas pelas ciências físicas, sem necessidade de recorrer às ciências do comportamento.

Nesse excerto, Skinner (1953/2003) refere-se não mais à “participação”, mas à “mediação” de outro e as consequências mediadas podem ser: (1) as próprias respostas operantes, (2) as consequências (reforços ou punições); e/ou (3) resultados diretos dessas respostas e consequências do outro indivíduo. Como exemplo, um professor ensinando matemática a um aluno ou uma criança fazendo birra a mãe para lhe comprar algo ou mesmo todo e qualquer comportamento verbal. Nesses casos, tanto o aluno como a mãe e o ouvinte agem como organismos vivos e, mais ainda, suas respostas não são feitas de maneira mecânica.

As pesquisas realizadas por Skinner são oriundas do empirismo filosófico, com a utilização de observação sistemática com controles de variáveis, de maneira que as teorias científicas propostas se baseavam na observação do mundo e não na intuição ou fé. Com esta perspectiva, o empirismo não apenas especifica o método de produção do conhecimento, como também uma posição filosófica, segundo a qual este conhecimento vem do mundo observável, e não das ideias (ou mente, consciência, psique, alma e afins).

Este aspecto é, pois, coerente com outros atributos do Behaviorismo radical, como o monismo (em oposição ao dualismo mente-corpo). Sendo assim, a proposta é observar comportamentos de maneira organizada e sob a forma esquemática da contingência de três termos, sendo que “as contingências se referem, especificamente, às condições, modo ou maneira pela qual estão arranjadas as relações entre um determinado comportamento e seu contexto” (CARRARA; ZILIO, 2008, p.13).

Normalmente, essas relações são compostas de longas cadeias de respostas, onde a resposta de um indivíduo é antecedente ou consequência para a do outro. Para fins de análise, as contingências descrevem relações entre comportamento e ambiente, buscando medidas concretas das variáveis implicadas sob determinado conjunto de circunstâncias, onde se faz um recorte da menor unidade funcional dessas cadeias.

Duas de suas obras, *O comportamento dos Organismos*, de 1938, e *Ciência e Comportamento Humano*, de 1953, consolidam seu interesse na área e o autor formula os princípios essenciais para a descrição e explicação das relações funcionais entre as atividades do organismo, mais especificamente o comportamento operante, como “comportamento” no âmbito das contingências comportamentais e os eventos ambientais antecedentes e consequentes.

Carrara e Zilio (2015) reforçam que há imensa gama de arranjos possíveis, possibilidades que são resultantes das inúmeras combinações entre as condições antecedentes, o comportamento e as situações subsequentes. Ao propor contingência de três termos, Skinner valorizou a escolha de delineamentos experimentais simples, onde privilegiou aspectos singulares a serem manipulados como variáveis independentes. Com isso, buscou garantir a eficiência no controle de variáveis divergentes e manter a descrição detalhada das eventuais relações de dependência entre as variáveis (dependentes e independentes), importantes para os temas investigados.

As contingências reportam-se mais intrinsecamente às condições e as relações entre um determinado comportamento e seu contexto, elas descrevem de maneira detalhada como uma ou mais respostas estão interagindo com o ambiente e o organismo. Desta forma, usa-se a descrição objetiva baseando-se em indicadores palpáveis, em que condições ocorrem e como estão organizadas, avaliam se as relações funcionais foram estabelecidas, instalaram-se ou mesmo se seria possível tal relação (CARRARA, 2008).

Entender a lógica como se relacionam o comportamento e o ambiente e em que condições é o cerne da teoria behaviorista, proposta pela Análise do Comportamento, que servirá de base para a análise dos dados da pesquisa aqui proposta.

Para Todorov e Moreira (2004), compreender como práticas culturais surgem se transformam, perpetuam-se ou deixam de existir, é o primeiro passo para poder, em algum grau, interferir no processo, visto que “há muita coisa errada acontecendo em nosso mundo e boa parte delas é gerada por práticas culturais, ou seja, pelo nosso próprio comportamento” (MOREIRA, 2013, p.93), portanto a análise do comportamento tem muito a contribuir.

Na obra “Ciência e Comportamento Humano”, Skinner (1953/2003) salienta que o “a presente condição infeliz do mundo pode ser em grande parte atribuída à nossa vacilação. As principais disputas (...) estão intimamente ligadas ao problema de controle e liberdade humana” (SKINNER, 1953/2003, p.10), onde percorre sobre os diversos aspectos que influenciam o comportamento humano, sejam eles binários como, democracia ou totalitarismo, estado ou indivíduo, *laissez-faire* ou sociedade planificada.

Skinner (1953/2003) ressalta que a principal técnica empregada para esse controle é classificar os comportamentos individuais como “bom” ou “mau”, ou como “certo” e “errado” e usar de reforço ou punição para exercer esse controle. De acordo com o autor, essa classificação inicial pode ter sido acidental:

Um aspecto conspícuo do comportamento que se relacionava apenas adventiciamente com eventos reforçadores ou aversivos veio a ser classificado com bom ou mau de acordo com isso (...). Uma classificação do comportamento pode continuar válida, muito tempo depois de ter sido ultrapassada: muitas vezes o comportamento continua a ser rotulado como bom ou mau, embora através de alguma mudança nas condições, já não seja mais reforçador ou aversivo. (SKINNER, 1953/2003, p.353 e 354).

Usando como referência o controle do grupo proposto por Skinner (1953/2003), como uma dicotomia entre bom e mau, comportamentos que são reforçados e comportamentos que devem sofrer punição e eventualmente ser extintos, isso dentro de um determinado grupo específico. Não há uma classificação formal desses comportamentos, eles acontecem geralmente quando um indivíduo que é controlado interage com o controlador.

Relevante conhecer o conceito de controle, apresentado por Skinner no livro "Ciência e Comportamento Humano" (1953/2003). Nesse livro, o autor expõe o comando exercido pela sociedade como um todo, de instituições políticas e religiosas, e da possibilidade de diversificar as agências de controle e limitar o seu poder. Skinner (1953/2003) insiste em utilizar o termo controle porque parte da premissa básica que é o comportamento, tanto animal como humano, como variável dependente observável, é sempre limitado por variáveis independentes, quer elas sejam identificáveis ou não.

Skinner (1953/2007) enfatiza que o controle está onipresente nas relações humanas, manifestando-se nas mais diversas formas e ressalta que o comando tende a ser visto sempre como algo maléfico, mas não podemos nos esquecer de que existem [manejos](#) inseridos nas contingências de reforço, dos quais não é possível escapar. Na verdade, para Skinner (1953/2007), a luta para a liberdade tem sido uma questão de libertar as pessoas do que se chama de controle aversivo que, na evolução do pensamento skinneriano, diz respeito a

questões sociais e culturais em uma tentativa de generalização de conceitos extraídos do laboratório de análise experimental do comportamento para instituições sociais.

Preocupado especificamente com algumas espécies de poder, Skinner (1953/2007) salienta a importância de se conhecer as variáveis que afetam o comportamento humano e como as práticas controladoras são empregadas por causa desse poder, neles estão incluídos todos aqueles fatores que condicionam o nosso comportamento e nos levam a agir para evitar determinadas respostas do ambiente ou das outras pessoas. Isso insere o conhecimento socialmente construído como um comportamento que é objeto de análise e que examina a diferença entre o comportamento governado por regras e o comportamento controlado por contingências.

Indagações de grande interesse social e que resgatam a responsabilidade social proposta por Skinner desde os primórdios de sua carreira, têm sido abordadas recentemente por vários analistas do comportamento, sistemas sócio econômicos, política, educação, políticas públicas, sistemas penitenciários, manipulação do comportamento por intermédio da informação, são alguns dos temas estudados por alguns desses analistas. Logo o interesse da Análise do Comportamento se alinha com os conhecimentos dos fenômenos sociais, cultura, comportamento social, como veremos posteriormente.

2.3 Primórdios da Polarização

Se o líder é formador de opinião e é capaz de motivar seus liderados a alcançarem objetivos e uni-los em prol da mesma causa, como compreender a influência dos líderes atuais na formação de conteúdos polarizantes? Para exemplificar:

“Eles estão enviando pessoas que têm muitos problemas, e eles estão trazendo esses problemas consigo. Eles estão trazendo drogas. Eles estão trazendo crime. Eles são estupradores.” (Donald Trump em um discurso anunciando sua candidatura presidencial) ¹

“O jovem judeu de cabelos negros fica à espera por horas a fio, satanicamente olhando e espionando a garota insuspeita a quem ele planeja seduzir, adulterando seu sangue e removendo-a do seio de seu próprio povo. O judeu usa todos os meios possíveis para minar os fundamentos raciais de um povo subjugado.” (Adolph Hitler, trecho do livro *MeinKampf*) ²

“Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro.” (Jair M. Bolsonaro, 2013) ³

¹ Donald Trump em comício em Delaware, Ohio - 20-10-2016 (Mandel NGAN/AFP)

² Trecho do Livro *Minha Luta* de Adolph Hitler https://archive.org/details/meinkampf_minha_luta/page/n1

³ Em entrevista à minissérie documentário *Out there*, exibida pela emissora britânica BBC, Bolsonaro disse ao apresentar Stephen Fry: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>

De acordo com Hobfoll (2018), não existe uma mensagem mais poderosa e primitiva do que a evocação da necessidade de proteger a família e a “tribo”. Para o autor, o sistema agressivo é primário e fundamental para os quais os seres humanos são biologicamente construídos. Isto se estende na defesa de seu modo de vida e das coisas as quais acredita, por conta desses sistemas se responde de maneira protetora e até agressiva contra qualquer ameaça à liberdade, a nação e ao próprio espaço.

Skinner defende o papel selecionista do ambiente (SKINNER, 1981/2007), segundo o qual os organismos mais bem adaptados ao meio têm maiores chances de sobrevivência, ao preconizar que determinadas características físicas e comportamentais são produtos de contingências de sobrevivência das espécies, Skinner (1981/2007) defende que os processos de variação e seleção estão presentes também nas histórias ontogenética e cultural dos indivíduos. Assim, os comportamentos dos indivíduos e as práticas de uma cultura também são produtos de processos de variação e seleção.

Há muito pouco tempo as ameaças de ataque e perdas devido à fome, guerra, violência e a doença não são partes essenciais da vida de uma parcela da raça humana. As ameaças foram minimizadas, grupos se uniram para dialogar evitando guerras, doenças foram combatidas pelas novas descobertas científicas e em muitos locais a fome foi banida.

As taxas de homicídios, conforme estudos acadêmicos, são até 30 vezes menores do que na época da Europa medieval, isso incluindo atos de terrorismo. (HOBFOLL, 2018). Condena-se a violência moderna, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. Há uma campanha pela volta dos “Bons e Velhos Tempos”, essas referências fazem parte de um imaginário grupal que não se atenta que as taxas de homicídios nos dois países eram muito maiores nos tempos coloniais e, devido à presença constante da lei, melhor policiamento e a redução da pobreza, resultou na diminuição expressiva dessas taxas.

Diante dessas constantes ameaças preconizadas por grupos que invadem as mídias sociais, justifica-se uma análise pormenorizada dessa influência na polarização de opiniões. Claramente, os meios de comunicação retratam sempre o mundo perigoso, programas diários da TV aberta, como “Cidade Alerta”, “Brasil Urgente” ampliam sua audiência mostrando aspectos trágicos e violentos do dia a dia no Brasil. Devido à ameaça contínua tão expressa nos noticiários diariamente e como mecanismo de controle ao longo do desenvolvimento humano, sempre entra em evidência a busca pela sobrevivência.

Hobfoll (2018) ilustra bem esse comportamento primitivo dando exemplos de comportamentos afiliativos, como instituições como Rotary e Lions, descritos como uma forma de manter e estabelecer a relação social. E agressivos, muitas vezes demonstrados em campos

de jogos, onde as equipes são fortemente influenciadas por uma dedicação quase nacionalista. Os fãs se vestem com cores tribais, carregam bandeiras dos times e gritam por sangue. Na Europa esse comportamento dos fãs se misturou ao nacionalismo da supremacia branca, uma mistura extremamente perigosa.

O futebol evoluiu de tempos medievais onde centenas de jogadores se envolviam em batalhas campais e aldeias e vilas resolviam suas disputas por terras e comércio. Avançando para os dias de hoje batalhas campais ainda assassinam torcedores de times rivais, como os noticiados recentemente no Brasil.

Não muito diferente do que acontece nos campos de batalha, também na política, a polarização é usada como um termo para designar a segmentação ideológica e desde a Roma Antiga, nos Governos de César, usava-se o termo *divide et impera*, dividir para conquistar. Nesse contexto a grande estratégia era distribuir o ódio entre os pares e deixar que esse ódio conduzisse o grupo a autodestruição.

Nesse processo divisivo os indivíduos tendem a não acreditar mais em seus pares e passam a agir com ódio e medo, agindo como se não existisse o outro e, a partir disso, dissemina-se a antipatia e começa a classificação, a separação de pessoas em grupos diferentes que possuem filtros, os dos que merecem consideração e apreço e o filtro do ódio e da ignorância.

Na Psicologia Social, mais especificamente em Myers (2014), que se utilizou de diversos experimentos para conceituar o pensamento de grupo, foram realizados estudos utilizando o conceito de mudanças induzidas pela discussão, como segue:

Pesquisadores fizeram pessoas discutirem declarações de atitude que a maioria delas era contra ou favor. Falar em grupos realçaria suas inclinações iniciais compartilhadas, como lidaram com os dilemas de decisão? Em grupos, os indivíduos que geralmente se arriscam correriam riscos ainda maiores, os fanáticos se tornariam mais hostis e os doadores se tornariam mais generosos? Isso é que a hipótese da polarização do grupo prevê. (MYERS, 2014, p. 76).

Considerando que foram realizados estudos para estabelecer o efeito da interação do grupo sobre julgamentos e formação de normas, pouco foi feito em relação a tal efeito sobre as opiniões e atitudes. Surge uma questão sobre eventuais diferenças entre as atitudes de um grupo e dos indivíduos compreendendo o grupo. A natureza de tais diferenças, se existirem, também precisam ser determinadas. Pesquisas tendem a apoiar as noções que indivíduos em situação social evitam expressar opiniões ou julgamentos extremos, e o consenso represente uma média, um compromisso entre posições individuais em opiniões ou escalas de julgamento.

Moscovici e Zavalloni (1969, p.125) observaram que "ao reagir com outras pessoas, a pessoa reage a elas . . . moderando seus julgamentos de modo a evitar a possibilidade de ser extremamente diferente de outros". Se frente a uma reunião social há uma tendência de se evitar opiniões extremas, será possível que o indivíduo sozinho e diante das mídias sociais poderá mudar esse comportamento e ampliar drasticamente seus posicionamentos?

Compreender esse fenômeno e descrever quais são suas variáveis, implicações e referências que corroborem sua existência a partir de uma análise mais detalhada, propor questionamentos para estudos futuros que ajudem na melhoria dos debates, que seja estimulado o consenso, onde a tendência passe a ser a de que opiniões radicais se anulem e o bom senso e a justiça prevaleçam. (CAVAZZA, 2008).

Segundo Cavazza (2008), é importante ressaltar que qualquer tomada de decisão ou formação de opiniões em grupo deve ser feita por grupos heterogêneos e compostos por membros de todas as partes envolvidas. Preferencialmente, que sejam dotados de visões divergentes e abertos as discussões complexas. A ausência de discussões sadias, mesmo com opiniões divergentes e contrárias, e a radicalização de ideias podem provocar o fenômeno da polarização.

2.4 Análise do Comportamento e os Problemas Sociais

Numa análise *en passant* dos grandes desafios enfrentados há muito tempo pela humanidade mostra-se que, em sua grande maioria, são dificuldades derivadas dos próprios comportamentos e de práticas culturais, como por exemplo: a disparidade social, uma realidade que ostenta muita desigualdade em decorrência da má distribuição de renda, fato constatado em quase todos os países. Conforme dados atribuídos pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) ⁴, os rendimentos de 1% das pessoas mais ricas do mundo são compatíveis àqueles de 57% da população mais pobre do planeta. Tais dados corroboram a grande diferença na concentração de renda entre ricos e pobres, refletindo diretamente na alimentação, bens de consumo, violência, corrupção e na falta de serviços elementares a população.

Neste sentido, de acordo com Moreira, Ramos e Todorov (2013) destaca o quanto a Psicologia tem sido descuidada em relação ao combate de alguns destes problemas:

Por que não separamos nosso lixo e o reciclamos de forma adequada?
Por que excedemos o limite de velocidade?

⁴Disponível em: <https://www.undp.org/content/dam/brazil/docs/RelatoriosDesenvolvimento/undp-br-rdh-pt-2001.pdf>. Acesso em: 29.06.2019.

Por que alguns dos nossos políticos, que também são seres humanos, agem em benefício próprio e não da sociedade?
 Por que segregamos alguns membros de nossa sociedade?
 Por que não usamos mais o transporte coletivo?
 Por que queremos tirar vantagem de tudo, mesmo que prejudique o nosso próximo?
 Por que simplesmente decidimos que devemos invadir e dominar outros povos ou que é hora de guerreararmos?
 Por que agredimos tanto o meio-ambiente? (MOREIRA, 2013, p.2)

Todas as questões levantadas anteriormente são ligadas a comportamentos enquanto relações que estabelecemos com o ambiente e suas consequências. Portanto, parece pertinente desenvolver pesquisas, métodos e análises que promovam uma mudança da realidade social através da mudança de comportamento. Parece muito simplista essa constatação, porém para Todorov e Moreira (2004), os problemas sociais existem porque não se sabe colocar em prática ações que transformem esse mundo em um lugar melhor e, basicamente, isso é um problema de mudança cultural e essencialmente uma mudança de comportamento.

Para Moreira, (2014, p. 9) “os homens não são essencialmente nem bons nem maus. Se fazem coisas erradas que prejudicam seus semelhantes, (...) é porque aprenderam a ser assim; e se, de fato, aprenderam a ser assim, é possível aprender a ser diferente.”. Há compreensão acerca de como seria um mundo sem problemas sociais, porém ainda não existe uma prática eficiente para que isso aconteça.

Embora pareça que a solução seja simples, quanto mais se aprofunda nos conhecimentos acerca dos comportamentos e suas relações com o ambiente, mais se torna necessário seus estudos para que efetivamente sejam feitas as mudanças comportamentais e culturais. Para que eventualmente isso ocorra, é importante a compreensão de alguns dos conceitos da análise do comportamento.

No intuito de facilitar a compreensão deste trabalho, é importante uma explanação um pouco mais detalhada acerca dos pressupostos da ciência do comportamento, fundamentos esses que orientam, instrumentalizam e evidenciam as diretrizes de ações dos analistas do comportamento nos ambientes digitais. O principal interesse de estudo é o comportamento, não enquanto fenômeno que revela outros fenômenos de interesse, mas como objeto por si mesmo (SKINNER, 1953/2003).

O objeto de estudo da Análise do Comportamento é o comportamento presente nas relações do organismo com o ambiente, e descrito por Skinner (1953/2003) como sendo algo extremamente complexo, não como um objeto em si, mas como parte de um processo. Isso exige dos cientistas uma análise mais detalhada e complexa, uma visão multifacetada e um senso de organização que deve surgir em qualquer observação do comportamento humano e a

análise traz uma visão de ser humano enquanto organismo que se comporta inserido numa rede de interações entre o organismo e eventos ambientais.

A definição dada por Sidman (1989/1995) complementa o conceito de comportamento já inserido no arcabouço teórico da análise do comportamento, como segue:

O que estamos chamando de “comportamento”? Quando falamos sobre comportamento nos referimos a coisas que fazemos: andar, correr, agarrar, cavalgar, dirigir um carro, relaxar, falar, cantar, escrever, ler, somar, sentar, cozinhar, comer, ensinar, estudar, entrevistar um candidato a um emprego, programar um computador, vender carros, tratar um doente, (...) pagar o aluguel, tomar remédio, escovar os dentes, relatar uma dor de dente, fazer um regime, exercitar-se. Todas essas ações são públicas: outras pessoas podem vê-las, medi-las e descrevê-las. Uma parte do comportamento é privada, não diretamente acessível a outros: pensar, falar para si mesmo, prestar atenção, sentir-se triste ou alegre, preocupar-se, divertir-se, imaginar. Comportamentos privados colocam problemas especiais de medida e descrição, mas ainda permanecem dentro do campo da análise do comportamento. (...) Nosso nível de interesse em qualquer comportamento particular usualmente depende de sua importância corrente em nossas vidas. (...) Outros tipos de comportamento podem parecer triviais, tão automáticos que raramente adentram nossa consciência: respirar, andar, pegar algo, até mesmo falar ou escrever. Mas, quando, ocorre um acidente ou uma doença, como quando um derrame nos impede ou a uma pessoa querida de movimentar-se ou falar, percebemos a extensão na qual somos o que fazemos. (SIDMAN, 1989/1995, p. 48-49).

Nesse excerto, Sidman (1989/1995) separa o comportamento em dois grupos: o comportamento público e o comportamento privado. Essa classificação proposta pelo autor conceitua também como comportamentos as atividades humanas. “Esses comportamentos privados se apresentam com características de medida e descrição próprias, mas ainda sim dentro do campo da análise do comportamento” (1995, p. 48). A ocorrência interna de um comportamento dificulta sua análise científica, porém não impede, de forma alguma, seu estudo.

Precipuamente é importante diferenciar os conceitos de “operante” e “respondente”, o primeiro termo “dá ênfase ao fato de que o comportamento *opera* sobre o ambiente para gerar consequências” é o comportamento que “produz algum efeito no mundo ao redor” e suas consequências “podem retroagir sobre o organismo” (SKINNER, 1953/2003, p. 64-65). O segundo conceito “respondente” difere na medida em que o último não produz consequências no ambiente que retroagem sobre o comportamento do organismo. Como por exemplo, a dilatação da pupila diante do estímulo provocado pela luz.

O Comportamento respondente é uma relação direta na qual um determinado estímulo produz uma resposta específica em um organismo fisicamente sadio. O respondente não se

define nem pelo estímulo nem pela resposta, mas sim pela relação entre ambos. Essa relação é representada pelo paradigma *S-R*, em que *S* denota o termo *estímulo* e *R*, *resposta* (CATANIA, 1999; SKINNER, 1938/1991, 1953/1965). Para caracterizar um comportamento como respondente considera-se a probabilidade condicional de ocorrência da resposta. Uma resposta é considerada reflexa quando tem probabilidade próxima de 100% na presença do estímulo e probabilidade próxima de 0% na ausência do estímulo (CATANIA, 1999).

A princípio os estudos das relações respondentes podem ser considerados limitados, na condição em que estas se referem unicamente a padrões comportamentais de cunho fisiológico responsáveis pela adaptação do organismo a mudanças no ambiente (SKINNER, 1953/ 1965). Entretanto, a compreensão dos processos respondentes é fundamental para a compreensão do comportamento humano.

Embora reconheça que tais processos representam somente um pequeno fragmento do repertório da maioria dos organismos e que é o comportamento operante o principal objeto de estudo da psicologia, Skinner (1938/1991, 1953/1965) defende que ignorar o princípio do reflexo seria um engano.

Além disso, ainda que o comportamento respondente e o comportamento operante sejam facilmente diferenciados no âmbito teórico, o mesmo não é verdadeiro na análise de qualquer situação concreta. Portanto, para produzir uma explicação completa de qualquer comportamento, é essencial examinar como contingências respondentes interagem com contingências operantes.

2.5 Comportamento político na construção da polarização

No estudo dos sistemas políticos, muitos cientistas, inclusive Bobbio (1909), consideram que existe polarização quando membros de um grupo passam a adotar posições parecidas entre si, vendo como inimigos todos aqueles com posições diferentes, que, por sua vez, podem passar por um processo similar. É um processo que promove o antagonismo, julgando ilegítimo qualquer argumento que esteja em desacordo ou não se encaixe nos termos definidos pela oposição: nós e eles.

Ortollado (2018) afirma que a polarização destrói a possibilidade de diálogo cívico, promovendo a desconfiança em relação àqueles que discordam. A aceitação e a institucionalização de mecanismos de solução pacífica de conflitos estão entre as características centrais da vida democrática. Uma polarização pode ocorrer quando grupos políticos ou mesmo sociais conseguem impor a um amplo espectro de atores, sob sua influência, o sentimento de

serem únicos donos da verdade e desqualificar a priori quem pensa diferente. (ORTOLLADO, 2018).

A compreensão do termo polarização pode ser facilitada por conceitos e ideias que perpassam as mais diferentes ciências. O termo é usado na engenharia e há vários trabalhos relacionados nas ciências humanas e sociais. Em ciências humanas este termo se completa sob diversos olhares, dentre eles há a polarização econômica descrita por Figueirêdo *et al.* (2007).

Com base nas PNADs de 1987 a 2003⁵, ocorre um substancial aumento da polarização na distribuição da renda no Brasil, associando esse resultado com o “fenômeno de desaparecimento da classe média” (p. 8, 2019). Os autores sugerem que o processo de abertura econômica promoveu um movimento de renda caracterizado pela polarização entre ricos e pobres.

As discussões acerca do desaparecimento da classe média mostram uma impressão equivocada de que polarização e desigualdade caminham juntas. Normalmente, o desaparecimento da classe média está relacionado a observações empíricas de esvaziamento das faixas de renda intermediárias, associadas ao aumento da participação dos estratos mais baixos e mais altos. A observação teórica básica é a de que a polarização deve ser entendida de um modo diferenciado do conceito de desigualdade que nem sempre ocorre. (FIGUEIRÊDO *et al.*, 2007).

Uma das hipóteses para compreender o fenômeno da polarização de opiniões é analisar comportamentalmente o momento de mudanças socioculturais profundas, principalmente, após as mobilizações que sacudiram o Brasil a partir de junho de 2013. Vários são os cenários de transposição que ocorreram tanto no campo intelectual, na política e na própria sociedade brasileira principalmente após as mobilizações de 2013⁶.

O mês de junho de 2013 ficou marcado por uma onda de protestos que, a partir de São Paulo, se espalhou por diversas cidades brasileiras, mobilizando milhares de pessoas no que se tornaria naquele momento, a maior série de manifestações de rua desde o movimento pelo impeachment do presidente Fernando Collor. Inicialmente, os manifestantes se opunham ao aumento no preço das passagens de ônibus, de R\$ 3 para R\$ 3,20. Aos poucos, no entanto, a pauta se ampliou.

⁵ PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios IBGE. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40. Acesso em 8 de junho de 2019.

⁶CHARLEAUX, J.P. **O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013.** E no que elas deram. Nexo Jornal LTDA. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

A frase “não é por R\$ 0,20”⁷, escrita em vários muros da capital paulista, deixou claro o desejo de extrapolar a reivindicação original. A violência policial ⁷ - cujo ápice ocorreu no dia 13 de junho, quando a Polícia Militar de São Paulo atacou manifestantes deixando mais de 150 feridos, despertou a solidariedade de pessoas que, até então, não tinham se envolvido com o movimento. Essa adesão ampliou a convocatória das marchas seguintes e, ao mesmo tempo, tornou os protestos mais diversos do ponto de vista ideológico.

A relutância - ou a dificuldade - em definir uma agenda centralizada de reivindicações claras fez com que as interpretações sobre a origem e as consequências das jornadas variassem até hoje, a depender de quem analisa o fenômeno.

Conforme Bringel e Pleyers (2015), de forma mais geral, existiram duas leituras nos meios acadêmicos, políticos e sociais. Uma primeira interpretação vincula as manifestações de junho de 2013 à esquerda, com uma proposta de aprofundamento democrático e participação popular, porém há uma mudança radical e as mobilizações de rua de 2015 se direcionam a outro polo, à direita, e como resultado uma guinada para uma postura mais autoritária e antidemocrática.

De fato, o histórico mostra um quadro sombrio para a eficácia de quaisquer intervenções que busquem a remissão das discórdias intergrupais. Mas os avanços na psicologia, em particular com a maior compreensão de como os comportamentos individuais são influenciados pelo grupo, oferecem novos caminhos para a compreensão dessas divisões.

Para melhor compreensão e alinhamento com o tema proposto, recorreremos ao trabalho de Bobbio (1909) que, a princípio, ratifica a ideia de que a direita (destra) e a esquerda (sinistra) nunca saíram de moda ou da cena mundial, ou seja, estão presentes de maneira paradoxal no senso comum. Por este motivo, o autor acrescenta que esta díade entre direita ou esquerda pode ser encontrada em outros campos do conhecimento.

Na Sociologia, que pensa a oposição entre (sociedade e comunidade); na Economia (privado e público); na Estética (clássico e romântico); na Filosofia (transcendência e imanência); esses são alguns exemplos de como são utilizados para apresentar oposições entre si.

É importante ressaltar que para Bobbio (1909) os termos que se contrapõem podem ser formados com origens diferentes. Isto quer dizer que existem díades que são divergentes e

⁷ LAPORTA, T. Protestos dos 20 centavos... <https://g1.globo.com/economia/noticia/protestos-dos-20-centavos-revelaram-descrenca-com-o-avanco-da-economia-veja-o-que-mudou-ate-agora.ghtml>. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

outras que são harmoniosas. Isto é, existem opostos que se complementam e outros que se distinguem.

Os termos, direita e esquerda se originam da divergência de sentido, um nega o direito da existência do outro. No entanto, refletindo sobre a oposição direita-esquerda, tem consciência de sua historicidade, tendo clareza que estes termos são fruto de um momento onde a divisão era bem clara e explícita historicamente.

Desde a Revolução Francesa (1789-1815), os conceitos de direita e esquerda se fazem presentes nos debates políticos e ideológicos, sobretudo no mundo ocidental. Neste ambiente revolucionário, a França se divide em duas posições, uma com políticas conservadoras e/ou liberais (direita) e outra com políticas progressistas e/ou revolucionárias (esquerda).

Esta nomenclatura se deve à ocupação dos lugares na Assembleia Nacional Constituinte; os Girondinos ocupavam o lado direito e os Jacobinos o lado esquerdo, isso categorizava os posicionamentos no interior dos sistemas políticos utilizados até os dias de hoje.

Inúmeros problemas e divergências surgiram desta polarização, sobretudo porque, a partir do século XIX, houve uma radicalização ideológica tanto de um lado, quanto do outro. Em geral, ambos os segmentos ideológicos, seja de direita, seja de esquerda, quando chegam à sua forma extrema, desenvolvem perspectivas utópicas com vistas a uma adequação do mundo à sua visão.

Essa perspectiva utópica tem seus fundamentos, tanto na direita quanto na esquerda, na expectativa apocalíptica cristã que, em seu âmago, tinha por meta aguardar a segunda vinda de Cristo e o juízo final. No mundo moderno tais expectativas transferiram-se para o domínio mais racional, terreno, econômico e, em geral, para a ação política e seu principal agente de transformação, o Estado.⁸

Como exemplo, os grupos de extrema direita, representados por movimentos independentes e partidos políticos com posicionamentos radicais, geralmente relacionados à exaltação do nacionalismo e seus aspectos culturais e históricos – em muitos casos – à percepção de superioridade em relação a outras culturas e até mesmo demonstração explícitas de comportamentos de preconceito e xenofobia.

E de acordo com Woshinsky (2008), no espectro oposto se apresenta a extrema esquerda de caráter internacionalista e em oposição às políticas de globalização financeira e ideológica. Visando à igualdade social e ao desmantelamento de todas as formas de estratificação social,

⁸FERNANDES, C. Direita e Esquerda. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/politica/direita-esquerda.htm>. Acesso em: 02 de junho de 2019.

os mais extremistas procuram abolir todas as formas de hierarquia, nomeadamente a distribuição desigual de riqueza e poder.

A extrema-esquerda procura uma sociedade em que todos têm oportunidades económicas e sociais iguais e ninguém tem mais riqueza ou poder do que qualquer outra pessoa e que sistemas desiguais devem ser derrubados pela revolução. (WOSHINSKY, 2008).

Seria possível que a utilização desses termos no cotidiano tenha se naturalizado de tal modo que suas representações perderam sentido? Esta é uma questão que suscita a crítica do autor sobre os termos. Bobbio (1909) identifica que outros pensadores apontam para que estes termos de direita e esquerda não são tão bons para serem utilizados no campo político, devido outras configurações existirem e outras questões perpassarem o campo sociológico, político e cultural, fugindo a um reducionismo de oposições.

Esta repulsa sobre os termos, direita e esquerda vem da constatação que hoje a sociedade já tem em conta a noção de pluralidade entre as relações e as questões que suscitam as relações disciplinares, interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar. E, nesta perspectiva, os múltiplos ambientes deste espaço apontam para a ruptura do maniqueísmo que não responde às divisões, mais faz parte de um todo complexo das questões e das relações.

De acordo com Silva (2014), na ciência política brasileira o uso da terminologia esquerda e direita é aceito, porém não é grande a ocorrência de discussão sobre qual é a definição de cada um desses espectros ideológicos. Em sua análise essa filiação ideológica não tem um significado próprio, é um sentimento e o eleitor subjetivamente sabe se é de direita ou de esquerda.

Como corrobora a pesquisa de Singer (2000), que traçou um paralelo entre os resultados das eleições brasileiras presidenciais de 1989 e 1994 e o perfil ideológico dos eleitores, esse perfil é baseado num contínuo “liberal-conservador” e “direita-esquerda”, não se apresenta cognitivamente estruturada e não define os campos ideológicos. Para o eleitor “saber o que é esquerda e direita”, trata-se mais de um conhecimento intuitivo, de um sentimento do que um posicionamento ideológico (SINGER, 2000, p. 49 e 142).

Há alguns anos Bresser-Pereira (1997, 2000 e 2006) se empenha em definir os conceitos de direita e esquerda. Este trabalho apresenta a seguinte conclusão:

A direita é o conjunto de forças políticas que, em um país capitalista e democrático, luta por assegurar a ordem, dando prioridade a esse objetivo, enquanto a esquerda reúne aqueles que estão dispostos, até certo ponto, a arriscar a ordem em nome da justiça – ou em nome da justiça e da proteção ambiental, que só na segunda metade do século XX assumiu estatuto de objetivo político fundamental das sociedades modernas. Adicionalmente, a

esquerda se caracteriza por atribuir ao Estado papel ativo na redução da injustiça social ou da desigualdade, enquanto à direita, percebendo que o Estado, ao se democratizar, foi saindo do controle, defende um papel do Estado mínimo, limitado à garantia da ordem pública, dando preponderância absoluta para o mercado na coordenação da vida social (BRESSER-PEREIRA, 2006, p. 26-27).

Nesse artigo o autor se contrapõe a Bobbio (1909), como já exposto anteriormente, Bresser-Pereira (1997) resume desta forma: “Bobbio diz que é de esquerda quem defende a igualdade, quem luta por uma distribuição de renda mais igualitária, por mais justiça social. E é de direita quem não tem este objetivo como prioridade, quer o livre mercado, vendo a desigualdade como inevitável” (BRESSER-PEREIRA, 1997, p. 55).

Apesar de os conceitos de Bobbio (1909) serem fundamentais ao estudo da política, mostrando as tensões e suas consequências, ainda sim é, ao final, predominantemente econômico. Assim, a polarização entre esquerda e direita aparece atrelada à polarização entre liberais e socialistas.

Resumidamente, as principais diferenças entre as ideologias de esquerda e de direita se centram em torno dos direitos dos indivíduos e o papel do governo. Os termos liberal e conservador são utilizados na definição das pautas apoiadas. A esquerda acredita que a sociedade melhora quando um governo tem um maior papel, garantindo direitos e promovendo a igualdade entre todos. E a direita acredita que a sociedade progride quando os direitos individuais e as liberdades civis têm prioridade, e onde o poder do governo é minimizado. Enquanto os liberais possuem uma visão mais progressista e a favor de mudanças, os conservadores possuem uma visão mais tradicional da ordem social existente.

As transformações que ocorreram na última década afetaram de diversas maneiras as classes sociais, principalmente frustrando a classe média que viu seus padrões de consumo, rotinas, hábitos ameaçados por uma parcela da população que saiu da pobreza e passou a ter acesso a certos serviços, espaços e direitos que antes eram exclusivos a sua classe. Nesse ínterim ampliam-se ainda mais as clivagens de gênero, raça, classe e origem, e a indignação se alastra nos protestos de 2013, onde já coabitavam posturas polarizadas e se amplia exponencialmente a partir das manifestações de 2015.

Hoje, talvez seja possível detectar mais facilmente os dois polos diametralmente opostos, com uma diversidade de situações intermediárias possíveis. De um lado, um campo mais progressista e democrático que age orientado por valores como a igualdade, a justiça, a pluralidade, a diferença e o direito individual. Do outro lado, um campo reacionário, marcado

pelo autoritarismo, certos traços fascistas e antidemocráticos, pela defesa dos privilégios de classe, da propriedade privada e de uma visão sempre evasiva da liberdade.

Os efeitos sociais e culturais dessa polarização emergem em novos espaços e atores, aumentando o conflito e favorecendo a transformação das formas de ativismo e militância que foram levados a um novo cenário, o da tecnologia e sua capilaridade proposta pelas mídias sociais. O ambiente que transformam suas identidades sociais e seus valores políticos numa nova reconfiguração dos grupos sociais e a geração de novos enquadramentos sociopolíticos.

De um lado uma camada da sociedade, grupos organizados em associações, conselhos e entidades representativas têm militado em plataformas e movimentos denunciando os abusos do Estado, principalmente violência, racismo e a criminalização. Do outro lado perpetuam-se as estruturas de dominação e as formas de dominação com discursos da meritocracia e aceitação da desigualdade social como inevitável. Tais posturas reforçam a polarização existente na sociedade brasileira.

Independentemente de suas posições políticas, as manifestações que ocorreram no Brasil na última década espelham a desafiadora realidade de uma nova “geopolítica da indignação global”. O mundo também sofre esse modelo de divisão, o outro é inimigo, principalmente se pensa diferente. Mudam-se as configurações que afetam não somente os atores, mas as práticas de mediação de expressividade e as visões de mundo se perdem entre os sujeitos e as organizações (BRINGEL; PLEYERS, 2015).

Tal momento propicia uma mudança drástica na militância, casos de corrupção, uso indevido do dinheiro do trabalhador e pouca ou nenhuma reivindicação desencadeiam o afastamento dos indivíduos de seus sindicatos, partidos e até de movimentos sociais. Esse desligamento é mobilizado de forma viral, onde há uma maior visibilidade no descrédito das instituições, apelo midiático na corrupção de determinados partidos políticos e o aumento na visibilidade de um só indivíduo, a criação do “salvador da pátria”.

Diante disto, o engajamento muda e se insere em pequenos grupos, coletividades que compartilham ideias e interesses comuns, o ativismo se incorpora no mundo digital, novas tecnologias e novas formas de comunicação se tornam ferramentas de compartilhamento e posicionamento de ideias e ideologias.

2.6 Teoria das Molduras Relacionais e o Momento Político

A Análise do Comportamento tem um papel crucial na compreensão dos fenômenos culturais. Entende-se que “cultura é comportamento adquirido pelos seres humanos enquanto membros de grupos sociais” (de ROSE, 2016, p.203). O autor considera que os respondentes

são componentes essenciais das práticas culturais apesar de não ser unanimidade entre teóricos da Análise do Comportamento ao defenderem que as práticas culturais sejam restritas a operantes.

O argumento de de Rose (2016) também considera que os símbolos que transpassam as culturas participam de redes de relações simbólicas que transferem e/ou transformam funções de estímulos. Portanto, para o autor a análise comportamental da cultura não pode desconsiderar os respondentes e nem a formação de redes simbólicas que modificam as funções de estímulos (de Rose, 2016).

Os primeiros experimentos com o rótulo de Teoria das Molduras Relacionais (do inglês *Relational Frame Theory* - RFT) foram apresentados na década de noventa, tais pesquisas foram influenciadas pela junção dos dados sobre equivalência de estímulos e governança verbal (cf. Hayes *et al.*, 2001; Hayes; Brownstein, 1985, Hayes; Hayes, 1989 apud Perez *et al*, 2013). Nesses experimentos foi proposto que diferentes tipos de relações arbitrárias entre estímulos é uma outra maneira pela qual estímulos podem adquirir função, ampliando o potencial da Análise do Comportamento para lidar com fenômenos tradicionalmente relacionados à linguagem e à cognição. (PEREZ *et al*, 2013).

A Teoria das Molduras Relacionais (TMR) ou *Relational Frame Theory* (RFT – HAYES; BARNES-HOLMES; ROCHE, 2001) é considerada uma das explicações mais recentes dentro da Análise do Comportamento que se propõe a estudar linguagem e cognição humana, analisando especialmente a relação existente entre tais fenômenos. Uma das principais linhas de pesquisa da RFT foca na investigação científica da maneira pela qual nós adquirimos nossa linguagem em todas as suas dimensões e como esse processo está intimamente relacionado com o desenvolvimento de outros fenômenos cognitivos.

De acordo com a RFT, é preciso entender como nós, seres humanos, somos capazes de estabelecer relações arbitrárias entre os vários estímulos que se encontram em nosso ambiente. Dessa forma, até mesmo um fenômeno como a inteligência também estaria correlacionado com o estabelecimento e manutenção dessas relações arbitrárias. Tal perspectiva está em conformidade com a noção de que diferentes contextos culturais, o que também implica em diferenças linguísticas (diferenças nas convenções morfológicas, sintáticas e semânticas de uma determinada língua ou dialeto), influenciam nossa compreensão de inteligência (BORODITSKY, 2011).

Como proposto pela RFT, além de aprender a relacionar estímulos arbitrariamente como se fossem equivalentes ou iguais (“Essa bandeira representa a Esquerda”), os estímulos podem se relacionar por oposição (“Direita é o oposto da Esquerda”), diferença (“Liberalismo

é diferente de Socialismo”), comparação (“Capitalismo é melhor que Comunismo”), hierarquia (“O Liberalismo faz parte do Capitalismo”). Também podem ser estabelecidas relações espaciais (“O Nordeste votou na Esquerda”), temporais (“Na época dos militares era melhor”), de causalidade (“Se você votar na Esquerda, o Brasil não crescerá”) e relações dêiticas ou que dependem da perspectiva do falante e do ouvinte (“Se eu fosse você, não votaria nesse candidato!”).

O comportamento de estabelecer relações arbitrárias é o operante estudado pela RFT e para compreender como os estímulos são relacionados é preciso recuperar o conceito de abstração. Abstrair é responder sob controle de uma única propriedade comum a vários e diferentes estímulos. Nas palavras de Skinner (1953/1965, p. 134):

O comportamento pode ser colocado sob controle de uma única propriedade ou de uma combinação especial de propriedades de um estímulo, ao mesmo tempo que liberado do controle de todas as outras propriedades. O resultado é conhecido como abstração.

Os elementos mais significativos de uma cultura estão permeados de símbolos, seja na arte, na religião, os mitos, na linguagem, essas representações são manifestações que se sustentam sobre a capacidade simbólica humana. Os avanços na análise do comportamento ampliaram significativamente a compreensão sobre os símbolos e como eles controlam comportamento (de ROSE, 2016).

A partir do trabalho de Sidman e colaboradores (SIDMAN, 1986, 1994, 2000; SIDMAN; TAILBY, 1982) e de De Rose e Bortoloti, (2007), um símbolo passou a ser compreendido como um estímulo que participa de uma relação de equivalência com outros estímulos fisicamente dissimilares e, em virtude desta relação de equivalência, torna-se, em alguns contextos, um substituto destes outros estímulos, passando a ser tratado virtualmente como se fosse o estímulo que ele simboliza. Análises experimentais permitiram em estabelecer relações de coordenação entre estímulos sem similaridade física entre si. Estas relações são estabelecidas arbitrariamente. Como exemplo, a relação entre um objeto e a palavra que o designa, é convencional, como o são as relações entre, por exemplo, uma logo e sua empresa ou um mesmo um emoji⁹ e a representação de seu significado. Para de Rose, (2016) uma das

⁹ Emoji (絵文字 *lit. pictograma*³) é uma palavra derivada da junção dos seguintes termos em japonês: e (絵 "*imagem*"³) + moji (文字 "*letra*"³). Com origem no Japão, os emojis são ideogramas e smileys usados em mensagens eletrônicas e páginas web, cujo uso está se popularizando para além do país. Eles existem em diversos gêneros, incluindo: expressões faciais, objetos, lugares, animais e tipos de clima. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoji>>, acesso em 30 de janeiro de 2020.

propriedades mais importantes das relações de Coordenação é que a aprendizagem direta de algumas relações permite que outras emergjam, ou sejam derivadas. Como no exemplo citado por de Rose (2016, p. 210):

(...) se um indivíduo aprende diretamente que dois estímulos (A e B) são coordenados (equivalentes) a um terceiro (C), então a relação de coordenação entre A e B pode emergir. Uma relação de coordenação entre A e B também pode emergir quando se aprende diretamente que A e B são opostos a um estímulo C. Quando vários estímulos são equivalentes entre si (coordenados) fala-se em uma classe de estímulos equivalentes. Como os membros da classe são relacionados a outros estímulos por relações de oposição, comparação, causalidade etc., os estímulos fazem parte de complexas redes relacionais. Tais redes podem ser “sintetizadas” em laboratório, com estímulos desprovidos de significado, como é feito frequentemente na pesquisa sobre relações derivadas.

Estímulos coordenados são, em determinados contextos, intercambiáveis entre si. A palavra “Direita e Esquerda”, por exemplo, podem ser usadas na determinação de localização ou serem usadas na representação de viés ideológico. Conforme o contexto que o indivíduo está inserido, outros estímulos podem ser coordenados com estes, como, por exemplo, Socialismo, Liberalismo etc. Um dos aspectos mais importantes desta substitutabilidade entre estímulos coordenados é chamado de transferência de funções.

Estudos confirmam que funções atribuídas por treino direto a um estímulo passam a ser compartilhadas pelos estímulos coordenados a ele, sem necessidade de qualquer treino direto (de ROSE, 2016). Nisso estão incluídas muitas funções, essas funções podem ser agrupadas em discriminativas, eliciadoras e reforçadoras condicionadas. Sendo assim, se um estímulo é discriminativo, eliciador, ou reforçador condicionado, estímulos coordenados a ele podem adquirir estas mesmas funções, mesmo que não tenha havido para eles um treino específico de discriminação operante ou de condicionamento respondente.

As relações de coordenação (equivalência) podem reproduzir os efeitos do condicionamento respondente para estímulos que não tenham sido diretamente emparelhados com o estímulo incondicionado. De forma semelhante, podem reproduzir efeitos de um treino discriminativo operante (de ROSE, 2016) ou de um treino para estabelecer reforçadores condicionados (HAYES *et al.* apud de ROSE, 2016). De Rose (2016), utilizou como exemplo uma figura onde estavam os dois ex-presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso e suas representações mais simbólicas, enfatizando que cientistas políticos e outros

estudiosos poderiam discutir o que seja “esquerda” e “direita” e que agrupamentos políticos fazem jus a esse ou aquele rótulo.

Utilizando como base o exemplo de De Rose (2016) e trazendo para a atual situação política brasileira, muitos consideram “de esquerda” o Partido dos Trabalhadores (PT), que tem como distintivo a estrela, como cor o vermelho, como número eleitoral o 13, como um partido socialista (embora muitos também questionem essa atribuição de “esquerda”). Aqueles que antes consideravam como “de direita” o Partido da Social Democracia Brasileira, que tem como distintivo o tucano, como cor o azul, como número eleitoral o 45, e como figura mais proeminente o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, hoje após as eleições de 2018 se referem à “Direita”, como o partido do atual presidente Jair M. Bolsonaro, reiterando que a classificação “de direita” também pode ser questionada por muitos. Esse exemplo pode eventualmente corresponder as diferentes atitudes de um grupo de indivíduos que podem ser contestadas por indivíduos com perspectivas diferentes, isso demonstra como funções de estímulos se transferem ou se transformam em redes relacionais.

Para os indivíduos cujas atitudes políticas sejam capturadas por esses extremos ideológicos, outras relações de coordenação podem ocorrer: a esquerda, por exemplo, pode representar para alguns que está coordenada com o bem e para outros com o mal, com a justiça ou injustiça social, o progresso ou retrocesso do país, a perda de direitos, etc. É importante ressaltar neste exemplo o comportamento em relação a um elemento importante de muitas culturas, a política. Pode ser caracterizado em termos de redes de relações de coordenação.

Pesquisas experimentais têm analisado como atitudes e redes relacionais se aplicam nos aspectos religiosos, raciais, de relacionamentos e até a relação com times de futebol. Para de Rose (2016) essa interpretação comportamental de atitudes é um campo ainda incipiente, porém muito promissor para uma abordagem da cultura. Compreender a conformidade (ou não) de padrões culturais depende, basicamente, de uma história de condicionamento operante e respondente e esta história que atribui aos estímulos funções discriminativas, eliciadoras e de reforço condicionado.

Skinner (1953) usa como exemplo, quando um estímulo verbal “errado” funciona como reforçador negativo condicionado (assim como “certo” funciona como reforçador positivo condicionado) é profusamente utilizado por grupos para controlar o comportamento de seus membros. O estímulo verbal “errado” também é um estímulo discriminativo (usado para mudar o comportamento, ao mesmo tempo que “certo” é discriminativo para manter o comportamento), tais estímulos eliciam respondentes, que podem ser muito poderosos

dependendo da história de condicionamento do indivíduo e de como esse comportamento errado é representado.

Entretanto o condicionamento direto em si mesmo não é capaz de elucidar todas as questões, para de Rose (2016) a transferência de funções, funções eliciadoras, discriminativas e reforçadoras condicionadas se expandem através de uma rede de relações de equivalência. Como no exemplo dado pelo pesquisador, bem e mal, são estímulos que provavelmente adquirem funções reforçadoras, discriminativas e eliciadoras por treino direto. A realidade de determinados indivíduos pode estabelecer relações entre “mal” e “esquerda” ou entre “mal” e “direita”, o que aumenta exponencialmente a gama de estímulos que diferentes grupos podem usar no controle do comportamento (DE ROSE, 2016). Desse modo, um partido político que entende a “esquerda” como “mal”, eventualmente pode punir o comportamento de seus correligionários através de uma ampla gama de estímulos verbais e algumas generalizações como esquerda 13, o apartamento é 13 então é mau, que sejam por sua vez coordenados com “esquerda” (como, por exemplo, comunista, radical, etc.), enquanto estímulos verbais em relação de oposição com “direita” podem adquirir funções reforçadoras como o número 17, o cep é 17, então é bom . Importante ressaltar que de acordo com de Rose (2016) todos os estímulos destas redes relacionais eliciam respondentes.

2.7 Mudanças comportamentais com o uso das mídias sociais

A Análise do Comportamento se baseia em investigação conceitual, empírica buscando prever e compreender o comportamento bem como os seus determinantes. Analisando o ser humano em sua interação com o meio, Skinner (1974) acreditava que o comportamento humano, mesmo em sua complexidade, pode ser estudado cientificamente e mostrou em seus estudos que é possível e plausível a união de uma ciência do comportamento com fenômenos complexos e subjetivos ao ser humano como a emoção, tema que será utilizado nesta pesquisa.

Skinner (1974) ressalta que a emoção não é a causa do comportamento, a possível “causa” faria parte de uma corrente composta pelos elos comportamento, emoção e evento externo anterior. As reações emocionais (medo, alegria, raiva, tristeza, excitação sexual, ansiedade etc.) possuem um valor de sobrevivência à espécie, na medida em que reações fisiológicas nos preparam a reagir de acordo com a situação em que estamos. Essas emoções surgem em contextos específicos, ou seja, estão vinculadas a algum evento ambiental que as ativou, mesmo que esse evento não esteja explícito no momento.

Ao longo da nossa história filogenética, desenvolvemos comportamentos necessários à sobrevivência da espécie, chamados de reflexos inatos. Consistem em alterações no ambiente

que produzem uma alteração no organismo, preparando-o então para interagir com esse ambiente, representando um conjunto de comportamentos e relações fixas, involuntárias e automáticas, características de cada espécie, desde a vida uterina. Assim, contraímos os músculos quando tocamos uma superfície quente, salivamos ao sentir o cheiro dos alimentos e temos também reações emocionais diversas que nos ajudam em determinadas situações.

É importante salientar que para Skinner (1974), a natureza daquilo que acontece dentro da pele não difere de qualquer comportamento observável. Dessa forma, a emoção, mesmo sendo um comportamento privado (um evento que pode ser observado apenas por aquele que se comporta), deve ser levada em conta e estudada com base nos mesmos princípios dos comportamentos públicos observando a tríplice contingência: que expressa as relações entre o organismo e seu ambiente, ou seja, a ocasião, a resposta e suas consequências.

Um fenômeno de grande complexidade como a emoção precisa levar em consideração os vários mecanismos e eventos que influenciam de alguma forma os estímulos que participam de suas relações. Não é, portanto, apenas uma alteração no organismo. Quando um indivíduo anuncia alguma emoção (estou zangado, por exemplo), traz consigo uma predisposição para agir de maneiras específicas (como emitir respostas de agredir, falar mal, ter os batimentos cardíacos aumentados, franzir o cenho – no caso de estar zangado, por exemplo). “Os nomes das assim chamadas emoções servem para classificar o comportamento em relação a várias circunstâncias que afetam sua probabilidade.” (SKINNER, 1974, p. 178).

Skinner (1974) também afirma que algumas emoções alteram apenas uma parte do repertório do organismo, por exemplo: simpatia e divertimento, enquanto outras o alteram como um todo, como tristeza e alegria. Skinner (1974, p. 179) também aponta para isso quando afirma que “as respostas que variam juntas em uma emoção o fazem em parte por causa de uma consequência em comum”, o que não indica necessariamente o todo ocorrido. Mesmo assim, uma emoção não pode ser reduzida a uma única classe de resposta ou atribuída a um único conjunto de operações. Uma emoção desencadeada por uma circunstância pode ter um aspecto diferente numa outra ocasião (SKINNER, 1974).

Como os indivíduos passam constantemente por situações de aprendizagem ao longo de sua vida e em momentos que determinados comportamentos são reforçados e outros não. Respostas previamente condicionadas são constantemente emparelhadas a estímulos neutros e a outras respostas anteriormente condicionadas, desencadeando condicionamentos de ordens múltiplas, aumentando sempre mais a complexidade do comportamento humano, inclusas aí as emoções.

Entende-se assim, que para a Análise do Comportamento, a emoção se refere a uma alteração na predisposição para a ação e não a um estado do organismo. Ela consiste nas relações onde há alterações em um amplo conjunto de comportamentos e de operações ambientais, em uma mudança no repertório do indivíduo, incluído aí os respondentes fisiológicos, como respostas dos músculos e glândulas. É importante que as emoções sejam analisadas com base nas relações entre organismo e ambiente, e não apenas com base nas mudanças fisiológicas, tendo sempre em vista sua constante complexidade.

Além dos benefícios do uso das tecnologias, podemos destacar também seus diversos efeitos deletérios, assim como os citados por Beard e Wolf (2001), que optaram pelos termos "uso problemático", "excessivo", "mal-adaptativo", já que implica um conceito diferente da expressão "dependência da *internet*", de natureza eminentemente psicopatológica. Essa definição parece ser mais útil para descrever comportamentos associados ao uso disfuncional de *Internet* cujas consequências negativas incluem o lado pessoal, profissional e / ou acadêmico para o usuário.

Existe uma complexidade de fenômenos envolvidos ainda a serem descobertos. Em decorrência disso, parece pertinente compreender como as mídias sociais influenciam no posicionamento de ideias. Muitos pesquisadores têm focado seus esforços em conhecer e descrever tais influências, dentre eles os psicólogos Green e Simons (2018), pesquisadores da Universidade de Búfalo (USA).

Os autores afirmam que a opinião social pode ser uma fonte de ameaça, independentemente de sua relação com o próprio comportamento do indivíduo. Além das teorias que serão apresentadas na sequência, Green e Simons consideram que as pessoas são avessas à divergências entre suas próprias opiniões e as dos outros. O que ocorre é que pessoalmente somos mais polidos para apresentar um ponto de vista, diferente do ambiente das mídias sociais em que o filtro da polidez não necessariamente é considerado.

Esse efeito tem o potencial de ser socialmente perturbador, devido à consequências interpessoais da ameaça (SIMONS; GREEN, 2016). Discussão e diálogo são mecanismos importantes para as pessoas aprenderem sobre questões sociais urgentes e resolver divergências. No entanto, esses resultados são improváveis de ocorrer se o tópico da discussão for fazer com que os indivíduos se sintam ameaçados.

É fato que os meios de comunicação possuem grande capilaridade e as sociedades contemporâneas se relacionam com esta capacidade de propor definições e tendências, que intercedem e operam de forma incisiva nos processos sociais. Conteúdo das mídias sociais

caminham por entre os grupos e podem definir referências e padrões que servem como guia e identificação.

Os conteúdos agem em prol de interesses próprios que normalmente circulam em torno dos interesses políticos e econômicos e, muitas vezes, esses interesses são negligenciados. No trabalho realizado pela cientista política alemã Noëlle Neumann (1995), corrobora-se a importância da mídia na mudança de opinião, a partir da noção de que as pessoas preferem omitir suas opiniões para se manter em grupos. Para Neumann, entre outras coisas, os seres humanos possuem uma natureza social que lhes causa medo de isolamento, o que os influencia consideravelmente em seu comportamento.

Um comportamento de esquiva ao falar sobre tópicos divisórios ou polarização seria, portanto, um obstáculo à coesão social, pois os indivíduos ameaçados não são bons parceiros de discussão. As pesquisas mencionadas anteriormente demonstram evidências de um obstáculo psicológico à resolução de temas polarizantes, temas com questões sociais que dividem os grupos em polos opostos. Além dos obstáculos psicológicos, muitos estudos confirmaram a existência de um uso compulsivo ou dependente de *internet* (ABOUJAOUDE; KORAN; GAMEL; LARGE; SERPE, 2006; CHOU; CONDRON; BELLAND, 2005; GREENFIELD, 1999a; SHAW e BLACK, 2008; YOUNG, 2007).

Greenfield (1999b) descobriu que aproximadamente 6% das pessoas que usam a *internet* o fazem compulsivamente, muitas vezes com consequências negativas sérias. Entretanto, ainda existem muitas perguntas a serem respondidas antes de se chegar a apenas um fator comum sobre os efeitos do uso da *internet*, assim como sua influência no cotidiano dos indivíduos.

3. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO E TECNOLOGIA

A tecnologia caminha junto com a Análise do Comportamento e Skinner (1953/2003) sempre buscou fazer ciência que produzisse conhecimentos consistentes e novas interpretações do mundo. Com grande interesse epistemológico e um extenso trabalho de pesquisa experimental, tanto com animais quanto com pessoas, propôs soluções que utilizando-se da tecnologia mudaram os rumos da ciência estudada por ele. Com tal aproximação, Skinner (1953/2003) evidenciou a necessidade de que os analistas do comportamento se engajassem em questões sociais e culturais, e que assumissem o desafio de apresentar discussões e apontar soluções para os problemas sociais que envolvessem a relação entre o indivíduo e a tecnologia.

Essa relação tão próxima entre a tecnologia e a Análise do Comportamento fora até criticada nos primórdios da Análise Experimental do Comportamento, porém Skinner desenvolveu em sua carreira alguns dispositivos que tinham como principal função resolver problemas de seu cotidiano. Em seu artigo *A Case History in Scientific Method*, de 1956, Skinner (1965) relata a criação de um equipamento que facilitava os experimentos com ratos que recebiam automaticamente os reforçadores, esse equipamento ainda é muito utilizado em pesquisas experimentais e convencionou-se a chamá-lo de Caixa de Skinner.

Assim, nasce o primeiro registro cumulativo e o padrão de resposta torna-se uma variável dependente prática e observável (JOHNSON, 2014 a, p.60), guiando os primeiros passos das pesquisas comportamentais e orientando a Análise do Comportamento.

Skinner (1965) acreditava que muitos problemas de aprendizagem eram resultado de manejos de contingências de reforçamento, verificando que muitos professores não tinham condições de promover antecedentes e consequências para garantir uma alta probabilidade de comportamentos adequados a seus alunos. Suas reflexões e seu grande interesse pela tecnologia o levaram a criar as “Máquinas de Ensino” que, junto ao ensino programado, mostrou-se muito à frente de seu tempo.

Com o desenvolvimento dessas máquinas, nos idos de 1960, Skinner já vislumbrava o uso da tecnologia para facilitar o ensino e aprendizagem, hoje pode se afirmar que as Máquinas de Ensinar são as precursoras e se assemelham muito aos cursos à distância (EAD), onde as tarefas também são divididas em módulos e há reforço em cada fase concluída.

3.1 Análise do Comportamento, Internet e Mídias Sociais

Plaud publica em 1996 um artigo onde define *internet* como uma coleção de milhares de computadores em expansão pelo globo, dedicados ao compartilhamento de informações. O autor destaca alguns pontos que poderiam ser importantes para a Análise do Comportamento: a troca de informações entre os pesquisadores da área, a disseminação de conteúdos e apresentação dos dados através de revistas *online* e a promoção e divulgação de serviços na Análise do Comportamento.

Pouco mais de duas décadas após a publicação do artigo de Plaud (1996), a tecnologia passa a fazer parte do cotidiano de um número expressivo de pessoas, ferramentas são criadas continuamente e isso acontece de um modo tão rápido que se torna difícil se manter atualizado diante de tantas transformações. A *internet* que antes se restringia a grandes empresas, centros de pesquisa, hoje é encontrada em praticamente todo o planeta através da imensa capilaridade de suas redes, acessadas pelos mais diversos acessórios, sejam eles, smartphones, tablets, relógios

e até óculos. Portanto, ao compreender os efeitos e o potencial que a *internet* possui, vislumbram-se muito mais opções do que já apontava Plaud (1996), de maneira que as possibilidades do uso e compreensão de suas inúmeras ferramentas constituem, para a Análise do Comportamento um campo fértil de possibilidades.

Há uma grande diferença nos termos básicos, como mídias sociais e redes sociais, deixando claro que mídias sociais e redes sociais não são a mesma coisa. O termo rede social é um termo já antigo, que basicamente significa criar relacionamento com as pessoas compartilhando objetivos e valores em comum. Portanto, não é preciso estar conectado à *internet* para fazer parte de uma rede social.

Para compreensão do ambiente onde será analisada esta pesquisa é importante descrever como funciona esta teia de relacionamentos, dados e informações localizadas no ambiente chamado *internet*. Reforçando que a cada dia surge um neologismo, ficando quase impossível acompanhar e saber o significado de todas essas novas palavras e sentidos que despontam nesse ambiente, desta forma, os temas apresentados a seguir representam apenas um recorte, por conta disso neste momento *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* são mídias sociais, assim como o *YouTube*.

Um estudo recente da União Internacional de Telecomunicações (UIT), agência das Nações Unidas, apontou que mais da metade da população mundial está conectada à *internet*. São 3,9 bilhões de pessoas¹⁰ (o equivalente a 51% da população mundial) ligadas à rede. E mesmo com problemas de privacidade expostos a seguir, a *internet* se configura como um meio de comunicação popular.

3.2 Ferramentas de Controle nas Mídias Sociais

Os problemas na segurança dos dados expostos no caso Cambridge Analytica¹¹ - assessoria britânica que trabalhou para a campanha eleitoral do presidente americano, Donald Trump em 2016 - a assessoria utilizou um aplicativo para coletar informações privadas de 87 milhões de usuários sem seu conhecimento e depois utilizou estes dados para enviar publicidade política especialmente adaptada e informações manipuladas para ajudar Trump a ganhar a eleição contra a então candidata democrata Hillary Clinton. A empresa foi condenada por um

¹⁰ Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/01/com-39-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-o-que-acontece-na-web-em-um-minuto.htm>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/01/09/cambridge-analytica-se-declara-culpada-por-uso-de-dados-do-facebook.ghtml>. Acesso em: 18 de junho de 2019.

tribunal de Londres a multa de 15 milhões de libras (US\$ 19,1 mil ou 16,7 mil euros) e terá ainda de pagar os custos do processo.

A Cambridge Analytica se declarou culpada por descumprir uma ordem do regulador britânico encarregado da proteção de dados (ICO, na sigla em inglês). A repercussão do caso foi tão expressiva que, para contar a história sob o ponto de vista de seus participantes, foi produzido um documentário – *Privacidade Hackeada*¹² - com entrevistas dos principais personagens do evento. O documentário foi apresentado durante o Festival de Cinema de Sundance, que aconteceu no início de 2019, e foi divulgado no início da campanha presidencial dos EUA de 2016.

Após as investigações, o Facebook foi julgado e condenado a pagar uma multa de US\$5 bilhões e a punição provocou mudanças:

A ordem impõe um regime privado que inclui uma nova estrutura de governança corporativa, com prestações de conta individuais e corporativas com monitoramento de conformidade mais rigoroso. Esta abordagem aumenta consideravelmente a probabilidade de o Facebook estar em conformidade com a ordem. Se houver algum desvio, provavelmente será detectado e remediado de forma rápida, anunciou a FTC - Federal Trade Commission órgão responsável pela penalidade¹³. (McLAUGHLIN e STOLLER, 2019)¹³

Com cerca de 215 milhões de celulares conectados, o Brasil já ultrapassa a média de um celular por pessoa e com uma população com cerca de 211 milhões de habitantes, sendo 149 milhões que acessam a *internet* e desse total cerca de 140 milhões são usuários de mídias sociais. O relatório promovido pela agência We Are Social¹⁴ e a plataforma Hootsuite¹⁵ destaca que o Brasil é o terceiro no ranking de quem passa mais tempo conectado, em média o brasileiro fica conectado por nove horas e vinte e nove minutos por semana. O estudo sobre o uso de *internet* e mídias sociais no mundo mostra que houve aumento dos usuários conectados.

Com relação a janeiro de 2018 a janeiro de 2019, a população cresceu 0,7% enquanto usuários de *internet* aumentaram 7,2% e usuários de mídias cresceram 7,7% no Brasil, sendo que o acesso por smartphones cresceu 8,3%. Dos 149 milhões de brasileiros que utilizam a *internet* mensalmente, 89% o fazem através de celulares e smartphones, 38% acessam através

¹² Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117542>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

¹³ Technology Facebook \$5 Billion U.S. Privacy Settlement Approved by FTC – David McLaughlin and Daniel Stoller. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2019-07-12/ftc-approves-facebook-privacy-settlement-worth-about-5-billion>. Acesso em: 12 de julho de 2019.

¹⁴ Disponível em: <https://wearesocial.com/br/>. Acesso em: 12 de julho de 2019.

¹⁵ Disponível em: www.hootsuite.com/. Acesso em: 12 de julho de 2019.

de notebooks e PCs e 15% acessam através de tablets. Os dados fornecidos pela própria rede, no entanto, não dizem que esse acesso é realizado exclusivamente pelo dispositivo móvel.

O país não só se destaca no quesito de transmissão e visualização de vídeos, como registrou um recorde no Facebook em relação ao número de vídeos postados na noite da votação do impeachment na Câmara dos Deputados, ocorrido em 17 de abril de 2016, (SUMARES, 2016 *apud* ARAÚJO; TRAVISO-RODRIGUES; SANTOS, 2017).

Isso indica que, assim como em outras mídias sociais, o Facebook tem sido usado para o engajamento ideológico, cívico, de opiniões e registrado informações de amplo espectro relacionadas com empatia e antipatia partidária e polarização política, o que torna esse ambiente especialmente complexo para análises sobre o comportamento de seus usuários.

Para analisar os comentários postados em mídias sociais é necessário entender que eles são percebidos como práticas mais evidentes do diálogo e não apenas sinalizam a participação, como o curtir ou compartilhar. Ao comentar, o usuário traz uma contribuição para a conversação, expressa como participação mais efetiva, demandando um maior esforço e ocorre quando se tem algo a dizer e se posicionar sobre o assunto (RECUERO, 2014). Mensagens que sinalizam as escolhas dos usuários, seja de aprovação e apoio, de crítica a terceiros, bem como de conteúdo opinativos estão representadas nesta categoria.

Conforme analisaram Brugnago e Chaia (2015), pesquisadores do Núcleo de Ciência Política da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), os comentários feitos na rede, em blogs ou em mídias sociais, não precisam ter fundamentação para contentar aos seus pares, não precisa nem ter o conteúdo da verdade, ele não necessita se basear em dados, em pesquisa, ele pode ser simplesmente criado. O mais importante de um comentário é o fator de convencimento, se somente um indivíduo questiona, mostrando fatos, dados e estudos científicos, isso não é levado em conta. O que importa é a palavra de quem comentou e principalmente qual a repercussão e o apoio da rede. Se a rede respalda o comentário e quem o criou, as provas e os fundamentos contrários se tornam irrelevantes (BRUGNAGO; CHAIA, 2015, p.122-123).

Portanto, neste contexto, a veracidade da informação é irrelevante, o que importa é o quanto essa informação agrada o grupo no qual se insere. Assim, unida ao filtro bolha, tema a ser detalhado posteriormente, essa rede inicia o processo de condicionamento de opiniões e de ideologias do usuário, além de fragmentar as ideias e o conhecimento pré-existente. Exemplos

como a divulgação de teorias da “Terraplana¹⁶” e a possível implantação da “Ideologia de Gênero¹⁷” nas escolas fazem parte desse processo.

Esse assunto foi analisado por Capone e Ituassu (2015, p.91) que pesquisaram o sentido de esfera pública na *internet* e relataram a existência de fragilidades em sua construção, destacando o ambiente em rede, onde as críticas à esfera pública virtual podem ser descritas como uma “questão babélica — isto é, a *internet* percebida como um ambiente sobrecarregado de informações, o que gera a fragmentação, a polarização do discurso e a perda da comunidade política” (CAPONE; ITUASSU, 2015, p.91).

Apresentado por Antunes e Maia (2018, p.189) a exploração da propaganda dirigida e a onipresença dessa nova cultura digital tem servido para ampliar novas formas de controle de maneira proditória que age ardilosamente reforçando e punindo de acordo com seus interesses. Acredita-se que as relações nas mídias sociais sejam livres, as comunicações acontecem com interatividade, trocas, informações e ideias basicamente individuais. Porém, mais do que nunca, esse caminho é controlado. Os dados decorrentes dessas informações são processados de forma que sejam dirigidos, filtrados e administrados na intenção de se obter vantagens sobre bens e serviços (ANTUNES; MAIA, 2018).

Um estudo recente mostra que nas mídias sociais as postagens que têm mais sucesso são as que apelam as emoções. A pesquisa feita por psicólogos americanos mostra que os termos que apelam ao que se acredita que é bom ou ruim “são particularmente efetivos no momento de captar a atenção” isso “pode ajudar a explicar a nova realidade política” (BRADY; GANTMAN; VAN BAVEL, 2019, p. 5). Nessa pesquisa foram apresentadas mensagens fictícias com diferentes tipos de palavras, usadas com referência à moral (“crime”, “piedade”, “direito”), à emoção (“medo”, “amor”, “choro”) e às duas coisas simultaneamente (“abuso”, “honra”, “despeito”) essas palavras captavam mais atenção do que as neutras.

Os pesquisadores ainda examinaram 50.000 mensagens sobre três assuntos específicos: controle de armas, casamento gay e mudança climática. Os mais compartilhados tendiam também a incluir termos emocionais e morais. De fato, os autores corroboram que são pelo

¹⁶Na era moderna, teorias pseudocientíficas da Terra plana foram adotadas por grupos e, cada vez mais, por indivíduos não afiliados, usando as mídias sociais. As teorias atuais que defendem modelos de Terra plana são totalmente rejeitadas pela comunidade científica. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_plana. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

¹⁷A ideologia do gênero é uma expressão cunhada por pessoas e organizações que se posicionam contra a inclusão do ensino sobre gêneros e sexualidade nos planos de educação aos níveis nacional, estaduais e municipais. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/ideologia-de-genero-saiba-o-que-e/>. Acesso em: 30 de setembro de 2019.

menos 20% mais provável que sejam compartilhadas mensagens que contenha uma palavra dessa classe (BRADY; GANTMAN; VAN BAVEL, 2019).

Com o contato diário ocorrendo dentro das mídias sociais, muitos comportamentos se tornam menos censuráveis do que no encontro pessoal. Há a proteção do ambiente digital e se posicionar apontando erros e defeitos e/ou demonstrar indignação é mais fácil, supostamente, porque não há uma consequência imediata, diferente do que ocorre pessoalmente. Entretanto uma indignação pública não precisa ser de todo negativa, ela pode permitir que as pessoas se expressem diante de comportamentos censurados, como ser contra a pedofilia, a corrupção e também a adesão em campanhas contra o aquecimento global e aumento da reciclagem de lixo, além de reforçar a adesão a uma causa e grupo social com o qual se identifica.

Porém, conforme pesquisa de Crockett (2017), há riscos nessa adesão digital: o primeiro é a possibilidade de a participação pessoal ser menos significativa, aumentando o não comparecimento em eventos e encontros e a satisfação em somente compartilhar e comentar os assuntos. Em segundo, a indignação tende a diminuir, podendo chegar a um momento em que não se distingue entre as ofensas reais e as situações que são somente desagradáveis. Terceiro, as opiniões tendem a se polarizar (CROCKETT, 2017).

As próprias mídias sociais permitem o agrupamento em câmaras de eco com audiências semelhantes, grupos de indivíduos com mesmos interesses, conforme será relatado posteriormente em Filtro Bolha. Como consequência, acostuma-se a falar com um público com o qual se concorda, procurando principalmente “recompensas de reputação” ou “divisa social”, ou seja, ganhar pontos e não necessariamente iniciar uma conversa. Isso provoca uma mediatização ou mesmo uma caricaturização das opiniões, dificultando assim conversas que perpassam as barreiras ideológicas, como consequência corre-se o risco de ver o outro como mal e estúpido, ao invés de ver simplesmente como pessoas que opinam e que possuem outra maneira de ver o mundo, que não coincidem com o que se considera mais adequado (BERGER, 2014).

Esse *modus operandi* facilita à manipulação: é fácil provocar uma onda de indignação com o objetivo de potencializar uma polarização. Como exemplo, há políticos que usam massivamente suas mídias sociais para disseminar conteúdos polêmicos e soltar impropérios, isso os ajudam a se destacar provocando debates, tanto positivos como contrários, o objetivo é simplesmente pautar a agenda provocando a indignação e o confronto, o antigo “falem mal, mas falem de mim”.

Diante dos extensos desdobramentos que a comunicação nas mídias sociais tem apresentado, é importante destacar algumas dessas características e as peculiaridades que colocam em foco a maneira como nos relacionamos e interagimos através da tecnologia.

3.3 Variáveis que afetam o comportamento em mídias sociais

As ferramentas das mídias sociais apresentadas a seguir são as variáveis que afetam diretamente o comportamento do usuário. Iniciamos com o Big Data, esse termo descreve o grande volume de dados — tanto estruturados quanto não-estruturados — que são variáveis que atuam no ambiente social virtual e que afetam o comportamento do usuário. Os dados podem ser analisados para obter informações que levam a decisões melhores e ações estratégicas através da compreensão e análise de dados massivos que são traduzidos por algoritmos. Suas principais características, de acordo com Mostafa, Cruz e Amorim (2015), são o volume, a velocidade e variabilidade, porém essas características não buscam a explicação dos acontecimentos se direcionam para a generalização dos dados a partir de amostras, na busca de padrões que levem a obtenção de uma previsibilidade (ANTUNES; MAIA, 2018).

Outra variável são os Bots. Bots é diminutivo de robô, também conhecido por *Internetbot* ou *web. robot*, consiste na aplicação de software concebido para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão, da mesma forma como faria um robô, os robôs de software como são designados já existem desde os primeiros modelos de computadores. Conforme previsto por Alan Turing na década de 1950, a ideia era projetar um algoritmo que tivesse a capacidade de exibir comportamento inteligente equivalente a um ser humano, ou indistinguível deste. Muitas coisas mudaram desde os primeiros dias de AI - inteligência artificial, quando robôs como ELIZA, de Joseph Weizenbaum, imitavam humanos (FERRARA *et al*, 2016).

Atualmente os ecossistemas de mídia social são povoados por centenas de milhões de indivíduos que são reforçados com incentivos - inclusive econômicos e políticos – a projetar algoritmos que exibem comportamento semelhante ao homem. Um bot social é um algoritmo que produz automaticamente conteúdo e interage com humanos em mídia social, tentando imitar e possivelmente alterar seu comportamento. Os maiores desafios desses ecossistemas é introduzir novas dimensões para emular além do conteúdo, incluindo rede social, a atividade temporal, padrões de difusão e até mesmo a expressão de sentimentos.

Há dois tipos de bots, alguns deles são benignos ou mesmo inócuos, em princípio, tal categoria inclui bots que agregar automaticamente conteúdo de várias fontes, como notícias simples. Embora esses tipos de bots sejam projetados para fornecer um serviço útil, às vezes

podem ser prejudiciais, por exemplo, quando eles contribuem para a disseminação de informações não verificadas ou boatos. Essa segunda categoria de robôs sociais inclui entidades maliciosas projetadas especificamente com o objetivo de prejudicar. Esses bots enganam, exploram e o discurso da mídia social com boatos, spam, malware, informações incorretas calúnia, ou mesmo apenas barulho. Este pode resultar em vários níveis de dano para a sociedade.

A combinação de robôs sociais com o uso crescente de sistemas de negociação automática e mídias sociais está repleta de riscos. Bots podem amplificar a visibilidade de informações enganosas, enquanto a negociação automática sistemas carecem de capacidade de verificação de fatos. Esse estudo ainda destacou a vulnerabilidade das meios e mídias sociais para um bot social projetado, os robôs podem também impedir o avanço da publicação de política pública, criando a impressão de um movimento popular ou contribuir para a forte polarização da discussão de algum tema específico (FERRARA *et al*, 2016).

A *internet* configura-se um espaço digital descentralizado, uma rede que consiste em diversos processadores interligados e que compartilham recursos entre si gerando acesso a um infindável número de informações. Concomitantemente, ela proporciona aos internautas conexões mais livres, sem burocracias governamentais e organizacionais. Esta noção de liberdade pode ser ilusória e, de acordo com Pariser (2012), a personalização que acontece na rede em vários sites, sobretudo no Google e no Facebook, deixa os internautas presos em “bolhas invisíveis”, o que faz com que essas empresas internacionais mostrem somente aquilo que acreditam que o internauta anseie visualizar e essa é uma variável importante nesse contexto, a variável denominada Filtros Bolhas.

À medida que os internautas deixam rastros na rede – a partir da escolha de clicar ou não em um determinado *link* – os algoritmos que comandam os *sites* e as mídias sociais edificam bancos de dados acerca das possíveis preferências dos usuários. Este fenômeno se refere a um tipo de movimento circular, por meio do qual essas ferramentas “criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejara seguir” (PARISER, 2012, p. 14).

Para Pariser (2012), o Facebook apresenta o mesmo propósito do Google: conhecer o internauta e, assim, personalizar seus produtos. A princípio os sites entendem os usuários e quais são seus interesses, depois oferecem conteúdos já padronizados de acordo com as suas interações e com os seus gostos pessoais expostos a partir de cliques e por fim desenvolve um afunilamento de conteúdos expostos aos internautas. Devido a enorme quantidade de notícias publicadas no Facebook, os usuários, em geral, não conseguem dar conta do número de

informações no site. Por isso, os filtros raramente são percebidos e, muitas vezes, não são questionados.

Segundo Pariser (2012, p. 41), “o aprisionamento é o ponto no qual os usuários estão tão envolvidos com a tecnologia que mesmo que um concorrente ofereça um serviço melhor, não vale à pena mudar”. Desse modo, fica mais difícil mudar de rede quando se cria laços profundos em uma rede já existente, o que consequentemente possibilita o rastreamento de preferências e dados.

Diante dessa realidade, o autor evidencia a possibilidade de o Facebook transformar-se em manancial de informações, o que possibilita o surgimento de duas situações ímpares: a primeira faz referência ao fato de existir maior aproximação de usuários que pensam de maneira parecida. Assim, provoca em muitos casos, certo afastamento entre os usuários que podem pensar de formas distintas, o que para muitos não é algo negativo. Já a segunda situação é que inclusive para pessoas próximas pode existir uma customização da customização.

Em outras palavras, os conteúdos que são compartilhados por outrem podem ainda ser filtrados até chegar ao último usuário. Nessa perspectiva se detecta um revés:

Essa distorção é uma das dificuldades geradas pelos filtros personalizados. Tal qual uma lente, a bolha dos filtros transforma inevitavelmente o mundo que vivenciamos, determinando o que vemos e o que não vemos. Ela interfere na inter-relação entre nossos processos mentais e o ambiente externo. Em certos casos, pode atuar como uma lente de aumento, sendo muito útil quando queremos expandir a nossa visão sobre uma área específica do conhecimento. No entanto, os filtros personalizados podem, ao mesmo tempo, limitar a variedade de coisas às quais somos expostos, afetando assim o modo como pensamos e aprendemos (PARISIER, 2012, p. 77).

Com o propósito inicial de contribuir com a democratização da sociedade, a *internet* muitas vezes o fez, contudo é plausível supor que sob o avanço tecnológico da contemporaneidade, a intervenção das grandes corporações pode ser constatada. “Na bolha [...] nem chegamos a enxergar as coisas que não nos interessam. Não estamos cientes, nem mesmo de forma latente, de que existam grandes eventos e ideais dos quais não ficamos sabendo” (PARISIER, 2012, p. 97).

As ideologias estão “se construindo por um meio novo e muito poderoso: as mídias sociais” (BRUGNAGO; CHAIA, 2015). Esta customização do conteúdo permite que o usuário tenha acesso apenas àquilo que deseja, mesmo que não procure por isso. O conteúdo considerado irrelevante, ou incômodo, não será mais direcionado ao usuário.

Brugnago e Chaia (2015, p.121) relatam que, se uma pessoa se torna inconveniente por sempre falar coisas de que você não gosta, a ferramenta vai lhe dar a opção de excluí-la; você

pode escolher que ele ou ela não ande mais pelas mesmas ruas que você anda. Automaticamente, muitas pessoas que seguem e conversam com tal pessoa não mais aparecerão para você, pois elas eram conectadas a você por seguir aquela pessoa que se tornou inconveniente para você. Com isso, as redes vão naturalmente se tornando mais agradáveis, pois somente compartilhamos nossas ideias com pessoas que possam curti-las.

Essas “bolhas” de conteúdo não impactam somente as decisões sobre a compra de produtos anunciados na rede, as bolhas também polarizam as ideologias na web, as quais podem ser notadas essencialmente nas mídias sociais. Os pesquisadores políticos Brugnago e Chaia (2015, p.102) analisaram as mídias sociais durante as eleições presidenciais brasileiras de 2014 e constataram que o Facebook se tornou o principal meio para a proliferação das discussões políticas. Nele, os milhões de usuários diários brasileiros se polarizaram em redes onde proliferavam ideias divergentes e novas ideologias políticas. Nesse ambiente, a liberdade de expressão e a homofilia natural são reforçadas e com grande tendência a radicalização, conforme se sentem seduzidos em seu poder de massa em redes (CHAIA, 2015).

A polarização das opiniões e das ideologias também podem ser influenciadas pelos produtores de conteúdo, aqueles que, embora não sejam necessariamente profissionais da comunicação, trabalham como Youtubers, blogueiros e influenciadores digitais. Com seus discursos abrasados influenciam tanto quanto as personalidades de outras indústrias do entretenimento. Esses produtores de conteúdo constituem as principais fontes de informação para os usuários das mídias sociais que absorvem suas opiniões, sem questionar.

Sobre a polarização das mídias sociais, Brugnano e Chaia (2015) concluem que:

Assim, com o tempo, todo o conteúdo que o usuário da mídia social passa a expor se torna cada vez mais direcionado por sua tendência ideológica: as notícias, os comentários, os blogueiros que são compartilhados, além de todas as informações direcionadas para a sua *timeline*. O debate vai naturalmente se esvaziando e se distanciando. Virtualmente o outro, o de ideologia diferente, passa a estar distante. A impressão que se cria é que a maioria está ao seu lado, e o seu lado é o lado que sabe a verdade. A militância do outro passa a ser encarada como fraca, quase inexistente, uma vez que você não a vê mais. (BRUGNAGO e CHAIA, p.123)

Diante do exposto, as mídias sociais promovem a polarização de opiniões, ao invés de unir seus usuários em prol do conhecimento coletivo. Os algoritmos do Filtro Bolha potencializam essa divisão e determinam a separação entre seus membros. Outro aspecto negativo observado é o aumento de agressões verbais, ataques pessoais e a difamação entre

aqueles que discordam entre si, já que, no mundo virtual, a agressividade pode ser exposta sem maiores consequências (BRUGNAGO; CHAIA, 2015).

O consumo de notícias nas mídias sociais se tornou um hábito diário para uma parte significativa da população. Se de um lado há acesso fácil, rápido e de baixo custo, do outro propicia a veiculação de “*Fake News*”, ou seja, notícias falsas que são amplamente disseminadas. Estas notícias são intencionalmente falsas, escritas para enganar os leitores, manipulando informações a serviço de um objetivo específicos ou direcionando a um posicionamento estratégico.

A extensa propagação dessas variáveis – *FakeNews* - tem o potencial de impactar negativamente os indivíduos e a sociedade, pois primeiro quebra o equilíbrio de autenticidade do ecossistema de notícias, pois as notícias falsas se tornam populares e são amplamente divulgadas (KAI SHU *et al.*, 2017). As notícias falsas intencionalmente convencem consumidores a aceitar crenças tendenciosas ou falsas, pois geralmente são feitas por especialistas em transmitir mensagens manipuladas que são influenciadoras como, por exemplo, a ampla divulgação de que escolas públicas no Brasil distribuíam “Kits Gay” e “mamadeiras eróticas” ao alunos.

Em terceiro, as notícias falsas mudam a forma como as pessoas interpretam e respondem as notícias reais, algumas falsas notícias foram criadas para despertar a desconfiança das pessoas e gerar confusão, impedindo suas habilidades de diferenciar a verdade do que não é (KAI SHU *et al.*, (2017).

O Pensamento Binário é uma variável importante no que tange a polarização. Entende-se como pensamento binário qualquer forma de pensar que tenha aspecto dual, formado por dois elementos supostamente complementares, ou por duas faces presumivelmente opostas, ou ainda por duas partes hipoteticamente distintas. O pensamento binário é maniqueísta. A expressão originalmente refere-se a um dualismo religioso cuja doutrina, em termos simples, consiste em afirmar a existência de um conflito entre o bem e o mal, mas que passou a significar qualquer visão de mundo que o separe em poderes opostos e incompatíveis.

Um dos piores resultados do maniqueísmo é a petrificação do pensamento que, ao fixar significado em apenas duas possibilidades, desconsidera a infinita variedade que compõe a humanidade. Os geógrafos americanos Cloke e Johnston (2005) se debruçaram sobre esse tema, os autores apontam uma série de possibilidades para tal tipo de pensamento ao se buscar compreender o espaço: espaço e lugar, espaço e tempo, local e global etc.

Para os autores, tais polarizações têm seu início em ideologias políticas e quase sempre implicam na desvalorização de um polo no qual a superioridade de um advém da exclusão do

outro. O que fundamenta o pensamento binário é o raciocínio ocidental convencional, embasado na ideia de que todas as categorias decorrem do axioma do terceiro excluído da lógica clássica (CLOKE, 2004; CLOKE; JOHNSTON, 2005).

O axioma do terceiro excluído, sintetizado na expressão latina *tertium non datur*¹⁸, consiste no seguinte: uma terceira possibilidade não se apresenta, ou “a” é “x” ou é “y”. Dessa forma, uma proposição só pode ser verdadeira se não for falsa e só pode ser falsa se não for verdadeira, porque o terceiro valor é sempre excluído e as coisas se configurariam em termos de A/ não-A, B/não-B e assim por diante.

O poder do binário se dispõe na suposição categórica de que nada pode ser uma coisa e seu oposto ao mesmo tempo. Tal forma de pensar tende a ver as coisas em termos de relações de oposição e de exclusão binárias entre “essências puras”, supostamente dicotômicas ou mutuamente exclusivas (A/ não-A), e não como condensações de muitos fenômenos diferentes, eventos e aspectos articulados complexamente.

Cloke e Johnston (2005) ainda afirmam que, aliados a essa forma de pensar, a rigidez profissional e conservadorismos ossificam as divisões binárias. A compreensão do pensamento binário, presente na lógica “nós versus eles”, é fundamental para entender como esse dispositivo sustenta todas as relações sociais e econômicas e, também, como este círculo influencia a violência e a exclusão. Matam-se o outro selvagem, sem alma, menos gente, bárbaro, considerado inferior pelo grupo hegemônico, é fundamental romper com esse ciclo e desocultar a diversidade, criando uma sociedade não hegemônica, sem “nós” ou “eles”; sem “civilizados” ou “incivilizados”.

Ademais, tais situações estão sitiadas pelas novas ferramentas de comunicação proporcionadas pelas novas tecnologias. A tecnologia nesse contexto proporciona a facilidade de acesso, porém traz consigo novos desafios e esses acontecimentos são muitas vezes recorrentes e que ganham formas e dimensões globais e por mais que se tentam solucioná-los eles parecem surgir numa escala ainda maior. Dessa forma, é importante reconhecer de que maneira esses inúmeros obstáculos têm sido tratados até o momento em que não tem sido muito efetiva.

¹⁸O conjunto do terceiro excluído ou o princípio do excluído significa entre dois opostos contraditórios é um princípio básico lógico ou axioma, o que significa que, para qualquer declaração, pelo menos, a afirmação em si ou o seu oposto deve se aplicar: uma terceira possibilidade, ou seja, apenas algo medíocre que não é nem a afirmação nem o contrário, mas em algum lugar, não pode existir. Disponível em: <https://educalingo.com/pt/dic-de/tertium-non-datur>. Acesso em: 26 de junho de 2019.

3.4 Análise do Comportamento Verbal

Se as ferramentas das mídias sociais exercem controle, esse controle provavelmente ocorre através do comportamento verbal. A inserção do comportamento verbal como base de análise pode ser encontrada em diversos artigos científicos como forma de mostrar a importância da Análise do Comportamento na compreensão dos processos de construção do conhecimento. Como exemplo, Guerin (1992) busca analisar se o conhecimento socialmente construído é equivalente a analisar o comportamento das pessoas em grupos, e isso pode ser feito a partir das classes funcionais do comportamento verbal expostas por Skinner (1978) e das contingências sociais que as mantêm (as chamadas "práticas sociais").

Guerin (1992) inicia sua análise corroborando que o conhecimento social é aprendido na conversação e interação com outras pessoas, pode ser influenciado pela mídia, na relação em subgrupos íntimos ou próximos, ou por conflitos generalizados entre os diversos grupos da amplitude social. Para o autor, o conhecimento só é socialmente construído quando é função de contingências ambientais comuns, envolvendo principalmente as formas verbais do tato, do intraverbal e do autoclítico, como será apresentado posteriormente.

Em suas pesquisas, Guerin (1992, p. 1426) irá afirmar que o controle do conhecimento socialmente construído se deve “às relações sócio-históricas da comunidade verbal e que, atualmente, nas sociedades modernas, a comunidade verbal se encontra difusa e impessoal, por causa do perpasso da mídia”. Assim, como por exemplo, o tatear estaria sob controle dos pequenos grupos que reforçam relatos particulares e punem outros, de modo que as características do grupo constroem – ou controlam - o conhecimento do sujeito; e essa construção é mais eficaz quando as consequências funcionais forem generalizadas (GUERIN, 1992a).

Importante ressaltar que o comportamento verbal é efetivo pela ação das outras pessoas e comumente, mas não especificamente, ocorre na presença de outras pessoas (SKINNER, 1978; 1982). Isso reforça a dimensão social da sua construção, de maneira que os repertórios verbais específicos se mantêm em grupos cujos membros agem em contextos discriminativos para a produção desses comportamentos, compartilhando-os dentro de sua comunidade verbal que os mantêm em um conjunto da linguagem.

Para tanto, é importante salientar o papel das contingências sociais na manutenção do conhecimento social que, na opinião de Guerin (1992), tem sido omitido nos estudos da Psicologia Social. Em função disso, o autor acredita que o papel das consequências sociais generalizadas não discriminadas é que mantém a maior parte do comportamento verbal e o

papel do ambiente social em servir duplamente de contexto discriminativo e consequente, seriam mais valiosos na explicação do conhecimento socialmente construído. Isso evitaria o raciocínio circular comum na análise das relações entre o cotidiano da comunidade verbal e o conhecimento social, como se estes se explicassem mutuamente.

Como já citado por Guerin (1992), hoje o comportamento verbal está intimamente conectado ao mundo digital. Nas mídias sociais o ambiente é essencialmente digital (ou “virtual”), o que não significa dizer que é um ambiente diferente do ambiente não digital em seu papel de controlar o comportamento (MIRANDA, 2017).

É importante destacar que esses comportamentos são mediados pelas ferramentas tecnológicas disponíveis nesse ambiente. Por conta disso, não faremos grandes diferenciações como “mundo virtual/mundo real” ou “*online/off-line*”, tendo em vista que as interações que acontecem no ambiente virtual não são tão diferentes daquelas que ocorrem no ambiente não-virtual e seus limites estão cada vez mais imperceptíveis. Miranda destaca que:

Os estímulos que controlam nossos comportamentos em rede são tão “reais” – (...) – como aqueles que controlam nosso comportamento no ambiente escolar, familiar, profissional etc., podendo ou não ser determinantes do nosso comportamento. Assim também o são as interações que ocorrem nesses espaços: são interações como todas as outras, com a particularidade de serem mediadas pelas tecnologias digitais. (MIRANDA, 2017, p.16).

Skinner (1957, p. 188) destaca que o comportamento verbal é “comportamento que inicialmente altera o comportamento de outro organismo” e que “produz consequências para a ação verbal mediadas pelo outro organismo que está presente quando tal ação ocorre” e afirma que a ação verbal “só é compreendida e permite a pessoa mediar consequências posteriores porque práticas verbais são convenções compartilhadas por membros de uma mesma comunidade”. Assim, observamos que, no caso do comportamento verbal, o primeiro efeito do comportamento é sobre outros seres humanos portanto eminentemente social e está presente como a principal ferramenta do ambiente virtual.

Skinner (1957/1978) denominou o conjunto do comportamento do falante e do ouvinte de episódio verbal total, que nada mais é do que “comportamento combinado de dois ou mais indivíduos” (1978, p. 4). Assim, o comportamento verbal é compreendido através de uma análise de relação causal, ou seja, ele estabelece relações funcionais com o outro. Tais relações precisam ser compreendidas, ou seja, a análise do comportamento verbal “ocorre como qualquer outro comportamento operante, isto é, de acordo com os mesmos princípios de aquisição, manutenção e extinção” (VERDU; GOLFETO, 2016, p. 188).

A relevância do estudo do comportamento verbal se destaca pelo fato de que ele se encontra sob controle operante, adquirido ontogeneticamente por experiências individuais de seleção e transmitido culturalmente entre gerações. Assim, seu uso possibilita que comportamentos sejam descritos, o que permite que “membros de uma comunidade verbal emitam respostas mesmo sem passar pela situação onde tal resposta teria sido necessária” (VERDU; GOLFETO, 2016, p. 188), evidenciando, assim, o imenso valor de sobrevivência que o comportamento verbal tem para a evolução da espécie humana.

Diante dessa nova gama de padrões Skinner (1957/1978) define o Comportamento Verbal, buscando ressaltar as diferenças de outros modelos explicativos e compreender como um falante individual pode ser modelado e mantido por uma comunidade verbal específica. O autor propõe ainda que a linguagem fosse melhor compreendida através de uma análise funcional capaz de identificar e descrever as relações estabelecidas entre respostas verbais e variáveis ambientais de controle.

Apesar de estar submetido às leis como outros comportamentos operantes, o comportamento verbal apresenta algumas especificidades que o tornam próprio da espécie humana. Uma dessas especificidades é o de não agir de maneira direta e mecânica, as respostas verbais são mediadas pelo ouvinte, um indivíduo – que conhece e tenha sido treinado nos aparatos de comunicação - o qual lhe permite responder diferencialmente ao comportamento do falante conforme descrito por Skinner:

Falantes não são iniciadores. Nem na evolução de um ambiente verbal, nem no condicionamento de falantes e ouvintes, a fala vem primeiro. Para existir um falante é necessário que antes exista um ouvinte. (...) se os ouvintes são responsáveis pelo comportamento dos falantes, precisamos atentar mais de perto para o que eles fazem. (SKINNER, 1988/1991, p. 54).

As contingências de operantes verbais foram descritas por Skinner (1957/1978) levando-se em conta as variáveis de controles antecedentes e consequentes que ocorrem, para explicar esse controle Skinner (1957/1978) apresenta uma classificação dos operantes verbais básicos ou de primeira ordem que são: tato, mando, ecoico, textual, transcrito e intraverbal e dos operantes de segunda ordem: os autoclíticos. Seus controles podem ser puros quando estão sujeitos a uma variável, estendidos, que são extensões do mando e extensões do tato, quando controles passados atuam em situações presentes ou podem ser múltiplos. Ambos os controles envolvem estímulos discriminativos não verbais (SdNV) ou verbais (SdV) e reforçadores específicos ou generalizados.

Outro controle importante é o da audiência, que é um tipo de controle contextual do comportamento verbal, uma vez que esse, na maioria dos casos, só ocorre na presença de um ouvinte, que provê consequências reforçadoras específicas ou generalizadas ao comportamento do falante. Como a audiência sempre atua paralelamente a outro controle, se diz que o comportamento verbal é geralmente controlado por variáveis múltiplas.

Operantes Verbais - Neste trabalho iremos descrever mais sucintamente os operantes verbais primários e iremos nos ater nos operantes verbais autoclíticos. Considerando que os operantes verbais ocorrem num contexto formado por elementos do ambiente, sejam eles objetos, acontecimentos, comportamentos do ouvinte e consequências reforçadoras específicas ou generalizadas (BORLOTI, 2004). Sua classe funcional de operantes é definida pela observação de que os operantes fazem e não apenas pela descrição de sua decomposição ou aparência (BAUM, 1999).

Para Guerin (1992) para caracterizar a natureza social do conhecimento, é preciso analisar como os elementos de um conhecimento mantêm-se no repertório dos indivíduos no grupo. Provavelmente isso ocorre nas seguintes condições (GUERIN, 1992):

(a) se o controle social do tatear os elementos referentes (...) [a um objeto social] for hermeticamente mantido por um grupo - pois ele não fornecerá necessariamente reforçamento de informações corretas;

(b) se os intraverbais - definido como um operante verbal no qual a resposta está sob controle de estímulo discriminativo verbal sem correspondência ponto a ponto entre estímulo e resposta, traduções entre línguas podem ser exemplos - desse conhecimento dominante for reforçado por um grupo - pois assim eles lembrarão tatos;

(c) se as consequências funcionais generalizadas se tornarem altamente generalizadas - pois também manterão esse tatear generalizado.

Usando o exemplo do objeto social "homofobia", um homossexual pode ter lido, ouvido ou verbalizado que "a homossexualidade é um pecado" e tem sido reforçado por repetir sua afirmação em um contexto verbal particular (o que "leu", o que "ouviu" e o que "verbalizou" são derivados das "condições objetivas"). Sua fala é controlada pelos estímulos contextuais da audiência (lembrando que o falante pode ser o seu próprio ouvinte) e pelas consequências que a reforçam e, embora o seu comportamento seja um intraverbal, ele será reforçado como se apresentasse como um tato.

E assim, as atribuições sobre causas ou origens de temas polarizantes (talvez disfarçadas como tatos) podem, num primeiro caso, passar a ser ancoradas na comunidade, tornando-se comuns através da conversação; e as informações podem, num segundo caso, ser modificadas

com as experiências pessoais e diretas, conforme exemplificado pela pesquisa com pesquisas médicas (GUERIN, 1992).

No primeiro caso, como *regra*, informações conversadas podem estar descrevendo contingências fictícias ("se você fizer sexo com alguém do mesmo gênero, então Deus o castigará") que poderão governar o comportamento das pessoas em contato com essas situações. Já no segundo caso, a partir da experiência direta, as contingências modelam o comportamento na sua relação com o outro.

Portanto, o conhecimento social emerge como realidade objetiva (SÁ, 1995); e uma realidade é "objetiva" quando ela é uma forte estimulação ambiental que controla o conhecimento acerca de si mesmo (GUERIN, 1992). Isso permite inferir que se os indivíduos vivem em grupos, a análise de seus comportamentos deve considerar seus determinantes mais poderosos, seja para a análise de como um repertório verbal forja estímulos discriminativos para outros comportamentos (como no caso das regras verbais que descrevem o comportamento e as contingências que o mantêm); seja para a análise do conhecimento social que descreve o comportamento dos indivíduos (WAGNER, 1993), ou seja, para a proposição de uma mudança no conhecimento social.

3.5 O uso das Ferramentas de Controle e o Enfraquecimento do Poder Político

Com amplo acesso às tecnologias como celulares e *internet*, a participação política se integra à vida cotidiana, atuando velozmente na interação e difusão de conteúdos que, na maioria das vezes, não são mediadas por terceiros, o indivíduo se destaca e se torna o propagador de suas próprias referências. Assim, experimenta - tanto coletivamente como individualmente - sua participação política e ideológica transformando, de um simples cidadão, a um formador de opiniões que se situa no centro dos debates. Isto o insere no momento histórico e político e reforça seus posicionamentos e ativismo.

Muito semelhante ao que ocorre em outros países, como por exemplo, no movimento Occupy Wall Street ¹⁹, conhecido pela sigla OWS. Movimento de protestos que ocorre nos Estados Unidos da América que luta contra a desigualdade econômica e social, a ganância, a corrupção e a indevida influência das empresas - sobretudo do setor financeiro, o Brasil também

¹⁹Disponível em: <http://occupywallst.org/> (tradução nossa).

se depara com protestos e posicionamentos ideológicos antagônicos, como os grupos “Lula Livre”²⁰, “Vem Pra Rua”²¹ e “MBL”²².

Tais mobilizações possuem um caráter autônomo, sem uma ligação direta com associações, partidos e lideranças formais. Para alguns, isto representa muitas vezes atos de intolerância e rebeldia, para outros, as manifestações representam a busca de uma autonomia frente às instituições e instâncias tradicionais de poder.

Uma das características desses movimentos é grande capacidade de impulsionar os ativistas a se mobilizarem em protestos e manifestações, porém tais movimentos não possuem muitas vezes autonomia ou representatividade para negociações, pois não gozam da legitimidade dos processos eleitorais e de representação. Por conta dessa ambivalência, há uma predisposição à transversalização das ideias e das ações, isto muitas vezes proporciona o enriquecimento dos debates com aglutinação de temas (gênero, racismo etc.) e diversos focos de luta.

Essa é uma transformação da modernidade já que a liberação da economia pode conviver com a proliferação cada vez maior dos controles, o enfraquecimento do estado se depara com um mercado cada vez mais individualizado, objetivando ainda mais o enriquecimento e a monetização através da comercialização dos dados. A política agora age em formato tecnológico e cria uma regularização algorítmica, com a qual Morozov (2018, p.89) esclarece: “se o governo aponta aos efeitos e não às causas, será obrigado a estender e a multiplicar o controle. (...) tais causas exigem ser conhecidas, enquanto os efeitos apenas podem ser verificados e controlados”.

Em virtude desse processo entende-se que a verdadeira política de regulação algorítmica se torna visível no que tange à sua lógica, e é aplicada às redes de proteção do Estado de bem-estar social e consequente manipulação dos dados e opiniões. Em decorrência disso, somos influenciados a utilizar mais e mais produtos e serviços tecnológicos, como aplicativos de monitoramento e plataformas de compartilhamento de dados. Além disso, no estudo de Morozov (2018):

²⁰Comitê Internacional de Solidariedade em Defesa de Lula e a Democracia no Brasil, é um movimento político composto por vários movimentos sociais e entidades sindicais brasileiras, ativistas e personalidades de mais de 50 países. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Lula_Livre. Acesso em: 25 de setembro de 2019.

²¹Movimento político-social brasileiro fundado em 2014, como uma tentativa de organizar e captar pessoas em razão da situação econômica, política e social do país, tendo como alvo pautas definidas como o combate à corrupção, o *impeachment* de Dilma Rousseff e a aprovação das 10 Medidas contra corrupção. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Vem_pra_Rua. Acesso em: 25 de setembro de 2019.

²²Movimento político brasileiro que defende o liberalismo econômico e o republicanismo, ativo desde 2014. Em seu manifesto, cita: “imprensa livre e independente, liberdade econômica, separação de poderes, eleições livres e idôneas e fim de subsídios diretos e indiretos para ditaduras”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Brasil_Livre. Acesso em: 25 de setembro de 2019.

(...) uma política apolítica não significa uma política sem controle ou gerenciamento. (...) Seu Estado ideal não é o pequeno governo dos libertários – afinal, um Estado pequeno não precisa de aparelhos sofisticados nem de servidores de massa para o processamento de dados -, e sim um Estado obcecado pela acumulação de dados proposto pelos economistas comportamentais. (MOROZOV, 2018, p. 92).

Por essa análise pode-se compreender que o Estado investigador está utilizando a tecnologia da retroalimentação como um pilar, pois embora entenda que o comportamento seja irracional, tal irracionalidade pode ser corrigida, basta o ambiente conseguir atuar sobre nós, investigando e apontando para a direção correta.

Para Morozov (2018), os governos enfraquecidos entendem que essa ocupação, por parte da tecnologia, é muito positiva de maneira que se essa plataforma ajudar a identificar e organizar conjuntos de dados que possam ser comercializados com lucros para empresas que as utilizam para fins publicitários. Vale ressaltar que a regulação algorítmica, independentemente de seus benefícios imediatos, trará um “regime político no qual todas as decisões serão tomadas pelas empresas de tecnologia e pelos burocratas estatais”. (MOROZOV, 2018, p. 101).

Considerando a polarização de opiniões um comportamento, ele é altamente influenciável pelas variáveis tecnológicas apresentadas anteriormente e estas intervenções têm implicações diretas sobre o controle de grandes massas em um cenário que minimiza o poder do estado e maximiza o poder do mercado no cotidiano dos usuários das mídias sociais. Diante dessa perspectiva uma lacuna seria compreender os efeitos dessas variáveis sobre o comportamento dos graduandos em psicologia.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivos Gerais

1. identificar o fenômeno da polarização de opiniões nas mídias sociais utilizando uma abordagem de revisão conceitualmente multirreferenciada e, a partir dos fundamentos da Análise do Comportamento, descrever como os temas relatados são percebidos por estudantes universitários do curso de graduação em Psicologia.

4.2 Objetivos Específicos

a) Mediante revisão de literatura, descrever a polarização de opiniões utilizando abordagem multirreferenciada, abarcando temas da Psicologia, Sociologia, Política, Comunicação e da Ciência da Computação;

b) Apresentar e descrever uma amostra de relatos dos graduandos em Psicologia acerca dos temas considerados polarizantes;

5. MÉTODO

Descrever as práticas culturais atuais e conhecer as dinâmicas envolvidas no ambiente a partir dos relatos dos indivíduos envolvidos é parte essencial na identificação de problemas e na compreensão de possíveis demandas de intervenções; para Cozby é “(...) um meio importante de pesquisadores estudarem relações entre variáveis e mudança de atitudes e comportamentos no decorrer do tempo.” (COZBY, 2009, p. 144).

Por conta disso, optou-se por uma pesquisa de opinião junto a estudantes de graduação em Psicologia, buscando descrever o ambiente a partir de seus relatos como forma de ampliar a compreensão desse momento histórico. Como já visto, a proposta desta pesquisa foi identificar e descrever as principais variáveis funcionais relacionadas ao fenômeno da polarização de opiniões.

Referências e recursos informacionais foram acessados em mídias oficiais e nos principais bancos de dados, como: Scielo, ERIC, BDTD, Scince.gov, ScienceReserch, Dedalus (USP), Google Acadêmico, Athena (Unesp), Acervus (Unicamp), e pelo Portal Brasileiro de Informação Científica (Capes), sempre priorizando a informações referenciadas pelo sistema

Qualis-Periódicos, que é uma ferramenta usada para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos.

Na intenção de evitar uma avalanche de resultados, foram utilizados operadores booleanos específicos de cada sistema de busca. Tais buscas nem sempre apareceram em seu formato original: *and, or, and not*; para facilitar o entendimento e, conseqüentemente, seu uso, alguns sistemas utilizam esses conectores em frases tipo “com todas as palavras” ou “com qualquer uma das palavras”, mas o objetivo é o mesmo - restringir a pesquisa para obter resultados mais precisos na busca de palavras chave como polarização de opiniões, mídias sociais; análise do comportamento e Teoria das Molduras Relacionais.

Com intuito de definir os parâmetros na coleta de dados, foi utilizado como referência o questionário aplicado na pesquisa de Joseph J.P. Simons e Melanie Green sobre “Tópicos Divisivos e Ameaças Sociais”, onde foram descritos como os usuários se posicionam em relação à polarização. Foi feito contato com os pesquisadores da Universidade Búfalo (EUA), que enviaram o modelo de questionário aplicado com universitários nos Estados Unidos. Devido a diferenças culturais e linguísticas, o questionário foi adaptado à realidade brasileira.

A principal adequação foi a troca do nome tópicos divisivos para polarização de opiniões, termo mais adequado e mais utilizado quando se quer destacar a divisão de ideias em lados opostos. Também foram adaptados os substantivos utilizados como tópicos, o número de tópicos utilizado na pesquisa americana foi mantido (60) e alguns substantivos foram trocados por serem mais representativos e disseminados pelas mídias sociais no Brasil nesse momento atual.

5.1 Instrumento de Coleta de Dados

O questionário da pesquisa foi baseado no questionário sobre “Tópicos Divisivos e Ameaças Sociais”, porém como são pesquisas diferentes, foram acrescentadas perguntas de levantamento demográfico, como sexo, idade, a princípio formação acadêmica - que foi retirada por direcionar a pesquisa aos graduandos de psicologia - e situação profissional, assim como foi mantido o número de 60 descritores sobre temas polarizantes.

As questões 1,2,3 e 5 são perguntas diretas com opção de escolhas únicas, menos a questão 4, sobre mídia social onde o participante assinalava quais mídias utilizava. Na questão seis foram apresentadas algumas situações que poderiam ocorrer no uso das mídias sociais e o participante escolheria entre cinco valências sendo a máxima a número cinco. Nessa questão o método de avaliação foi a Escala Likert, onde foi apresentado um conjunto de afirmações que buscando mensurar a reação dos participantes da pesquisa utilizando cinco categorias pontuadas de um a cinco, onde as escolhas estarão em dois extremos, reforçando que as atitudes estão

relacionadas com o comportamento que os participantes possuem acerca do objeto, portanto são apenas indicadores de conduta e não a própria conduta.

Na questão 7 utilizou-se uma escala de diferencial semântico, nesta etapa do estudo, realizou-se um levantamento de palavras selecionadas anteriormente como polarizantes embasado num referencial teórico que discute questões pertinentes à formação do significado e às atitudes do indivíduo em relação ao objeto. O diferencial semântico possibilita medir a reação das pessoas expostas a palavras e conceitos por meio de escalas bipolares, definida com adjetivos antônimos em seus extremos. A técnica possibilita o registro, quantificação e comparação das propriedades inerentes a um ou mais conceitos (PASQUALI, 1999).

5.2 Procedimento de Coleta de Dados

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética Institucional de Pesquisa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Bauru (UNESP), em conformidade com a Resolução brasileira (CNS/MS No.196/1996), e juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) encontram-se devidamente cadastrados na Plataforma Brasil com o parecer favorável consubstanciado número CAEE 3.517.899.

Foi realizado primeiramente um estudo piloto para a construção do questionário, inicialmente com participação individual com indivíduos de diversas áreas de formação e profissões que receberam explicações sobre o projeto e cumprimento dos procedimentos éticos recomendados. Para avaliação da pertinência dos descritores utilizados na medida piloto, 10 participantes foram recrutados e a avaliação foi individual. Os participantes recebiam um questionário contendo todos os descritores presentes na medida piloto e eram convidados a responder uma avaliação. Concluído o teste piloto, os questionários retornaram a pesquisadora que, após uma análise geral da pertinência dos itens, foram modificados para versão final do questionário.

O procedimento da coleta de dados iniciou-se com a solicitação de participação, enviada através de e-mail pessoal aos coordenadores dos cursos de graduação em Psicologia em duas cidades do interior de São Paulo. As solicitações foram encaminhadas para seis universidades particulares e uma universidade pública, porém só houve autorização da universidade pública e de uma universidade particular.

Com as devidas autorizações em mãos foram agendados os encontros presenciais. A coleta começou com uma explicação do projeto e cumprimento dos aspectos éticos em pesquisa com humanos, entrega e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE),

posteriormente o participante era convidado a responder o questionário em grupo, dentro de uma sala de aula.

5.3 Local de aplicação

Aplicado pessoalmente em salas de aula de dois cursos de graduação em Psicologia em duas cidades do interior de São Paulo.

5.4 Participantes

Os participantes foram selecionados por uma amostragem não probabilística por conveniência e a escolha foi por uma amostra heterogênea, considerando universitários estudantes do curso de graduação em Psicologia caracterizados como usuários de mídias sociais, maiores de 18 anos, sem distinção de gênero, raça ou cor e classe social. Ao todo foram considerados 53 participantes.

5.5 Análise dos Dados

Após a aplicação dos questionários, foi realizada uma análise estatística de frequência, para fins de:

- (1) comparação entre as idades de homens e mulheres;
- (2) uso das mídias sociais;
- (3) comportamentos diante de opiniões polarizantes;
- (4) como os participantes da pesquisa se sentem em relação a temas considerados polarizantes.

Para todas as análises foi utilizado o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão atualizada) utilizando-se da análise descritiva de frequência, cujo objetivo básico foi o de sintetizar os valores de mesma natureza, permitindo dessa forma que se tenha uma visão global da variação desses valores, organizados e descritos de três formas: por meio de tabelas, de gráficos e de descrição dos dados. A tabela foi utilizada como um quadro que resume um conjunto de observações, enquanto os gráficos são formas de apresentação dos dados, cujo objetivo é o de produzir uma impressão mais rápida e viva do fenômeno em estudo.

6. RESULTADOS

6.1. Características dos participantes

A seleção da amostra começou com estudantes universitários de diversos cursos, após a aplicação da pesquisa piloto e das adequações necessárias, foram selecionados 53 alunos do curso de graduação em Psicologia em duas cidades do interior do estado de São Paulo.

Tabela 01 – Características dos participantes

Característica dos participantes		n	%
Sexo	Masculino	20	37,70%
	Feminino	32	60,40%
	Outros	1	1,90%
Faixa Etária	De 18 a 22	31	58,50%
	De 23 a 27	15	28,30%
	De 28 a 35	7	13,20%
Média de Idade		22 anos	
Atividade Profissional	Estudante	43	81,10%
	Assalariado	8	15,10%
	Informal	1	1,90%
	Outros	1	1,90%

Fonte: Dados da Pesquisa.
Desenvolvida pela autora.

Trata-se de uma amostra com predominância feminina, acima de 60% e com uma média de idade de 22 anos. Nesse grupo somente 15% são trabalhadores assalariados e a grande maioria (81%) somente estuda sem exercer atividade remunerada. Conversando com os

participantes, diversos se apresentavam como LGBTQIA+²³, porém não gostariam de assinalar na pesquisa com medo de se expor.

6.2 Principais Mídias Sociais Conectadas

Tabela 02 – Mídias Sociais

Mídias Sociais	n	%
WhatsApp	53	100,00%
Facebook	47	88,70%
YouTube	46	86,80%
Instagram	45	84,90%
Twitter	21	39,60%
Linkedin	14	26,40%
Outras	7	13,20%
Total	53	100%

Fonte: Dados da Pesquisa.
Desenvolvida pela autora.

O *WhatsApp* é hoje a mídia social de mensagens instantâneas mais popular entre os brasileiros, pois praticamente todas as pessoas que possuem um smartphone também o têm instalado.

O aplicativo esteve no centro de muitos debates nas eleições de 2018 e foi uma das ferramentas de disseminação de *Fake News*, já que é muito usado para compartilhamento de informações em conversas pessoais ou em grupos. Essa característica, aliás, é o que faz com que o

²³ Nascido sob a sigla GLS ela cresceu e incorporou L, para lésbicas, G para gays, B para bissexuais, T para transgêneros, Q para Queer, I para intersexo A para assexual e + que abriga todas as possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero que existam.

“zap”, como comumente é chamado, seja considerado uma mídia social e calcula-se que 89%²⁴ dos internautas brasileiros são usuários. Nos dados apresentados esse valor foi ampliado chegando a cem por cento dos participantes da pesquisa.

O YouTube passou o Facebook e, em 2019, tornou-se a mídia social mais utilizada pelos brasileiros. Mais especificamente, 95% dos internautas do Brasil acessam regularmente a plataforma, sendo a principal mídia social de vídeos *online* da atualidade, com mais de 1 bilhão de usuários ativos e mais de 1 bilhão de horas de vídeos visualizados diariamente. Na pesquisa também aparece muito acessada chegando a 86,8% dos participantes da pesquisa.

Assim como o YouTube, o Instagram detém a preferência de mais de 80% dos participantes. Foi uma das primeiras mídias sociais exclusivas para acesso por meio do celular e, embora hoje seja possível visualizar publicações no desktop, seu formato continua sendo voltado para dispositivos móveis.

O LinkedIn é a maior mídia social voltada para profissionais, é semelhante ao Facebook, porém a diferença é que o foco se volta aos contatos profissionais, ou seja: no lugar de amigos, temos conexões, e em vez de páginas, temos empresas. Por ser voltada a profissionais, o número de participantes da pesquisa que acessam o LinkedIn é baixo, somente 26%, valor que pode ser atribuído a condição de estudante dos participantes.

6.3 Tempo Conectado

Tabela 03 – Tempo Conectado

Tempo Conectado	n	%
ATÉ UMA HORA POR DIA	3	5,70%
ENTRE DUAS A QUATRO HORAS POR DIA	28	52,80%
ENTRE CINCO A SEIS HORAS POR DIA	13	24,50%
MAIS DE SEIS HORAS POR DIA	9	17,00%

²⁴ Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 21 de janeiro de 2020.

Total	53	100,00%
-------	----	---------

Fonte: Dados da Pesquisa.
Desenvolvida pela autora.

O relatório Digital 2019, da *We Are Social* e da *Hootsuite*²⁵, apresentam insights atualizados sobre temas digitais em todo o mundo, desde a penetração da internet, até o uso de smartphones e mídias sociais. Este relatório demonstra que 140 milhões de brasileiros estão nas mídias sociais, o que representa 66% da população nacional. Além disso, 130 milhões desses brasileiros acessaram as redes por dispositivos móveis (61%), o que mostra que a maioria navega na Internet com o celular. Segundo a pesquisa, todos os usuários brasileiros visitaram ou usaram as mídias sociais em 2018 e, desses, 81% é ativamente engajado nas plataformas.

De acordo com o relatório, o brasileiro gasta, em média, três horas e 34 minutos por dia com as mídias sociais, e a maioria tem entre 25 a 34 anos. Esses dados reforçam os que foram levantados na pesquisa, ou seja, 52,8% ficam conectados por mais de duas horas por dia e estão dentro da faixa etária.

6.4 Comportamento dos Participantes nas Mídias Sociais

O principal objetivo da pesquisa é identificar e descrever o fenômeno da polarização de opiniões usando uma abordagem multirreferenciada e usar os fundamentos da Análise do Comportamento para descrever como os temas são percebidos e assim mostrar a influência das mídias sociais na polarização em estudantes do curso de psicologia, analisando como o participante da pesquisa se comporta diante das novas demandas das mídias sociais, como se relaciona com os temas polarizantes e se há uma relação de dependência entre os eventos ambientais e as mudanças de comportamento dos participantes.

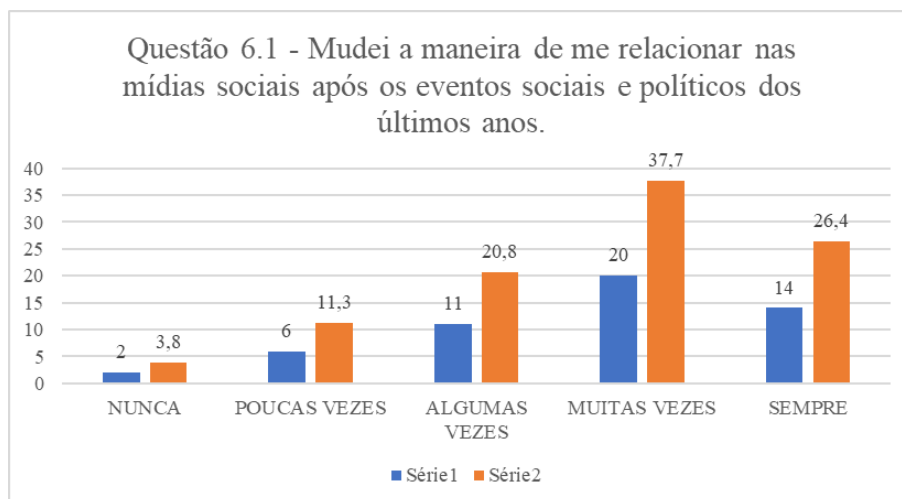
Nessa primeira etapa foram elaboradas onze questões sobre o comportamento dos participantes enquanto usuários das mídias sociais. As questões foram analisadas em uma dimensão de resposta de frequência, avaliada em uma escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (nunca) a 5 (sempre). O escore para cada questão é calculada através da soma das respostas dos itens de cada fator dividida pelo respectivo número de itens. Nos gráficos estão representados como série 1 (azul) representando o número de participantes que escolheram aquela determinada frequência e como série 2 (laranja) o percentual em relação ao total de respostas.

²⁵ Disponível em: <https://wearesocial.com/global-digital-report-2019>. Acesso em 21 de janeiro de 2020

Questão 6.1

Mudei a maneira de me relacionar nas mídias sociais após os eventos sociais e políticos dos últimos anos.

Gráfico 6.1 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.1



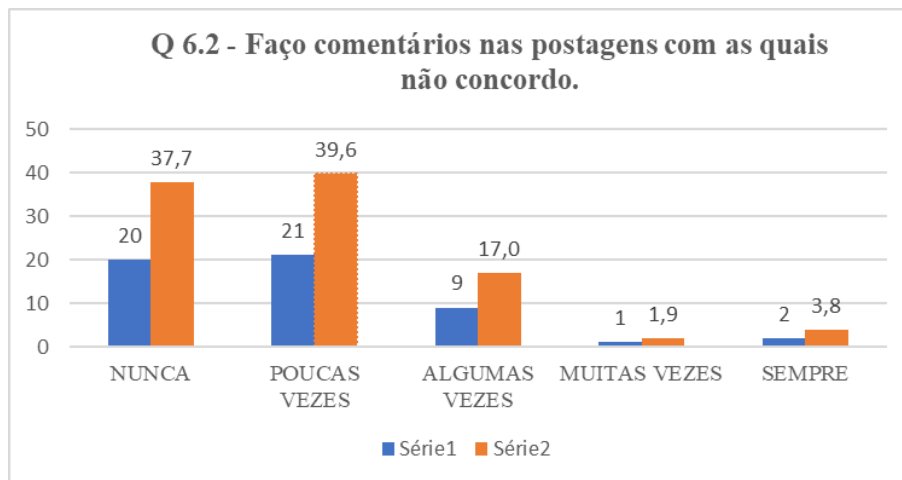
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

As mídias sociais permitem a construção de um processo de comunicação bastante intenso, sem a necessidade de contato físico ou interação ao vivo. Neste cenário, o uso dessas mídias vem interferindo no comportamento humano, instigando a necessidade de estar sempre conectado e fazendo com que a tecnologia faça parte do cotidiano de todo indivíduo. Percebe-se que as mídias sociais são arquiteturas sociais baseadas em sistemas digitais que têm como função ligar pessoas e organizações com objetivos semelhantes. A velocidade com que as mudanças comportamentais vêm acontecendo são tão surpreendentes que são capazes de transformar instantaneamente um usuário em uma pessoa boa ou má com base na simples concepção dos interlocutores sobre o que foi postado. Dos 53 participantes, 96% relatam terem mudado a maneira como agem nas mídias, sendo que 37,7% o fazem muitas vezes, 20,8% fazem algumas vezes e 26,4% o fazem sempre. O número elevado pode significar uma formação equivocada da questão, já que o comportamento está em constante mudança – se relacionar é comportamento – então ele pode ter mudado.

Questão 6.2

Faço comentários nas postagens com as quais não concordo.

Gráfico 6.2 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.2



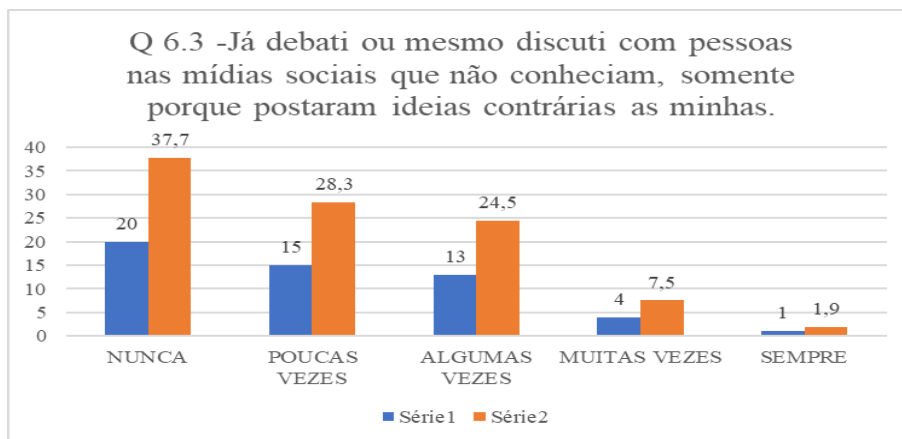
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Atualmente uma grande parte da população que tem acesso à internet usa as mídias sociais para expressar suas opiniões ou então para pesquisar e obter informações. Esta mudança de comportamento, pode afetar os relacionamentos pois, escondidas atrás de uma tela de computador, algumas pessoas não se importam em filtrar seus comentários negativos e acabam sendo agressivas e mal educadas. Nos dados levantados com os graduandos de Psicologia, 37,7% nunca faz comentários, 39,6% comentam poucas vezes, 17% algumas vezes, 1,9% muitas vezes e 3,8% sempre fazem comentários, ou seja, um grupo expressivo 62,3%, mesmo que poucas vezes, comentam em postagens que não concordam.

Questão 6.3

Já debati ou mesmo discuti com pessoas nas mídias sociais que não conhecia, somente porque postaram ideias contrárias às minhas.

Gráfico 6.3 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.3



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

“Todos ficamos de algum lado da discussão”, diz Natalia Aruguete, pesquisadora do organismo científico argentino Conicet. A divergência viraliza de tal forma que podem ser interpretadas como uma piada ou insulto, dependendo do receptor. Para Aruguete (2011), a polarização gerada pelas políticas sociais estava instalada, mas “os protestos levaram os habitantes a uma consciência desses processos, gerando uma maior consolidação da identidade, não apenas política, mas também religiosa e étnica “. Com discursos radicais, contatos eliminados e baixa tolerância, as mídias sociais auxiliam na formação de bolhas que, segundo Aruguete, alimentam a divisão de duas formas:

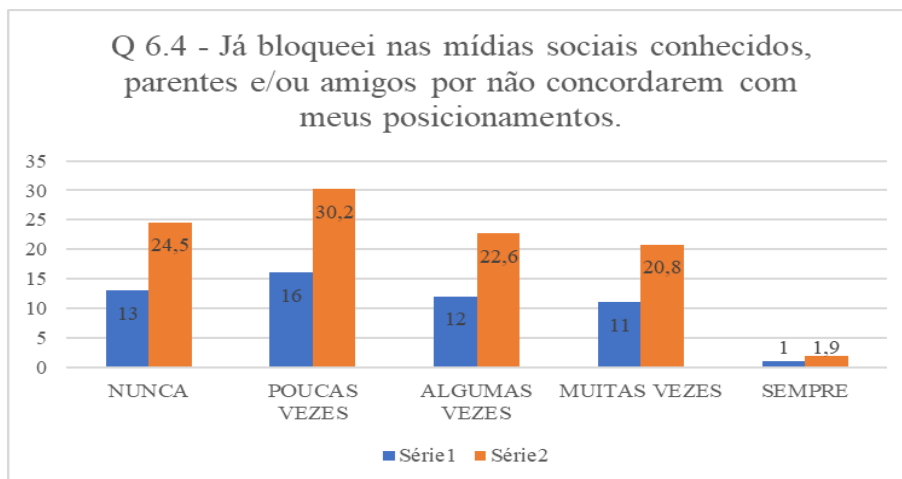
Por um lado, há uma reação subjetiva de se identificar com os membros de uma bolha e um menor alcance da mensagem que circula do outro lado da divergência; por outro lado, existe uma lógica algorítmica e orgânica das mídias sociais para levar nossas mensagens para mais pessoas, e essa lógica aprofunda as diferenças e consolida a polarização. (Aruguete, 2011, p. 71).

Nos dados encontramos 37,7% participantes que nunca discutiram ou debateram com desconhecidos, porém a maioria chegou a discordar somente porque alguém teve uma ideia contrária à sua, reforçando o que foi proposto por Aruguete.

Questão 6.4

Já bloqueei nas mídias sociais conhecidos, parentes e/ou amigos por não concordarem com meus posicionamentos.

Gráfico 6.4 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.4



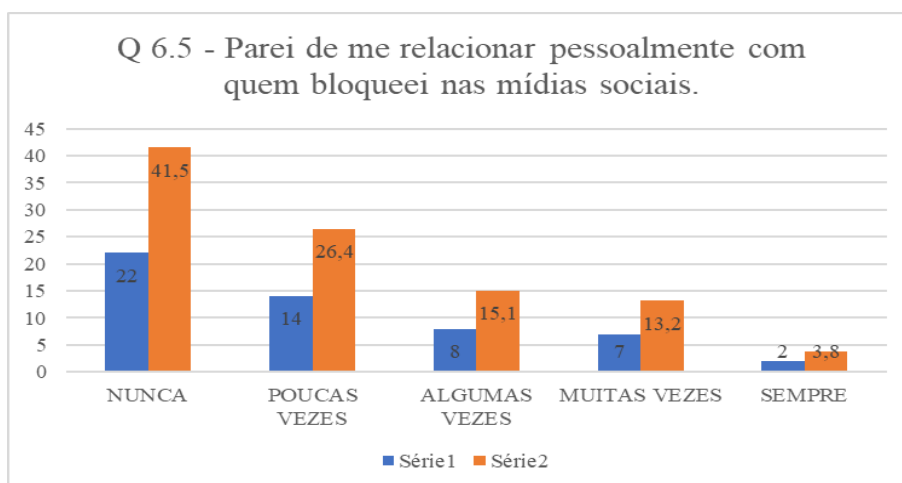
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

O que foi corroborado na pesquisa de Arugute (2011) também pode ser observado nos dados da pesquisa sobre o bloqueio ou afastamento social de pessoas conhecidas diante de posicionamentos mais extremos. Na pesquisa 24,5% nunca bloquearam amigos e/ou conhecidos diante de comentários divergentes, porém a grande maioria 75,5% chegaram a bloquear.

Questão 6.5

Parei de me relacionar pessoalmente com quem bloqueei nas mídias sociais.

Gráfico 6.5 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.5



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

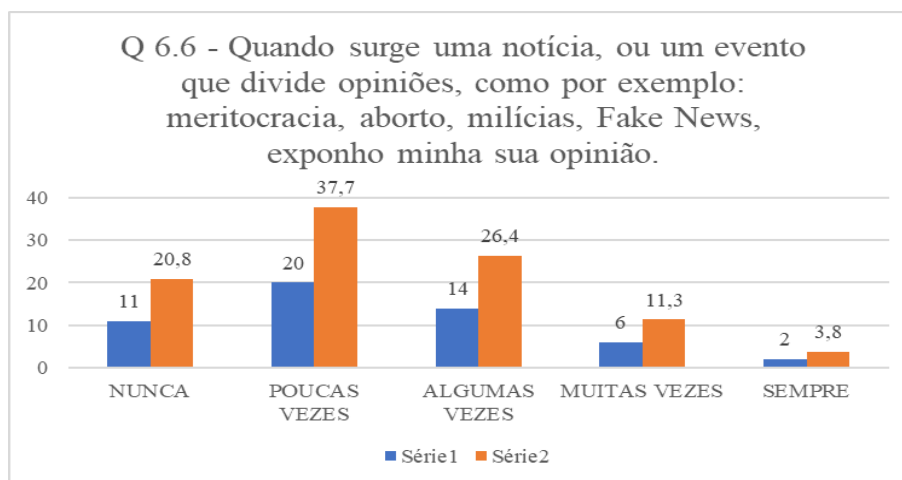
Os dados da pesquisa também demonstram que o bloqueio em mídias sociais pode desencadear também o corte no relacionamento pessoal, isso não ocorre tão ostensivamente já

que 41,5% nunca romperam, porém ainda é grande a influência dos relacionamentos nas mídias sociais já que mais da metade dos entrevistados 58,5% levaram para o relacionamento pessoal as divergências que ocorreram dentro das mídias.

Questão 6.6

Quando surge uma notícia, ou um evento que divide opiniões, como por exemplo: meritocracia, aborto, milícias, Fake News, exponho minha opinião.

Gráfico 6.6 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.6



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Em pesquisa realizada pela Fundação Telefônica Vivo²⁶ que ouviu 1.440 pessoas buscando compreender o comportamento de jovens de 15 a 29 anos na internet. As mudanças da vida conectada para o jovem brasileiro foram analisadas a partir de quatro eixos: comportamento, educação, empreendedorismo e ativismo. Especialistas investigaram os hábitos de pessoas de todas os estados e com várias faixas de renda. Um dos capítulos da pesquisa analisa o ativismo *online* e entre os entrevistados, 61% consideram importante manifestar opinião nas mídias sociais. Por outro lado, 50% têm medo de tocar em temas polêmicos. Nos entrevistados essa diferença também foi expressiva, 20,8% nunca se posicionam e 79,2% se posicionam, porém somente 3,8% o fazem sempre.

Para a pesquisa proposta pela Fundação Vivo, os principais motivadores de conflitos nas mídias sociais são: Homofobia (mencionado principalmente por meninos e pelos jovens de São Paulo, Recife e Belém), Racismo (citado somente nos grupos de Belém e Recife), Gênero/Machismo (mencionado pontualmente por mulheres em São Paulo e Brasília), Religião

²⁶ Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/pesquisa-aponta-que-jovens-tem-medo-de-expor-opinioes-na-internet/amp>. Acesso em: 21 de janeiro de 2020.

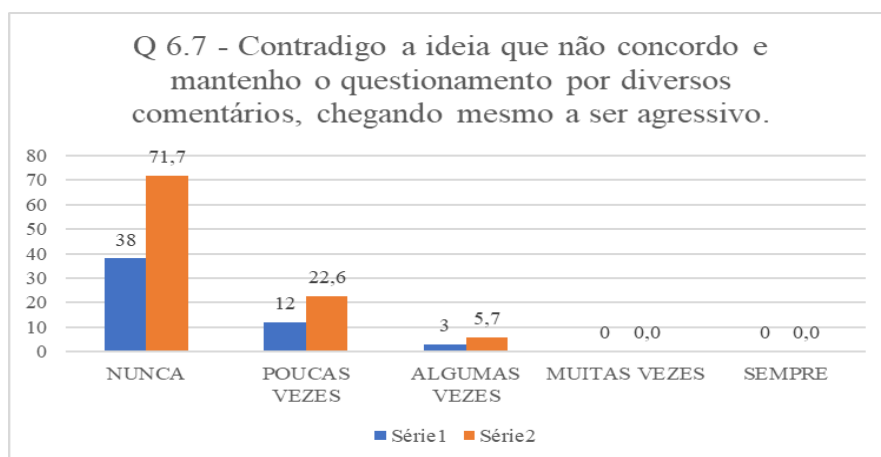
ou filosofia de vida (citado por todos os grupos, nem sempre em função de situações vividas por eles próprios).

Tais resultados se assemelham aos encontrados nessa pesquisa, dos participantes somente 20,8% nunca expuseram suas opiniões, o restante, fizeram comentários, sendo que 37,7% comentaram poucas vezes, 26,4% algumas vezes, 11,3% muitas vezes e 3,8% comentaram sempre, indicando que 79,2% se posicionam.

Questão 6.7

Contradigo a ideia que não concordo e mantenho o questionamento por diversos comentários, chegando mesmo a ser agressivo.

Gráfico 6.7 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.7



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Sakamoto (2016) classifica a internet como um espaço de muitas manifestações agressivas e intolerantes. Autor aponta para o fato de que essas reações são sintomas de uma sociedade cada vez mais desapegada. Desta forma, a empatia e a habilidade de solidarização com o próximo parecem desafios cada vez maiores. Para ele, na verdade, essa realidade corresponde a uma "faca com duas lâminas: de um lado, - a internet aproxima, de outro, afasta" (SAKAMOTO, 2016, p. 14).

Se por um lado promove encontros e reencontros, aproxima minorias e potencializa a união de grupos com interesses comuns, dando forças às mais diversas e legítimas causas, também "pode se tornar um púlpito de onde fala, mas não se ouve" (SAKAMOTO, 2016, p. 14).

Para Sakamoto (2016), parte da discussão sobre ódio na internet está diretamente relacionada à cada vez mais frequente incapacidade humana de lidar, nessa sociedade líquida, com outras pessoas e, claro, com as emoções. Didatiza o autor:

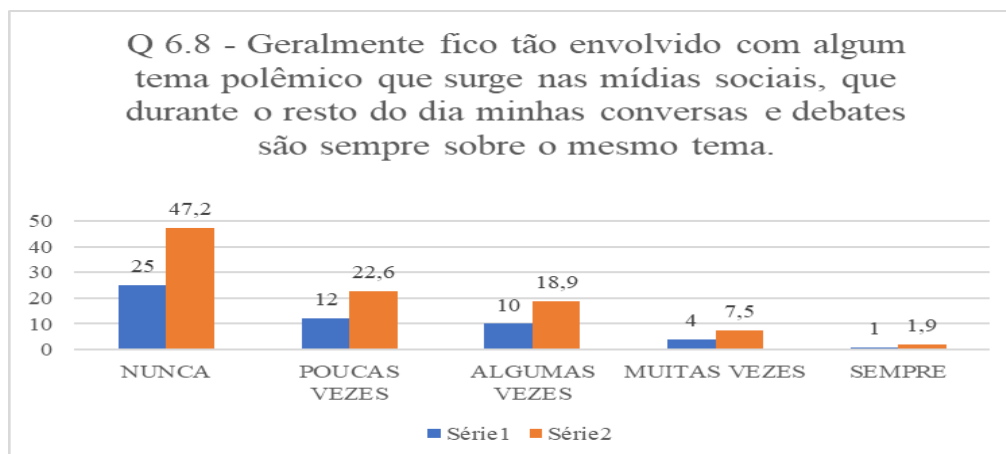
Xingo, insulto, minto, difamo, ameaço não apenas porque me sinto protegido por um pretenso anonimato, mas também pelo fato de que não vejo meu interlocutor frente a frente. Ele é um avatar com nome desconhecido, não uma pessoa com sentimentos (SAKAMOTO, 2016, p. 15).

Mesmo diante dessa realidade, os dados apresentados diferem do que foi apresentado na pesquisa de Sakamoto, para os graduandos de psicologia relataram que 71,7% nunca foram agressivos diante dos comentários contrários.

Questão 6.8

Geralmente fico tão envolvido com algum tema polêmico que surge nas mídias sociais, que durante o resto do dia minhas conversas e debates são sempre sobre o mesmo tema.

Gráfico 6.8 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.8



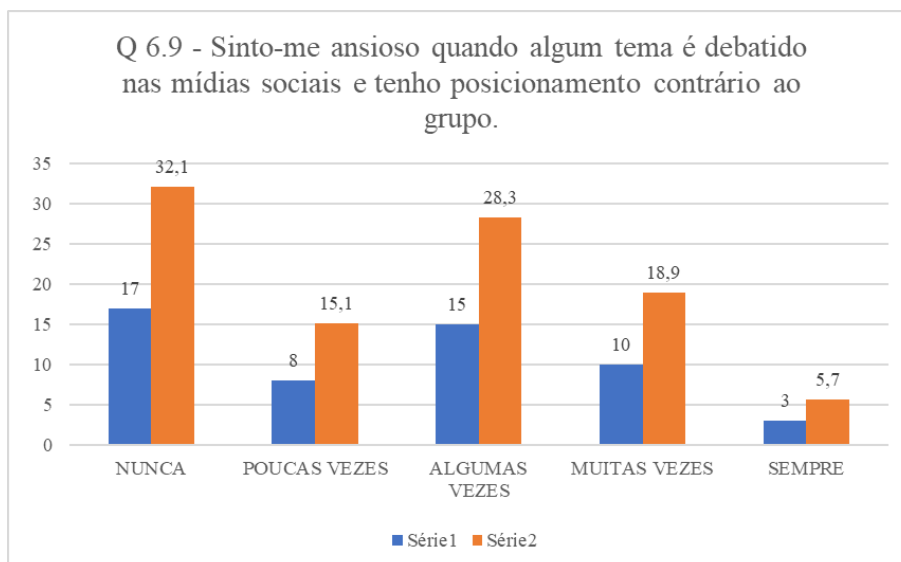
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Os assuntos polêmicos permeiam o debate diário de pelo menos a metade dos entrevistados. Na pesquisa 47,2% nunca se envolve, 22,6% se envolvem poucas vezes, 18,9% algumas vezes, 7,5% muitas vezes e somente 1,9% se envolve sempre.

Questão 6.9

Sinto-me ansioso quando algum tema é debatido nas mídias sociais e tenho posicionamento contrário ao grupo.

Gráfico 6.9 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.9



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Em 2008, a palavra “ansiedade” registra sua maior frequência de acordo com o Google Ngram, ferramenta da Google que varre o uso de determinadas palavras em publicações físicas e/ou digitais ao longo de um tempo especificado. Segundo uma pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) realizada em 2014, cerca de 33% da população mundial sofre de algum tipo de distúrbio de ansiedade.

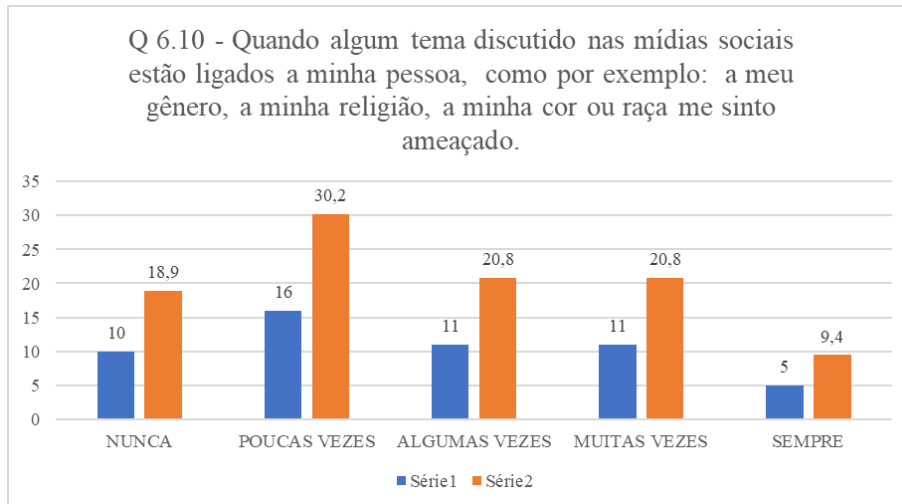
As mídias sociais fomentam a interação e o sentimento de fazer parte do grupo e não é à toa que o crescimento global da ansiedade também coincida com a expansão do alcance da Internet e de sua difusão entre a população mundial de maneira geral.

Ao expressar opiniões divergentes nas mídias sociais 67,9% dos participantes apresentam ansiedade.

Questão 6.10

Quando algum tema, discutido nas mídias sociais, estão ligados à minha pessoa, como por exemplo: a meu gênero, a minha religião, a minha cor ou raça me sinto ameaçado.

Gráfico 6.10 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.9



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

A interação mediada pelo computador mudou os relacionamentos. Aquilo que antes era visto como interação passou a constituir-se não apenas de ações verbais, mas de todo o tipo de troca que sinaliza, em algum momento, a participação, a tomada de turno e mesmo, a legitimação do discurso das mídias sociais. A natureza dos laços sociais também sofreu alterações. Aqueles laços que antes necessitavam da interação para serem construídos passam a ser construídos também pela associação e são mantidos pelos próprios grupos (RECUERO, 2009).

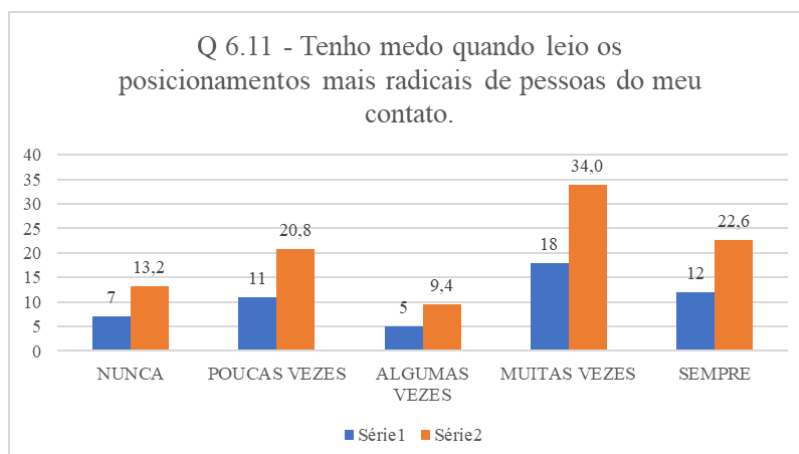
Com isso, o tamanho das mídias sociais no espaço *online* foi aumentado, a qualidade das conexões se tornou complexa, as mídias sociais proporcionam formas diferentes de representação da face. Ao construir um perfil, há uma construção também de determinadas impressões que desejamos dar aos demais atores e à "audiência invisível" (RECUERO, 2009).

Interagir também apresenta risco, esse risco é baseado na possibilidade de que atos de ameaça a face venham a surgir de situações de interação. Esses atos acontecem quando a face não é legitimada pelos demais atores na conversação. Na pesquisa isso se apresenta quando 81,1% sinalizam alguma ameaça.

Questão 6.11

Tenho medo quando leio os posicionamentos mais radicais de pessoas do meu contato.

Gráfico 6.11 - Comportamento nas Mídias Sociais – Questão 6.11



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Assim como os sentimentos de ameaça, o medo também é expressivo nos participantes da pesquisa, somente 13,2% nunca sentiram medo, o restante 86,8% sinalizaram medo diante dos posicionamentos mais radicais.

6.5 Temas Polarizantes nas Mídias Sociais

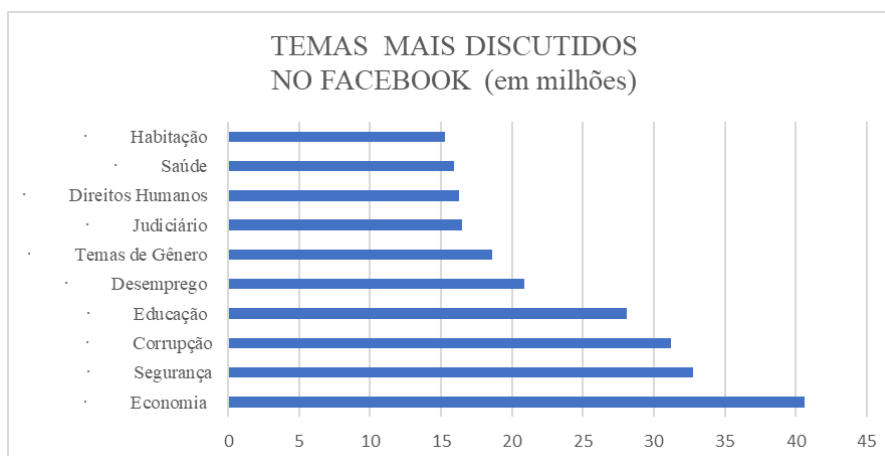
No Brasil os cidadãos estão, cada vez mais, buscando debates nas mídias sociais sobre temas como “Economia”, “Segurança”, “Educação”, “Políticas Públicas” e “Saúde”. De acordo com levantamento realizado pelo Facebook, mais de 100 milhões de usuários discutiram os temas citados, que lideram um ranking de 10 sugestões elencadas por volume de discussão. O Facebook diz que, mensalmente, o Brasil tem 127 milhões de pessoas ativas na plataforma. O levantamento considerou como recorte de tempo o período entre 16 de agosto e 29 de agosto, que marca o início oficial das atividades eleitorais.

No total, foram 368 milhões de interações, sem medir “sentimento”, ou seja, o grau de satisfação (ou da falta dela) sobre os temas identificados.

Veja a lista completa com o ranking por tópicos dos **temas mais discutidos no Facebook**²⁷ (16 - 29/8).

Gráfico 6.12 - Temas mais discutidos no Facebook

²⁷ Os dados foram levantados no site: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/eleicoes-2018-economia-e-o-assunto-mais-comentado-no-facebook-121678/>. Acesso em: 20 de maio de 2019.



Fonte: Dados da pesquisa realizada pelo Facebook <https://canaltech.com.br/redes-sociais/eleicoes-2018-economia-e-o-assunto-mais-comentado-no-facebook-121678>

Baseando-se nos dados da pesquisa realizada pelo Facebook e para facilitar a interpretação os tópicos que evocam reações polarizadas foram divididos em seis subgrupos definidos como Educação, Políticas Públicas, Economia, Saúde, Segurança e Meio Ambiente, conforme detalhado na tabela a seguir:

Quadro 1 - Temas Polarizantes

Educação	Políticas Públicas	Economia	Saúde	Segurança	Meio Ambiente
Ideologia de gênero	Homofobia	Privatização da Petrobrás	Eutanásia	Intervenção militar	Aquecimento global
Fake News	Racismo	Previdência privada	Saúde pública	Porte/posse de armas	Reciclagem de lixo
Educação Sexual	Aposentadoria	Liberalismo econômico	Clonagem de seres humanos	Pena de morte	Proteção de espécies ameaçadas
Escola sem Partido	Bolsa família	Livre Mercado	Maternidade na adolescência	Direitos humanos	Proteção a animais domésticos
Marxismo Cultural	Proteção aos Índios	Estatização da economia	Uso de células tronco	Guerra às drogas	Liberação a caça
Comunismo	Conservadorismo nos costumes		SUS - Serviço Único de Saúde	Milícias	Combate à poluição
Sororidade	Adoção por casais gays			Rastreamento de atividades online	Uso de agrotóxicos
Gordofobia	Casamento gay			Vandalismo	
Meritocracia	Leis de imigração			Prisão perpétua	
Ensino domiciliar	Igualdade de gênero			Tortura de presos	
Ensino à distância	Trabalho escravo			Gatos de tv, energia e água	
	Corrupção			Brigas sobre futebol	
	Combate à pobreza				
	Seguridade social – Loas				
	Voto obrigatório				

Agricultura familiar
Legalização do Aborto

Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Foram elaboradas questões sobre o comportamento dos participantes enquanto os temas que evocam reações polarizadas. As questões foram analisadas em uma dimensão no grau de concordância, avaliada em uma escala Likert de 6 pontos, sendo “não sei responder”, “totalmente contrário”, “nem a favor, nem contra”, “parcialmente favorável” e “totalmente favorável”. O escore para cada questão é calculada através da soma das respostas dos itens de cada fator dividida pelo respectivo número de itens.

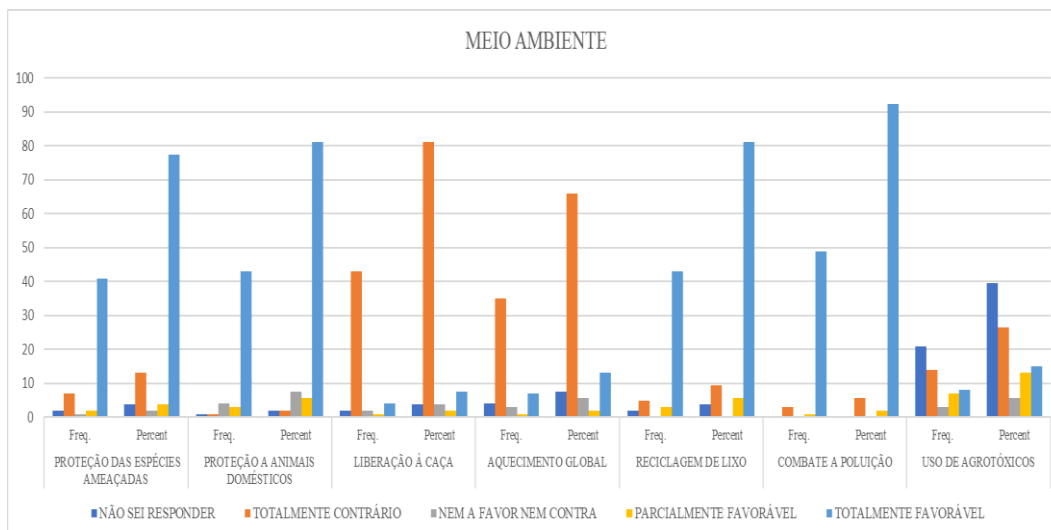
6.6 Análise dos Temas Polarizantes

6.6.1 Meio Ambiente

A preocupação com o Meio Ambiente tem assumido uma crescente influência na formulação e implementação de políticas públicas e na promoção de estratégias que visam um novo estilo de vida. Esse tema é recorrente nas discussões das mídias sociais e se expande e penetra em outras áreas e dinâmicas organizacionais, estimulando o engajamento de socioambientalistas, movimentos sociais e empresariais, nos quais o discurso do desenvolvimento sustentado assume papel preponderante (JACOBI, 2000).

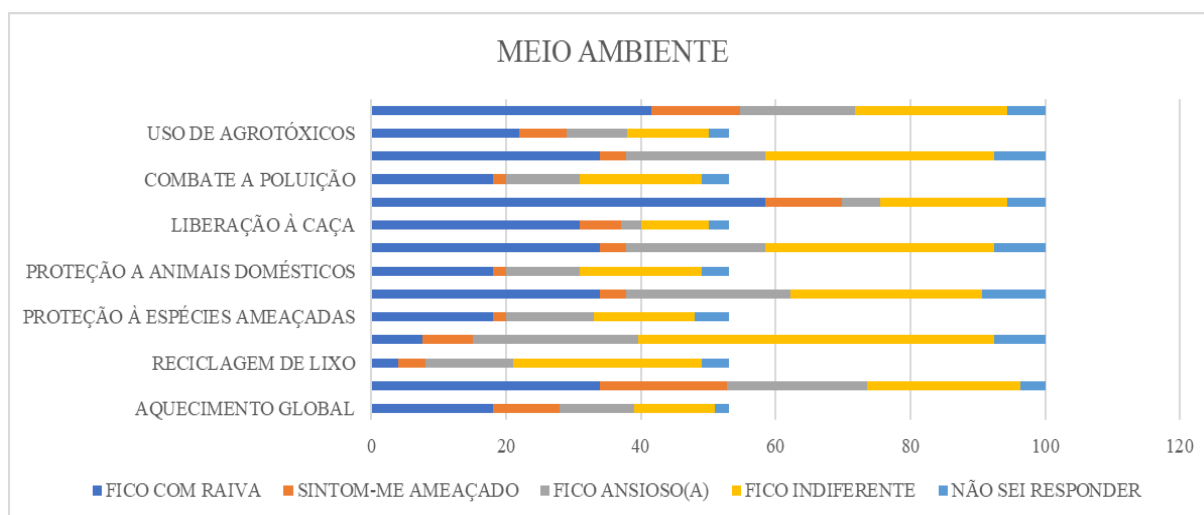
O maior ponto de inflexão do movimento ambientalista ocorre com a criação de fóruns e redes que têm importância estratégica para ativar, expandir e consolidar o caráter multissetorial do ambientalismo, apesar da grande capilaridade dessas redes há ainda muita informação truncada.

Gráfico 6.13 - Temas Polarizantes - Meio Ambiente



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.13.1 - Posicionamentos – Meio Ambiente



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

As informações que ocorrem nas mídias sociais, muitas vezes são interpretadas de acordo com os filtros bolhas, ou seja, dos grupos e assuntos que estão em destaque dentro das mídias em que os indivíduos participam. Na pesquisa aparecem os seguintes dados: Com relação a proteção das espécies ameaçadas, 3,8% não sabem responder, 13,2% são totalmente contrários, 1,9% não é a favor nem contra e a grande maioria, 77,4% são totalmente favoráveis a proteção das espécies ameaçadas.

Com relação a proteção de animais domésticos, 1,9% não sabem responder, 1,9% são totalmente contrários, 7,5% não são a favor nem contra e a grande maioria, 81,1% são

totalmente favoráveis a proteção dos animais domésticos. São contra a caça 81,1%, 3,8% não sabem responder, 1,9%, 3,8% não são a favor nem contra, 1,9% são parcialmente favoráveis e 7,5 % são totalmente favoráveis à caça de animais. Quanto ao aquecimento global, 7,5% não sabem responder, 66% são totalmente contrários, 5,7% não são a favor nem contra, 1,9% são parcialmente a favor e 13,2% são totalmente a favor.

São totalmente a favor da reciclagem de lixo, 81,1% dos participantes, 3,8% não souberam responder, 9,4% são totalmente contra e 5,7% são parcialmente a favor. O combate à poluição é um tema mais consensual, pois 92,5% são totalmente favoráveis, 5,7% são parcialmente contra e 1,9% parcialmente favorável. Apesar do tema sobre uso de agrotóxicos ser recorrente nas mídias sociais foi o tema onde o consenso foi menor, 39,6% não souberam responder, 26,4% são parcialmente favoráveis, 5,7% não são a favor nem contra, 13,2% são parcialmente favoráveis e 15,1% são totalmente favoráveis.

A pesquisa avaliou também o sentimento em relação aos temas sobre Meio Ambiente e o posicionamento dos participantes enquanto ao Uso de Agrotóxicos foi que 5,7% ficaram indiferentes, 41,5% ficaram com raiva, 13,2% sentiram-se ameaçados e 17% sentiram-se ansiosos.

Quanto ao Combate à Poluição, 7,5% não souberam responder, 34% ficaram indiferentes, 34% ficaram com raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados e 20,8% sentiram-se ansiosos. Uma proposta feita pelo atual governo era liberar a caça de animais silvestres e esse tema foi indiferente para 18,9% dos participantes, 58,5% ficaram com raiva, 11,3% sentiram-se ameaçados e 5,7% sentiram-se ansiosos.

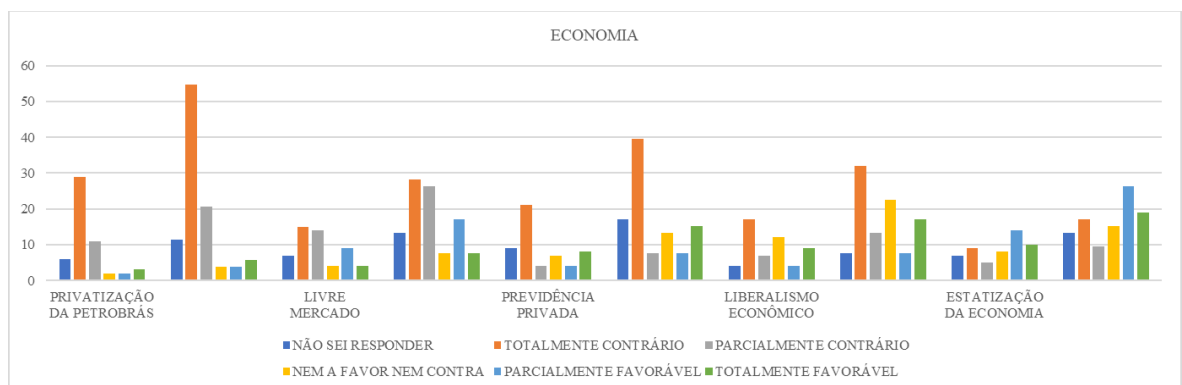
No que se refere a Proteção de Animais Domésticos, 7,5% não souberam responder, 34% ficaram indiferentes, 34% ficaram com raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados e 20,8% sentiram-se ansiosos. Bem parecido com os sentimentos em relação à proteção de Espécies Ameaçadas onde 9,4% não souberam responder, 28,3% ficaram indiferentes, 34% ficaram com raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados e 24,5% sentiram-se ansiosos.

Em referência a Reciclagem do Lixo, 7,5% não souberam responder, 52,8% ficaram indiferentes, 7,5% ficaram com raiva, 7,5% sentiram-se ameaçados e 24,5% sentiram-se ansiosos. Quanto ao Aquecimento Global, 3,8% não souberam responder, 22,6% ficaram indiferentes, 34% ficaram com raiva, 18,9% sentiram-se ameaçados e 20,8% sentiram-se ansiosos.

6.6.2 Economia

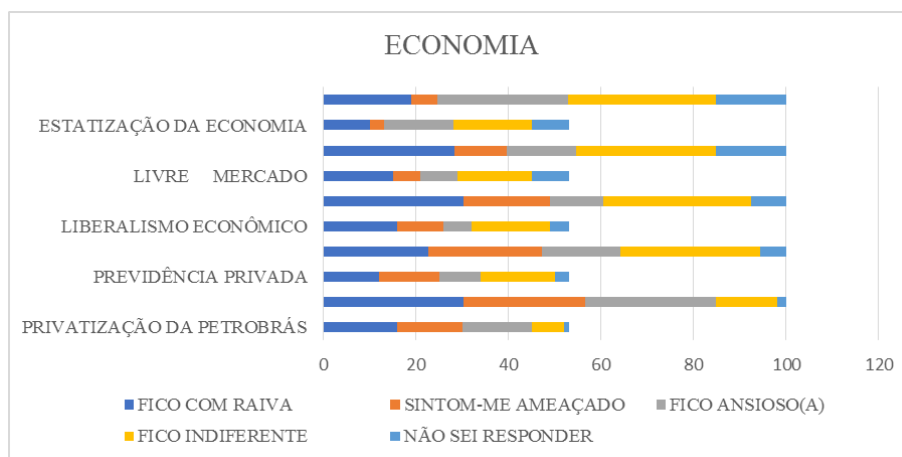
Desde as eleições de 2014 no Brasil, devido a uma grande polarização entre esquerda e direita, o tema Economia também se apresenta polarizado. A pauta ideológica com itens comuns à esquerda, com a busca da igualdade de oportunidades, defesa das minorias, empoderamento do povo, defesa do Estado como responsáveis por atingir essas metas, entre outros, entra em choque com os valores conservadores da direita, onde o livre mercado, privatização e o individualismo, derivado de uma incapacidade de compreensão e aceitação do outro (BRUGNAGO; CHAIA, 2015). Essa radicalização é intensificada em uma imediatista e impaciente sociedade contemporânea da informação pela *Internet*, e as mídias sociais se transformam em um dispositivo que viabiliza a radicalização e amplia a capacidade de criar ambientes de homofilia e relativa liberdade de expressão. Os tópicos analisados sobre Economia foram:

Gráfico 6.14 - Opinião sobre Temas Polarizantes – Economia



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.14.1 - Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Economia



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Os temas relativos à economia para os participantes da pesquisa não se apresentam com grande destaque e as escolhas não possuem diferenças expressivas. Com relação a Privatização da Petrobrás, 54,7% são totalmente contrários, 20,8% parcialmente contrários, 11,3% não sabem responder, 3,8% não são nem a favor nem contra, 3,8% são parcialmente favoráveis e 5,7% são totalmente favoráveis. Quanto ao Livre Mercado, 13,2% não sabe responder, 28,5% são totalmente contrários, 26,4% são parcialmente contrários, 7,5% não são a favor nem contra, 17,5% são parcialmente a favor e 7,5% totalmente a favor. No que se refere a Previdência Privada, 17% não sabem responder, 39,6% são totalmente contra, 7,5% são parcialmente contra, 13,2% não são nem a favor nem contra, 7,5% são parcialmente contra e 15,1% são totalmente a favor. Em referência ao Liberalismo Econômico, 7,5% não sabem responder, 32,1% são totalmente contra, 13,2% são parcialmente contra, 22,6% não se posicionaram, 7,5% são parcialmente a favor e 17% totalmente favoráveis.

Os temas sobre Economia ocupam constantemente os temas mais debatidos nas mídias sociais e na pesquisa os participantes se posicionaram quantos aos sentimentos frente a estes temas como: Quanto a Estatização da economia, 32,1% ficaram indiferentes, 18,9% ficaram com raiva, 5,7% sentiram-se ameaçados, 32,1% sentiram-se ansiosos e 15% não souberam responder.

Com relação ao Livre Mercado, 30,2% ficaram indiferentes, 28,3% ficaram com raiva, 11,3% sentiram-se ameaçados, 15,1% sentiram-se ansiosos e 15,1% não souberam responder. Com resultados próximos o Liberalismo Econômico: 7,5% ficaram indiferentes, 30,2% ficaram com raiva, 18,9% sentiram-se ameaçados, 11,3% sentiram-se ansiosos e 7,5% não souberam responder.

No que se refere a Previdência Privada, 5,7% ficaram indiferentes, 22,6% ficaram com raiva, 24,5% sentiram-se ameaçados, 17% sentiram-se ansiosos e 5,7% não souberam responder. Com relação a privatização da Petrobrás, 13,2% ficaram indiferentes, 30,2% ficaram com raiva, 26,4% sentiram-se ameaçados, 28,3% sentiram-se ansiosos e 1,9% não souberam responder.

6.6.3 Educação

É no sentido das relações sociais que os indivíduos produzem, se apropriam e transformam suas atividades práticas e simbólicas na sociedade em que vivem. Nesse sentido a Educação é o processo de reprodução social que tem como função construir intencionalmente a humanidade que configura histórica e coletivamente os homens. Entretanto, sua realização depende de situações históricas objetivas, das forças sociais presentes, de seu conflito, dos

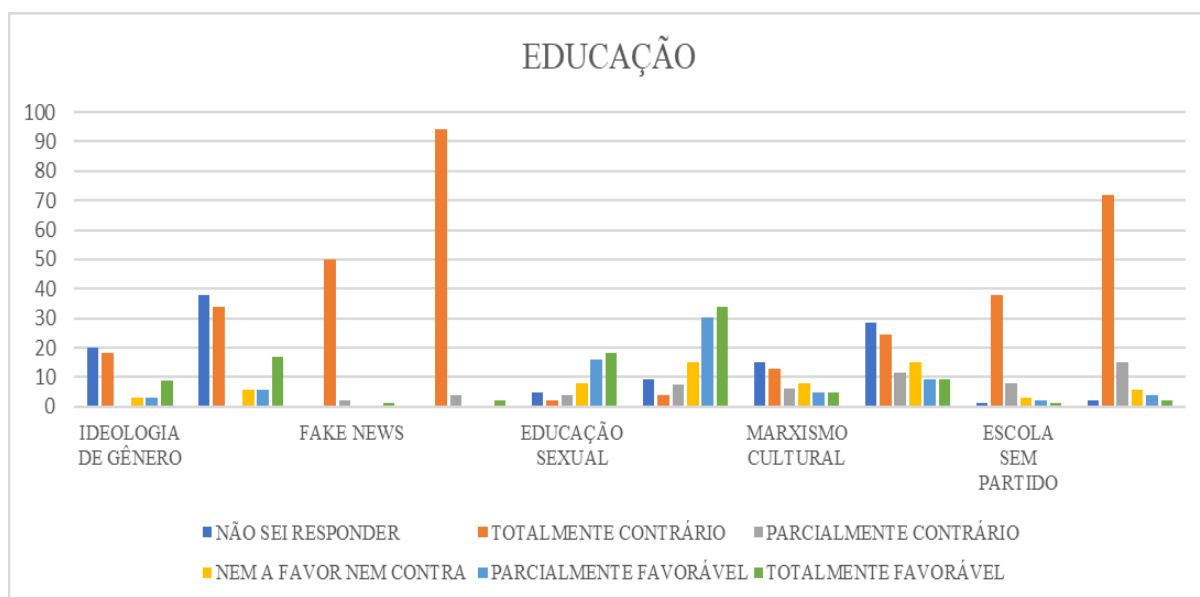
interesses em causa, entre outros aspectos (GADOTTI, 1997). O direito à Educação está assegurado pela Constituição Federal, a Constituição Federativa do Brasil, de 1988, em seu artigo 205:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988, Art.205)

Esse direito está sob ameaça em tempos de crescente mercantilização da educação, isso porque o Estado está deixando de garantir esse direito e entregando a educação às demandas do Mercado. Gadotti (1997) ajuda-nos a refletir sobre o assunto ao dizer que as Indústrias do Conhecimento oferecem os mais variados pacotes educacionais para todos os gostos, em acirradas disputas mercantis movidas pelo marketing educacional, vendendo educação como se vende um picolé.

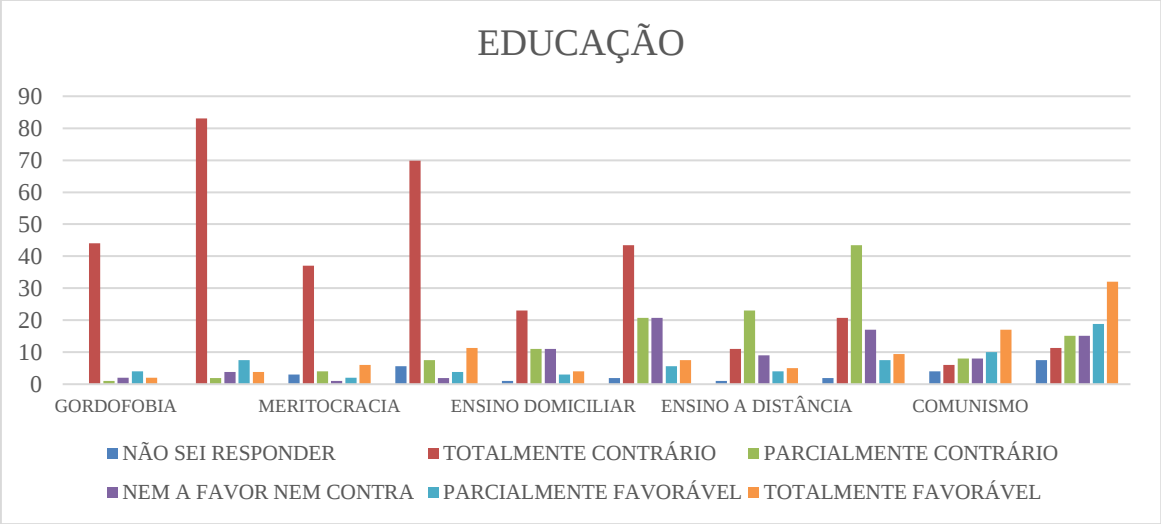
Nesse contexto de mercantilização da Educação, os interesses do mercado são apresentados como novas formas de garantir educação de qualidade e de acordo com seus interesses, assim surgem temas como Escola Sem Partido, Meritocracia, Ideologia de Gênero, Marxismo Cultural, novas formas de ensinar como Educação Domiciliar e Ensino a distância onde os educandos são os maiores prejudicados e, conseqüentemente, têm sua formação alijadas de uma perspectiva crítica e que proporciona seu desenvolvimento enquanto pessoa.

Gráfico 6.15 - Opinião sobre Temas Polarizantes – Educação



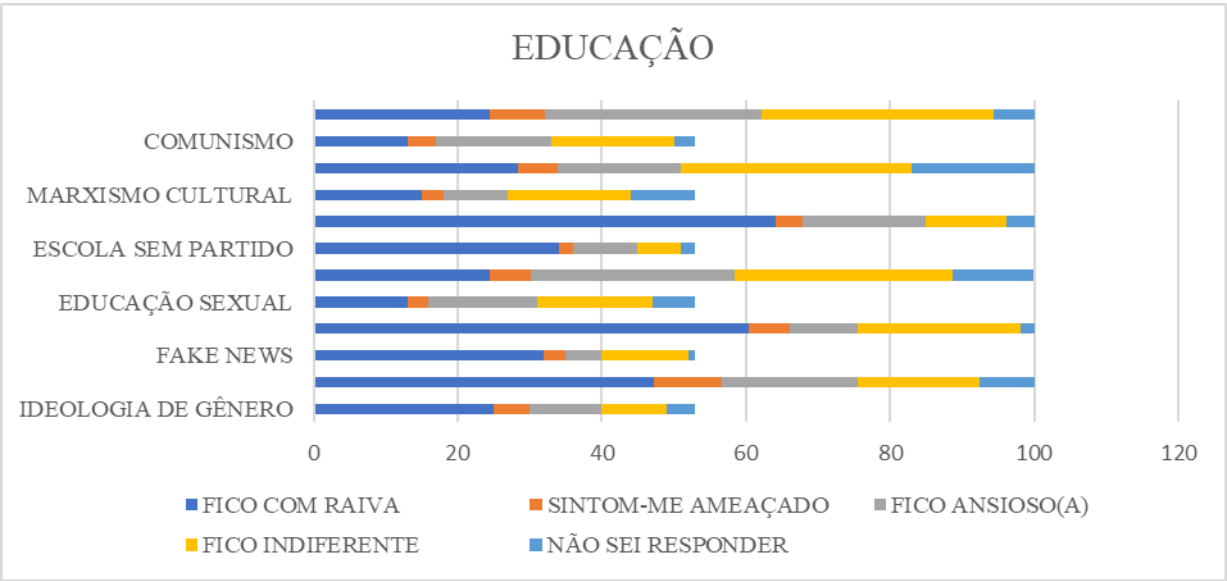
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.15.1 - Opinião sobre Temas Polarizantes – Educação



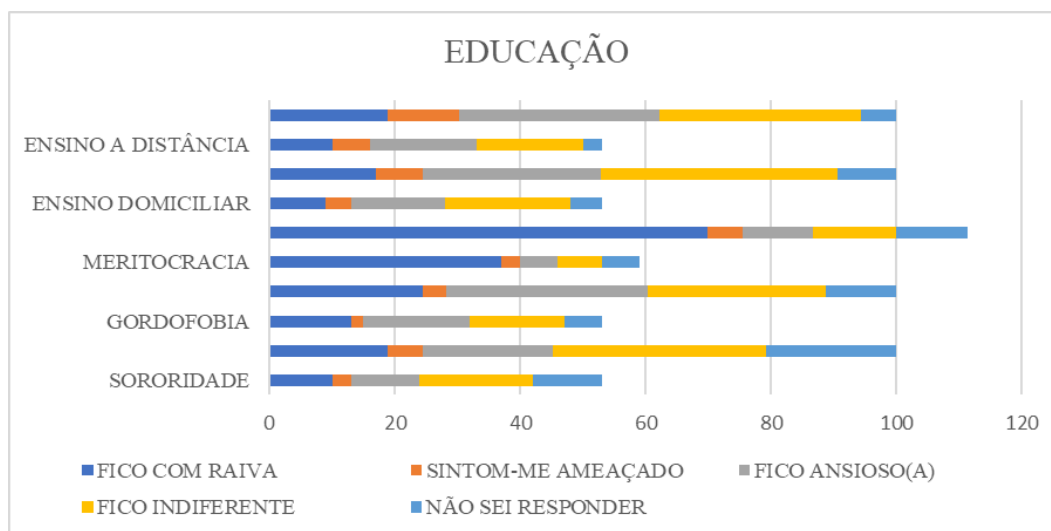
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.15.2 - Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Educação



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.15.3 - Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Educação



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Os temas apresentados sobre educação geraram muitos debates, até porque muitos não sabiam o real significado de cada conceito e tais temas poderiam ter sido melhor analisados ou explicados dentro da pesquisa, esses temas não foram unanimidade muito mais pelo desconhecimento de seus significados do que propriamente um posicionamento sobre a ideia.

Sobre Ideologia de Gênero, 37,7% não souberam responder, 34% são totalmente contrários, 5,7% não são a favor nem contra, também 5,7% são parcialmente favoráveis e 17% totalmente favoráveis. Dos temas apresentados o que gerou um maior consenso foi sobre Fake News, sendo 94,3% dos entrevistados se posicionaram totalmente contrários, 3,8% parcialmente contrários e somente 1,9% são totalmente a favor.

Um tema bastante controverso foi sobre Educação Sexual, 9,4% não souberam responder, 3,8% são totalmente contrários, 7,5% parcialmente contrários, 15,1% não são a favor nem contra, 30,2% são parcialmente a favor e 34% totalmente favoráveis. Esse tema poderia ser melhor investigado visto que são alunos graduandos em Psicologia.

Outro tema controverso foi sobre Marxismo Cultural, a melhor explicação para essa incongruência talvez seja o desconhecimento do tema, 28,3% não souberam responder, 24,5% são totalmente contrários, 11,3% parcialmente contrários, 15,1% não são a favor nem contra, 9,4% são parcialmente favoráveis e 9,4% totalmente favoráveis.

Sobre Escola Sem Partido houve mais consenso, sendo 71,7% são totalmente contrários, 15,1% são parcialmente contrários, 1,9% não souberam responder, 5,7% não são a favor nem contra, 3,8% parcialmente a favor e 1,9% totalmente a favor. Gordofobia também aparece como um tema mais consensual, pois 83% são totalmente contra, 1,9% parcialmente contra, 3,8%

nem contra nem a favor, 7,5% são parcialmente favoráveis e 3,8% totalmente favoráveis. Quanto a Meritocracia, 69,8% são totalmente contrários, 5,7% não sabem responder, 7,5% são parcialmente favoráveis, 1,9% nem a favor nem contra, 3,8% são parcialmente favoráveis e 11,3% são totalmente favoráveis. Em relação ao Ensino Domiciliar, 1,9% não souberam responder, 43,4% são totalmente contrários, 20,8% são parcialmente contrários, também 20,8% não são nem favoráveis nem contra, 5,7% são parcialmente favoráveis e 7,5% são totalmente favoráveis. Quanto a Educação a Distância, 1,9% não souberam responder, 20,8% são totalmente contra, 43,4 são parcialmente contra, 17% não são nem a favor nem contra, 7,5% são parcialmente a favor e 9,4% são totalmente a favor. No que se refere ao Comunismo não há consenso, 7,5% não sabem responder, 11,3% são totalmente contra, 15,1% são parcialmente contra, 15,1% não são a favor nem contra, 18,9% são parcialmente contra e 32,1 são totalmente a favor.

A Educação ocupa diariamente os tópicos mais comentados nas mídias sociais e por fazer parte do ambiente dos participantes da pesquisa foram os temas com os posicionamentos mais expressivos quantos aos sentimentos frente aos temas. Quanto ao Comunismo, 32,1% ficaram indiferentes, 24,5% ficaram com raiva, 7,5% sentiram-se ameaçados, 30,2% sentiram-se ansiosos e 5,7% não souberam responder. Sobre o Marxismo Cultural, 32,1% ficaram indiferentes, 28,3% ficaram com raiva, 5,7% sentiram-se ameaçados, 17% sentiram-se ansiosos e 17% não souberam responder.

Quanto a Escola Sem Partido, 64,2% ficaram com raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 17% se sentiram ansiosos, 11,3% ficaram indiferentes e 3,8% não souberam responder. Sobre Educação Sexual, 24,5% ficaram com raiva, 5,7% sentiram-se ameaçados, 28,3% ficaram ansiosos, 30,2% são indiferentes e 11,3% não souberam responder.

Outro tema polêmico foi sobre Fake News, 60,4% dos participantes sentiram raiva, 5,7% sentiram-se ameaçados, 9,4% sentiram-se ansiosos, 22,6% são indiferentes ao tema e 1,9% não souberam responder. Ideologia de Gênero também gerou debates nos grupos no momento da pesquisa, 47,2% sentiram raiva, 9,4% sentiram-se ameaçados, 18,9% ficaram ansiosos, 17% ficaram indiferentes ao tema e 7,5% não souberam responder.

Ensino a Distância foi um tema indiferente para 32,1% dos participantes, 18,9% sentiram raiva, 11,3% sentiram-se ameaçados, 32,1% sentiram-se ansiosos quanto ao tema e 5,7% não souberam responder. O tema Ensino Domiciliar foi indiferente para 37,7% dos participantes, 17% sentiram raiva, 7,5% sentiram-se ameaçados, 28,3% sentiram-se ansiosos e 9,4% não souberam responder.

Meritocracia é um tema polêmico nas mídias sociais, sempre gerando debates acalorados, na pesquisa não foi diferente: 69,8% sentiram raiva, 5,7% sentiram-se ameaçados, 11,3% ansiosos, 13,2% indiferentes e 11,3% não souberam opinar. Sobre Gordofobia, 28,3% ficaram indiferentes ao tema, 11,3% não souberam responder, 32,1 sentiram-se ansiosos, 3,8% sentiram-se ameaçados e 11,3% não souberam responder. Sororidade também foi um tema que muitos não conheciam, após explicar do que se tratava, 34% ficaram indiferentes, 18,9% sentiram raiva, 5,7% sentiram-se ameaçados, 20,8% sentiram-se ansiosos e 20,8% não souberam responder.

6.6.4 Saúde

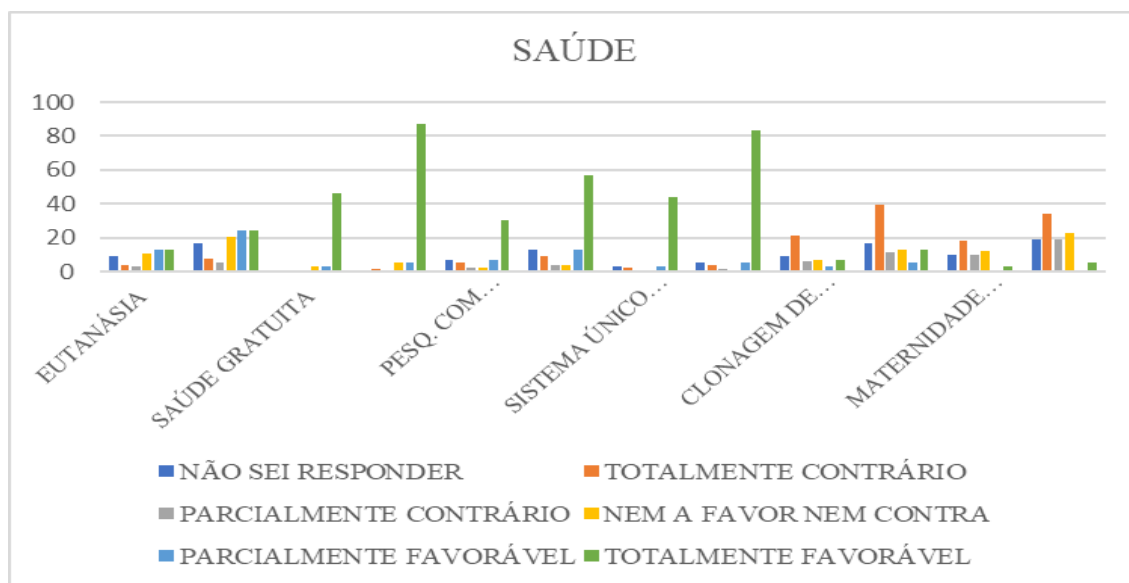
Guareschi e Biz (2005, p.53) delimitam que “a cidadania é, pois, participação no planejamento, isto é, no dizer a palavra, expressar a opinião, manifestar o pensamento. E aqui se vê a importância da comunicação para a cidadania”. Nesse contexto, as mídias sociais trazem possibilidades de interação nunca experimentadas, eliminando barreiras físicas e temporais e proporcionando espaço para novas formas de mobilização social. Uma ferramenta capaz de garantir um maior alcance de informações também relativas à saúde.

“Sem dúvida essa tecnologia é mais que uma tecnologia. É um meio de comunicação, de interação e de organização social”, aponta Castells (2005, p. 43). Entretanto, a simples transmissão de dados não representa uma melhor compreensão. É necessário ir além da informação e construir conhecimento, incentivar o pensamento social e a participação coletiva.

As novas mídias transformaram completamente o acesso a diferentes conteúdos, eliminando barreiras físicas e temporais, elas intensificaram esse processo e possibilitaram a transmissão de uma quantidade infinita de mensagens em tempo real a um público ilimitado. É neste contexto que surge o ciberespaço (LÉVY, 1999), o ciberespaço permite o acesso à informação com uma capilaridade superior ao permitido por qualquer outro ambiente de comunicação e interfere também na vida política da sociedade.

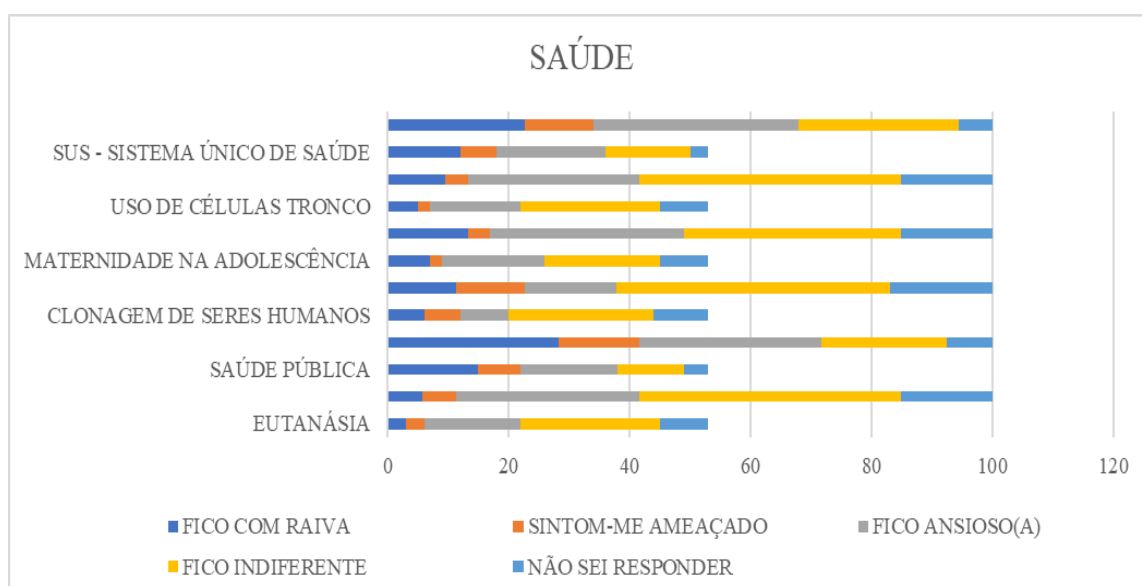
Atualmente, vários órgãos governamentais e empresas na área da saúde fazem uso das diferentes mídias sociais tanto para anunciarem seus serviços quanto para o compartilhamento de informações sobre atenção à saúde. Entretanto, ao se observar os perfis destas instituições e profissionais nas mídias, percebe-se que muitas vezes são participações superficiais, que pouco contribuem para a promoção da saúde. Há uma grande quantidade de tópicos que são debatidos nas mídias sociais. Na pesquisa foram definidos como relevantes os seguintes, conforme as tabelas abaixo:

Gráfico 6.16 - Opinião sobre Temas Polarizantes – Saúde



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.16.1 - Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Saúde



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Os temas apresentados sobre saúde não geraram posicionamentos que pudessem provocar debates mais acirrados. Sobre Eutanásia não há um consenso pois 17% não souberam responder, 7,5% são totalmente contrários, 5,7% são parcialmente contra, 20,8% não são a favor nem contra, 24,5% são parcialmente favoráveis e 24,5% totalmente favoráveis. Dos temas apresentados o que gerou um maior consenso foi sobre Saúde Gratuita, 86,8 % dos entrevistados

se posicionaram totalmente a favor, 5,7% parcialmente a favor, 5,7% nem a favor nem contra e somente 1,9% são parcialmente contra.

Pesquisas com Células Tronco 13,2% não souberam responder, 3,8% são totalmente contra, 1,9% parcialmente contra, 5,7% parcialmente a favor e 56,6% são totalmente a favor. Em relação ao Sistema único de Saúde, há também consenso, 83% são totalmente a favor, 5,7% não souberam responder, 1,9% são parcialmente contra, 3,8% são totalmente contra e 5,7% parcialmente a favor.

A Clonagem de Seres Humanos foi um tema que não apresentou uma concordância, 17% não souberam responder, 39,6% são totalmente contra, 11,3% são parcialmente contra, 13,2% não são a favor nem contra, 5,7% são parcialmente contra e 13,2% são totalmente a favor. Assim como a Clonagem de Seres Humanos, a Maternidade na Adolescência foi outro tema que não houve consenso entre os pesquisados, 18,9% não souberam responder, 34% são totalmente contra, 22,6% não são contra nem a favor e 5,7 são totalmente a favor.

Para os participantes os temas sobre saúde não geraram grandes debates, isto pelo grande número de indiferentes. Sobre o SUS- Sistema único de Saúde, 26,4% ficaram indiferentes, 22,6% sentiram raiva, 11,3% sentiram-se ameaçados, 34% sentiram-se ansiosos e 5,7% não souberam responder. Quanto ao uso de Células Tronco, 43,4 se posicionaram indiferentes, 9,4% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 28,3% sentiram-se ansiosos e 15,1% não souberam responder.

A respeito da Maternidade na Adolescência, 35,8% ficaram indiferentes, 13,2% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 32,1% sentiram-se ansiosos e 15,1% não souberam responder. A Clonagem de Seres Humanos é indiferente para 43,3% dos participantes, 11,3% sentem raiva, 11,3% sentem-se ameaçados, 15,1% ficam ansiosos e 17% não souberam responder.

Quanto a Saúde Pública, 7,5% não souberam responder, 28,3% sentiram raiva, 13,2% sentiram-se ameaçados, 30,2% sentiram-se ansiosos e 20,8% ficaram indiferentes. Em relação a Eutanásia, 43,4% são indiferentes, 15,1% não souberam responder, 5,7% sentiram raiva e 5,7% sentiram-se ameaçados.

6.6.5 Segurança

Nos últimos 25 anos, ocorreram cerca de 800 mil assassinatos no Brasil. Nesse ínterim, houve um aumento médio anual de 5,6% do número de homicídios, o que posicionou o Brasil entre os países mais violentos do mundo, com uma taxa média de 28 homicídios para cada 100 mil habitantes. Diante desse aumento acelerado da violência no Brasil, desde 1980 não cabe

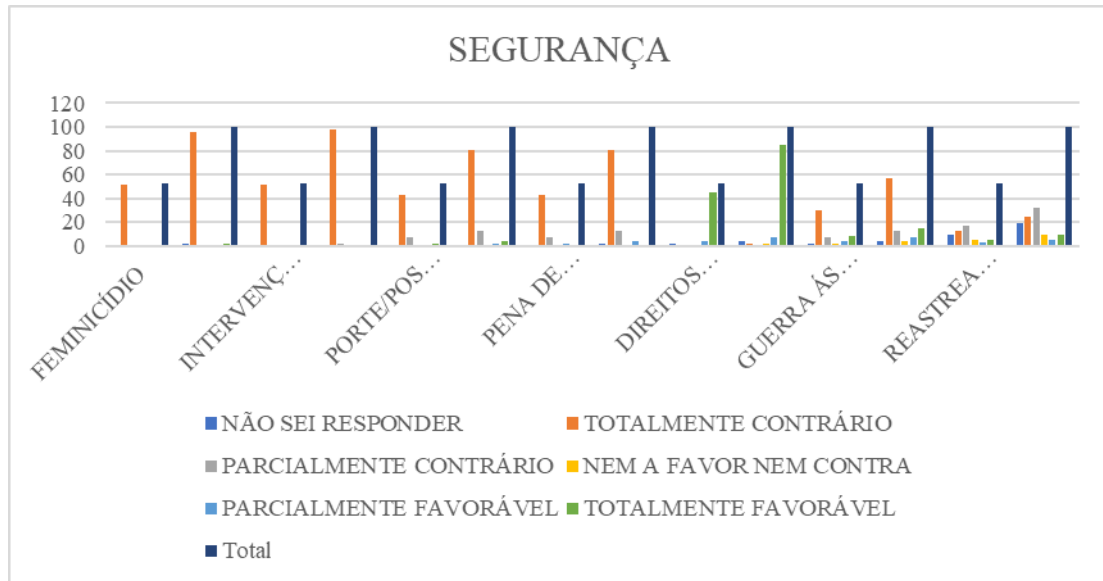
concluir que se trata de uma explosão súbita de criminalidade; para os autores é mais correto dizer que há uma tragédia anunciada, cujos incidentes evoluem com regularidade estatística espantosa, em um verdadeiro processo endêmico. (CERQUEIRA; LOBÃO; CARVALHO, 2005).

No Brasil, a criminalidade urbana evoluiu a partir das intensas transformações demográficas e sociais ocorridas nos últimos 30 anos que funcionaram como um combustível de alimentação e propagação desse processo. Para Cerqueira, Lobão e Carvalho (2005), estes condicionantes estruturais permitiram que se estabelecessem as condições ambientais ideais para o crescimento do crime desorganizado e organizado: espaços urbanos mal planejados e extremamente complexos; grande contingente de adolescentes sem supervisão e sem acesso à educação de qualidade, incluídos através das mídias sociais e de massa na cultura do consumo, porém excluídos dos meios econômicos para sua realização; grande difusão e descontrole do acesso a elementos altamente criminogênicos como armas, drogas e bebidas alcoólicas; e perspectiva de impunidade, ditada pela falência do sistema de justiça criminal.

Quando se fala em segurança pública, o tema violência invade o imaginário social. É comum reduzir a explicação da criminalidade violenta à pobreza e à desigualdade e isso impede uma maior compreensão do tema. Diferente do que foi proposto por Cerqueira, Lobão e Carvalho (2005), as hipóteses sobre a existência de uma cultura da violência e do monopólio legítimo da violência, ambas falsas, dificultam a compreensão dos diversos conflitos nos ambientes sociais e políticos e pouco se conhece acerca das conexões entre a economia legal e a ilegal como destaca Zaluar (2005). A autora destaca o maniqueísmo e esquemas simplificados que são disseminados nas mídias onde querem afirmar que a pobreza é a causa da criminalidade. Além disso, baseia-se na ideia utilitarista de que, movido pela necessidade, o homem agiria apenas para sobreviver e para levar vantagem sobre os demais. Dados recentes mostram que os pobres são as principais vítimas de furtos, roubos e assassinatos, estes últimos nos locais onde o tráfico de drogas domina e não há policiamento que proteja a população. Porém, o argumento economicista não permite que se enxerguem a dimensão do poder envolvidos nessas dinâmicas sociais (Zaluar, 2005).

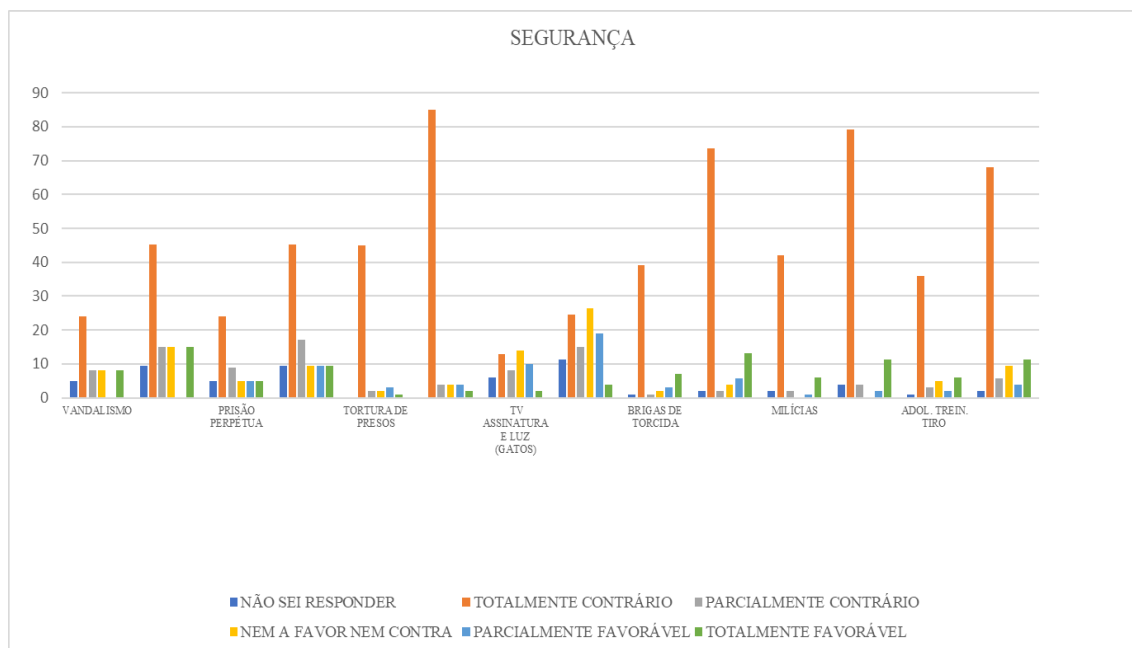
Diante de tópicos tão polêmicos a escolha reincide sobre os seguintes temas, conforme as tabelas 8 e 8.1:

Gráfico 6.17 - Opinião sobre Temas Polarizantes – Segurança



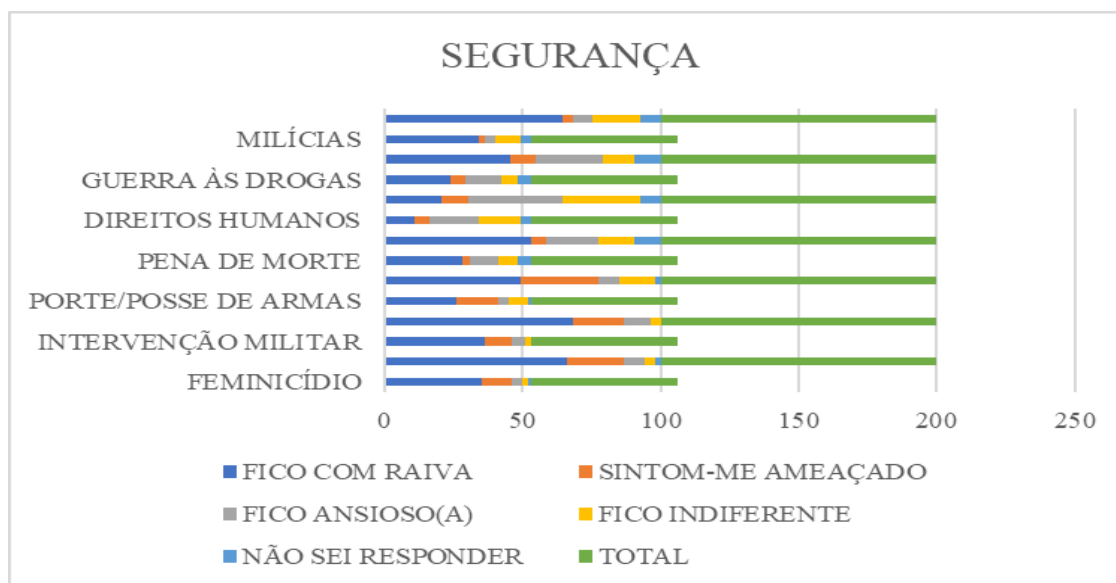
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.17.1 - Opinião sobre Temas Polarizantes - Segurança



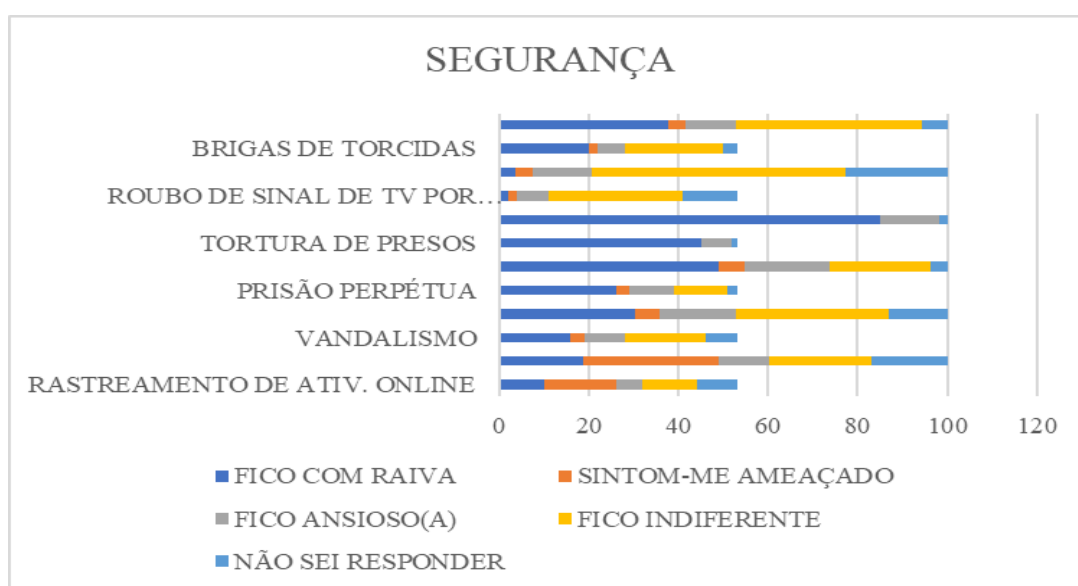
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.17.2 - Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Segurança



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.17.3 - Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Segurança



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Os temas ligados a segurança pública geralmente provocam bastante debates nas mídias sociais, porém nos dados da pesquisa os temas levantados foram bastante consensuais, conforme a seguir:

No que diz respeito Feminicídio, 98,1% são totalmente contrários, 1,9% parcialmente contrários e 1,9% totalmente a favor. São contra totalmente a Intervenção Militar 98,1% e

parcialmente contra 1,9%. Com relação a Porte e Posse de Armas, 81,1% são totalmente contra, 13,2% parcialmente contra, 1,9% parcialmente a favor e 3,8% totalmente favorável. Dos participantes, 3,8% são totalmente favoráveis à Pena de Morte, 13,2% são parcialmente favoráveis e a maioria 81,1% são totalmente contra. Com relação aos Direitos Humanos, 84,9% são totalmente favoráveis, 7,5% parcialmente favoráveis, 1,9% não são a favor nem contra, 3,8% não souberam responder e 1,9% são totalmente contra.

No que se refere ao Vandalismo, 9,4% não souberam responder, 45,3% são totalmente contrários, 15,1% são parcialmente contrários, 15,1% não são a favor nem contra e 15,1% totalmente a favor. Quanto à Prisão Perpétua, 9,4% não souberam responder, 45,3% são totalmente contrários, 17,1% são parcialmente contrários, 9,4% não são a favor nem contra, 9,4% são parcialmente a favor e 9,4% totalmente a favor. Em referência a Tortura de Presos, 84,9% são totalmente contrários, 3,8% são parcialmente contrários, 3,8% não são a favor nem contra, 3,8% são parcialmente a favor e 1,9% totalmente a favor. O roubo de TV por assinatura e energia elétrica não foi consenso entre o grupo, 11,3% não souberam responder, 24,5% são totalmente contrários, 15,1% são parcialmente contrários, 26,4% não são a favor nem contra, 18,9% são parcialmente a favor e 3,8% totalmente a favor. Houve mais consenso sobre as Brigas de Futebol, 73,5% são totalmente contrários, 1,9% não souberam responder, 1,9% são parcialmente contrários, 3,8% não são a favor nem contra, 5,7% são parcialmente a favor e 11,3% totalmente a favor.

Um tema muito debatido nas mídias é sobre as Milícias, esse tema também foi mais consensual visto que 79,2% são totalmente contrários, 3,8% não souberam responder, 3,8% são parcialmente contrários, 1,9% são parcialmente a favor e 11,3% totalmente a favor. Outro tema é sobre Adolescentes treinando tiro, 1,9% não souberam responder, 67,9% são totalmente contrários, 5,7% são parcialmente contrários, 9,4% não são contra nem a favor, 3,8% são parcialmente a favor e 11,3% são totalmente a favor.

Os tópicos relacionados à segurança foram os temas nos quais os participantes mais expressaram o sentimento de raiva, conforme os dados a seguir: o Assunto Intervenção Militar, 67,9% sentiram raiva, 18,9 sentiram-se ameaçados, 9,4% sentiram-se ansiosos e 3,8% ficaram indiferentes. O tema Porte e Posse de Armas ficou como indiferente para 13,2%, 1,9% não souberam responder, 7,5% sentiram-se ansiosos, 28,3% sentiram-se ameaçados e 49,1% sentiram raiva. Sobre a Pena de Morte, 52,8% sentiram raiva, 5,7% sentiram-se ameaçados, 18,9% sentiram-se ansiosos, 9,4% não souberam responder e 13,2% ficaram indiferentes.

Direitos Humanos foi o tema que mais gerou ansiedade, 34% sentiram-se ansiosos, 20,8% sentiram-se com raiva, 9,4% sentiram-se ameaçados, 7,5% não souberam responder e

28,3% ficaram indiferentes. Em relação a Guerra às Drogas, 45,3% sentiram raiva, 9,4% sentiram-se ameaçados, 24,5% sentiram-se ansiosos, 11,3% ficaram indiferentes e 9,4% não souberam responder.

Para o tópico Milícias, 64,2% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 7,5% sentiram-se ansiosos, 17% ficaram indiferentes e 7,5% não souberam responder. Quanto ao Rastreamento de Atividades Online, 17% não souberam responder, 18,9% sentiram raiva, 30,2% sentiram-se ameaçados, 11,3% sentiram-se ansiosos e 22,6% ficaram indiferentes. Em relação ao Vandalismo, 34% são indiferentes, 13,2% não souberam responder, 30,2% sentiram raiva, 17% sentiram-se ansiosos e 5,7% sentiram-se ameaçados.

Com relação à Prisão Perpétua, 49,1% sentiram raiva, 5,7% sentiram-se ameaçados, 18,9% sentiram-se ansiosos, 22,6% ficaram indiferentes e 3,8% não souberam responder. O tema Tortura de Presos fez com que 84,9% sentissem raiva, 13,2% ficaram ansiosos e 1,9% não souberam responder. Quanto ao tópico Roubo de TV e Energia, 3,8% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 13,2% ficaram ansiosos, 22,6% não souberam responder e 56,6% ficaram indiferentes. As Brigas de Torcida são indiferentes para 41,5% dos pesquisados, 37,7% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 11,3% sentiram-se ansiosos e 5,7% não souberam responder. O tópico sobre Adolescentes Treinando Tiro, não foram questionados nesta avaliação.

6.6.6 Políticas Públicas

É fato que muitas das contribuições postadas nas páginas e portais oficiais dos diferentes níveis de governo hospedadas nas mídias sociais são vazias de conteúdo ou qualidade. Contudo, estas postagens permitem que indivíduos se convertam em dados mensuráveis para a esfera pública quando interagem com os conteúdos governamentais em suas mídias sociais. A partir destas interações, as mídias sociais produzem dados, gráficos e informações sobre os indivíduos que são repassados aos governos que podem, desta maneira, quantificar e analisar os cidadãos, assim como tomar ciência de quais conteúdos mais despertam a iniciativa e o interesse (SIMONARD e SANTOS, 2017)

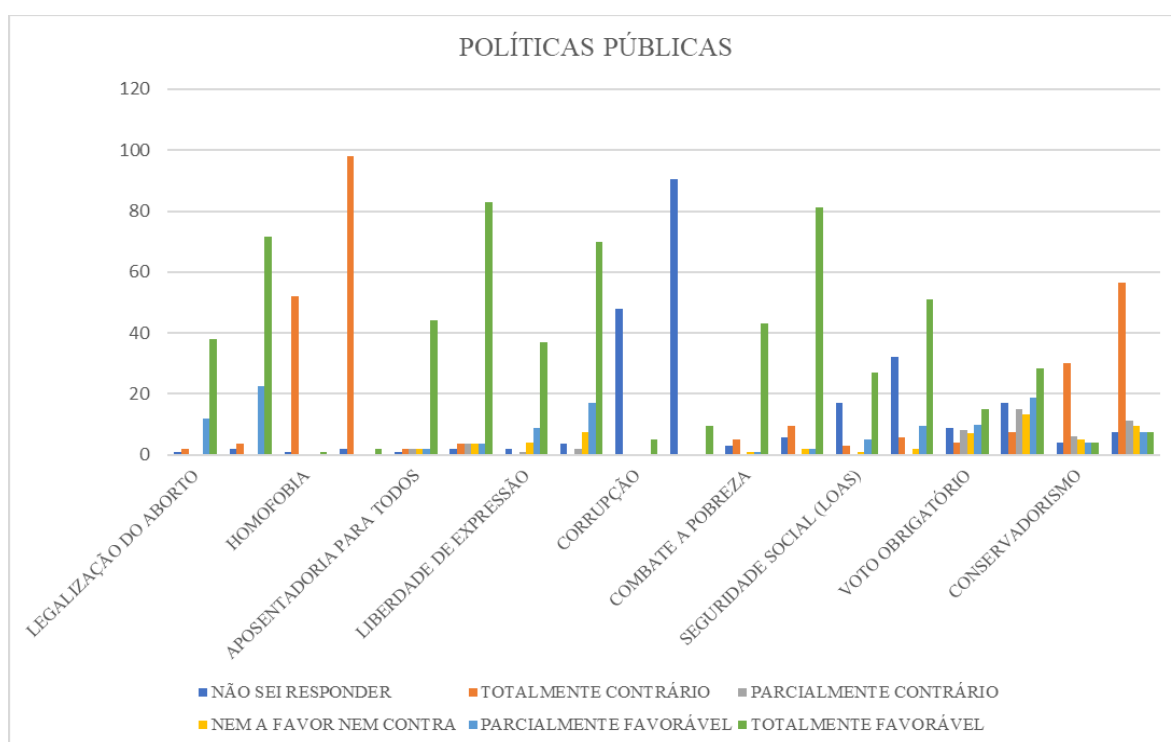
É notória a importância das novas ferramentas tecnológicas na atualidade, as mídias sociais permitem que a coletividade desenvolva novas estratégias de controle, pressão e comunicação com os diferentes níveis de governo, criando um modelo de espaço público de debate. Angelis (2015) relata os desafios de uma nova gestão pública e a necessidade de um governo que transforme o conhecimento coletivo em inteligência. Para o autor é primordial governar com a sociedade, em vez de governar a sociedade. A participação do cidadão e o

estabelecimento de parcerias contribuem na transformação da cultura da desconfiança a curto prazo e em uma cultura de colaboração a longo prazo, ainda há uma grande dificuldade do Estado, em transformar a colaboração dos indivíduos conectados em conhecimento relevante e, posteriormente, em projetos e ações concretas (ANGELIS, 2015).

É pertinente criar uma cultura de participação popular nas decisões do governo e isto está ausente da prática cidadã brasileira: poucos a possuem. O brasileiro protesta e reclama muito individualmente (nas filas de ônibus, nas salas de espera, nas filas de caixas de pagamento), mas há pouquíssimos cidadãos que se mobilizam para pressionar o governo e nas mídias sociais, é relevante o número de sujeitos que têm a sua frente janelas de oportunidade para se posicionar, cobrar, criticar frente as ações governamentais.

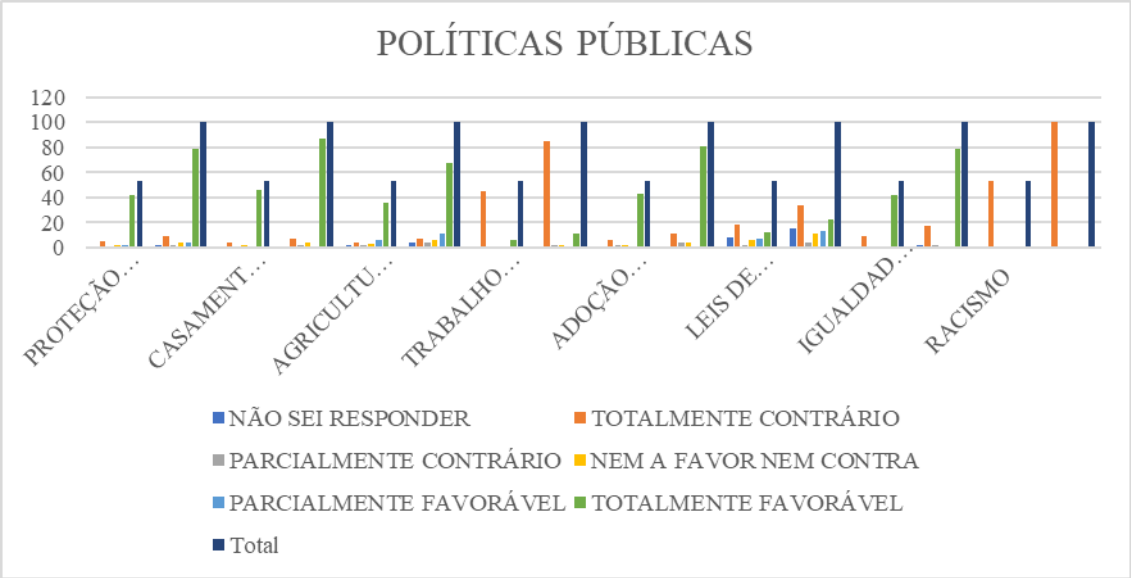
Os tópicos analisados em políticas públicas estão expostos nas seguintes tabelas e gráficos:

Gráfico 6.18 - Opinião sobre Temas Polarizantes – Políticas Públicas



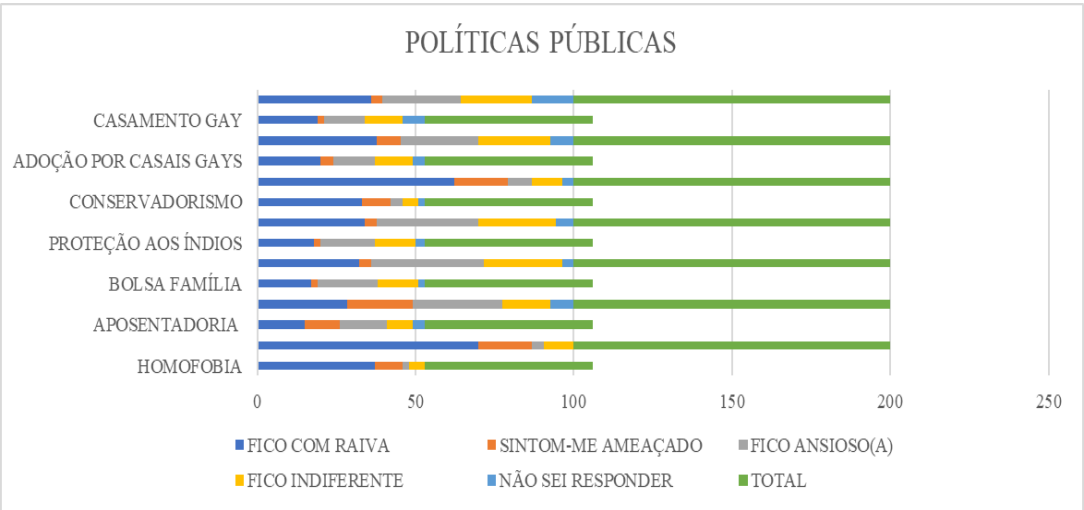
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.18.1 - Opinião sobre Temas Polarizantes - Políticas Públicas



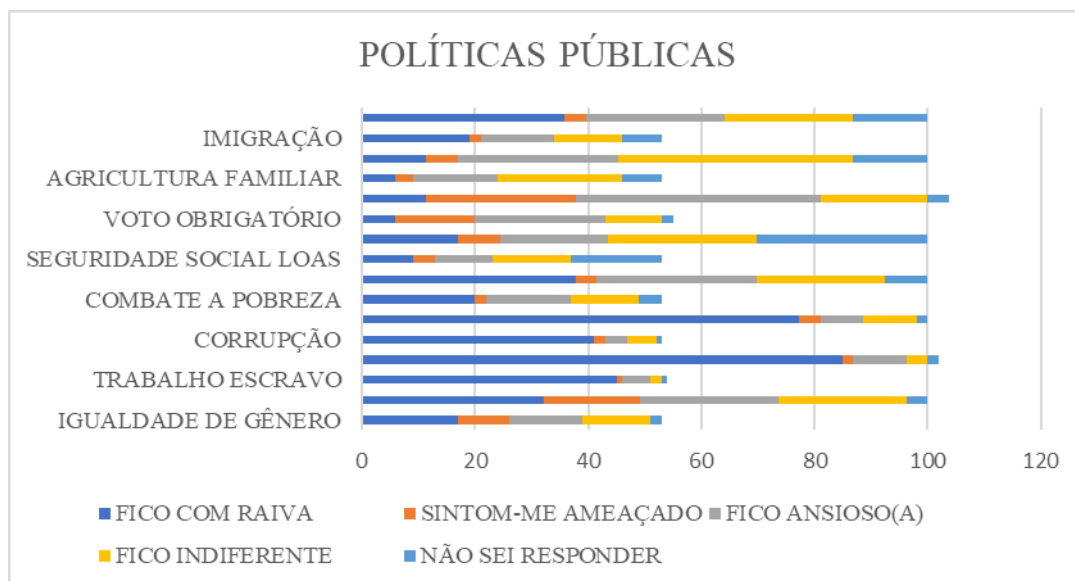
Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.18.2 - Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Políticas Públicas



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Gráfico 6.18.3 - Posicionamentos sobre Temas Polarizantes– Políticas Públicas



Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

Os temas pesquisados sobre Políticas Públicas apresentaram os seguintes resultados: Com relação a Legalização do Aborto, 1,9% não souberam responder, 3,8% são totalmente contrários, 22,6% são parcialmente favoráveis e 71,7% totalmente favoráveis. São totalmente contrários a Homofobia 98,1% dos pesquisados e, 1,9% é totalmente favorável e 1,9% não souberam responder. Com relação a Aposentadoria para todos 1,9% não souberam responder, 3,8% são totalmente contrários, 3,8% são parcialmente contrários, 3,8% não são a favor nem contra, 3,8% são parcialmente favoráveis e 83% são totalmente favoráveis. No que se refere a Liberdade de Expressão, 3,8% não souberam responder, 1,9% são parcialmente contrários, 7,5% não são a favor nem contra, 17% são parcialmente favoráveis e 69,8% totalmente favoráveis.

Apesar de ser um tema muito comentado, com inúmeros debates 90,6% não souberam responder sobre Corrupção e 9,4% se posicionaram totalmente a favor. No que se refere ao Combate à Pobreza, 5,7% não souberam responder, 9,4% são totalmente contrários, 1,9% não são a favor nem contra, 1,9% são parcialmente favoráveis e 81,1% totalmente favoráveis. Com relação ao Loas, 32,1% não souberam responder, 5,7% são totalmente contrários, 1,9% não são a favor nem contra, 9,4% são parcialmente favoráveis e 50,9% totalmente favoráveis.

Outro tema não consensual foi o Voto Obrigatório, 17% não souberam responder, 7,5% são totalmente contrários, 11,3% são parcialmente contrários, 13,2% não são a favor nem contra, 18,9% são parcialmente favoráveis e 28,3% totalmente favoráveis. Em referência ao Conservadorismo nos Costumes 7,5% não souberam responder, 56,6% são totalmente

contrários, 111,3% são parcialmente contrários, 9,4% não são a favor nem contra, 7,5% são parcialmente favoráveis e 7,5% totalmente favoráveis.

Quanto a Proteção aos Índios, 1,9% não souberam responder, 9,4% são totalmente contrários, 1,9% são parcialmente contrários, 3,8% não são a favor nem contra, 3,8% são parcialmente favoráveis e 79,2% totalmente favoráveis. No que se refere ao Casamento Gay, 7,5% são totalmente contrários, 1,9% são parcialmente contrários, 3,8% não são a favor nem contra e 86,8% totalmente favoráveis. Com relação ao Trabalho Escravo, 84,9% são totalmente contrários, 1,9% são parcialmente contrários, 1,9% não são a favor nem contra e 11,3% totalmente favoráveis.

Em referência a Adoção por Casais Gays, 11,3% são totalmente contrários, 3,8% são parcialmente contrários, 3,8% não são a favor nem contra e 81,1% são totalmente favoráveis. Quanto a Igualdade de Gênero, 1,9% não souberam responder, 17% são totalmente contrários, 1,9% são parcialmente contrários e 79,2% são totalmente favoráveis. No que diz respeito ao Racismo, foi o único tema unânime entre os pesquisados, 100% são totalmente contra.

Políticas Públicas se destacam nos temas debatidos nas mídias sociais e os participantes se posicionaram da seguinte forma:

Com relação a Homofobia, 69,8% sentiram raiva, 17% sentiram-se ameaçados, 3,8% sentiram-se ansiosos e 9% ficaram indiferentes. Quanto a Aposentadoria 28,3% sentiram raiva, 20,8% sentiram-se ameaçados, 28,3% sentiram-se ansiosos, 15,1% ficaram indiferentes e 7,5% não souberam responder.

Em consideração ao Bolsa Família, 32,1% sentiram raiva, 3,2% sentiram-se ameaçados, 35,8% sentiram-se ansiosos, 24,5% ficaram indiferentes e 3,8% não souberam responder. Quanto a Proteção aos Índios, 34% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 32,1% sentiram-se ansiosos, 24,5% ficaram indiferentes e 5,7% não souberam responder.

No que diz respeito ao Conservadorismo de Costumes 62,3% sentiram raiva, 20,8% sentiram-se ameaçados, 28,3% sentiram-se ansiosos, 15,1% ficaram indiferentes e 7,5% não souberam responder. Quanto a Adoção por Casais Gays, 37,7% sentiram raiva, 7,5% sentiram-se ameaçados, 24,5% sentiram-se ansiosos, 22,6% ficaram indiferentes e 7,5% não souberam responder. Com resultados próximos o Casamento entre Gays, 35,8% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 24,5% sentiram-se ansiosos, 22,6% ficaram indiferentes e 13,2% não souberam responder.

Em referência a Igualdade de Gêneros, 32,1% sentiram raiva, 17% sentiram-se ameaçados, 24,5% sentiram-se ansiosos, 22,6% ficaram indiferentes e 3,8% não souberam responder. Com relação ao Trabalho Escravo, 84,9% sentiram raiva, 1,9% sentiram-se

ameaçados, 9,4% sentiram-se ansiosos, 3,8% ficaram indiferentes e 1,9% não souberam responder.

Tendo em consideração o Combate à Pobreza, 37,7% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 28,3% sentiram-se ansiosos, 22,6% ficaram indiferentes e 7,5% não souberam responder. Com relação a Seguridade Social (LOAS), 17% sentiram raiva, 7,5% sentiram-se ameaçados, 18,9% sentiram-se ansiosos, 26,4% ficaram indiferentes e 30,2% não souberam responder. No que diz respeito a Corrupção, 37,7% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 28,3% sentiram-se ansiosos, 22,6% ficaram indiferentes e 7,5% não souberam responder.

O tópico que apresentou um maior índice de ansiedade foi o Voto Obrigatório, 43,4% sentiram-se ansiosos, 11,3% sentiram raiva, 26,4% sentiram-se ameaçados, 18,9% ficaram indiferentes e 3,8% não souberam responder. No tema Agricultura Familiar, 11,3% sentiram raiva, 5,7% sentiram-se ameaçados, 28,3% sentiram-se ansiosos, 41,5% ficaram indiferentes e 7% não souberam responder. Quanto a Imigração, 35,8% sentiram raiva, 3,8% sentiram-se ameaçados, 24,5% sentiram-se ansiosos, 22,6% ficaram indiferentes e 13,2% não souberam responder.

6.7 Comentários

Encerrando as duas seções do questionário, questão 6 e questão 8 foi oferecido um espaço para que os participantes pudessem opinar. Foram comentários sobre o conteúdo da pesquisa, sobre sua participação e sugestões. Os comentários sobre o conteúdo da pesquisa foram relacionados aos temas abordados como demonstrado no Quadro 6.7.1:

Quadro 2 - Comentários dos participantes da pesquisa

Quanto as considerações apresentadas na questão 6:	Quanto as considerações apresentadas na questão 8:
“Precisei retirar das minhas redes sociais a audiência conservadora, porque percebi um desgaste mental enorme e precisei prezar pela minha saúde”.	“Na maioria dos temas me sinto com raiva ao discutir, principalmente porque quando há debate é porque algum sem-noção quis vomitar preconceito e intolerância sob a máscara do “mas eu tenho liberdade de expressar a minha opinião” ou, MAS E O PT?”.
“Normal. Sou branco, hétero e classe média”.	“Muitas vezes não senti indiferente, mas sim a favor. Este teste não tinha opções adequadas para captar minha opinião”.
“Eu sou uma pessoa que mais reage do que comenta ou publica, então não sinto que algumas perguntas se aplicam a mim.”	“Eu me sinto incomodada com discussões em que as pessoas não consideram o contexto e faz comentários ofensivos, me deixando com raiva ou ansiosa quando tenho que discutir, porque fico com medo das respostas”.
“Essa experiência me fez refletir sobre como me posiciono nas redes e como o medo por ser uma mulher negra ultrapassa a “vida real”.	“Não acredito que exista Ideologia de Gênero, sou a favor da educação sobre gênero e sexualidade nas escolas”.
“Às vezes me sinto muito mal por ser agredida verbalmente apenas por ter uma opinião divergente”.	
“Respeito a opinião do outro mesmo que seja diferente da minha”.	
“Me sinto péssima, ninguém se ouve mais.”	
“Sinto com raiva, pois às vezes é uma coisa tão desnecessária”.	
“Em alguns momentos me senti desrespeitada, pois não tinha tido a intenção de ofender e sim de expor minhas ideias diante do tema”.	“Quando percebo que o outro passa a ofender e não debate o assunto, eu prefiro não ver suas postagens”.
“Ofendida”.	

“Com vontade de debater, mas não há motivos para discutir quando alguém expressa uma ideia contrária à minha”.

“Bloqueei apenas pessoas quem expunham suas opiniões de forma desrespeitosa”.

Fonte: Dados da Pesquisa. Desenvolvido pela autora.

7. DISCUSSÃO

Ao questionar o papel das mídias sociais na polarização de opiniões, optou-se por uma análise bibliográfica do tema e para facilitar a coleta de dados foi utilizado como referência uma pesquisa realizada nos Estados Unidos pela Dra. Green e pelo Dr. Simmons, já detalhados anteriormente. A análise bibliográfica buscou conhecer as ferramentas que possam estar contribuindo para a polarização e o questionário colheu a opinião dos participantes em relação as mídias sociais diante das discussões de temas políticos e sociais para conhecer, além do posicionamento crítico, qual o sentimento apresentado diante desses novos desafios.

A ideia inicial era aplicar a pesquisa em universitários de todas as áreas, porém no teste piloto foi demonstrado que as respostas poderiam sofrer influências que não poderiam ser avaliadas satisfatoriamente. A escolha recaiu sobre os alunos de graduação em Psicologia já que o tema da pesquisa também está vinculado a área. A princípio foram selecionadas seis universidades, porém só duas concordaram com a coleta de dados de seus alunos. Foram coletados 123 questionários, porém por mudanças realizadas no formulário de aplicação foram consideradas como válidas somente 53 relatos do contexto de duas universidades em duas cidades do interior de São Paulo. A partir dos questionários foi possível levantar quais os temas são considerados polarizantes e conhecer como os estudantes se posicionam frente as situações em que tais temas são apresentados nas mídias sociais. Surgiram outras questões que podem direcionar estudos posteriores. Foram percebidas ainda algumas limitações em relação ao método utilizado que serão discutidas a seguir.

A amostra dos participantes, descrita no item 6.1 dos Resultados, é composta por alunos dos três primeiros anos do curso graduação em Psicologia, trata-se de uma amostra com predominância feminina, acima de 60% e com uma média de idade de 22 anos, nesse grupo somente 15% são trabalhadores assalariados e a grande maioria (81%) são estudantes que não exercem atividade remunerada. Conversando com os participantes, muitos pessoalmente se posicionavam como LGBTQIA+, porém não gostariam de assinalar na pesquisa com medo de se expor. Essa situação merece ser mais bem avaliada em pesquisas posteriores. A pesquisa por conta da escolha de graduandos, não possibilitou uma boa representatividade das diferentes faixas etárias visto que a participação se concentrou nos primeiros anos e não contemplou uma faixa etária maior.

Além das mídias levantadas na pesquisa foram acrescentadas as seguintes: Pinterest, Rebid, Snapchat, Tinder e Telegram. É importante reforçar o poder de acesso do WhatsApp, já que todos

os participantes da pesquisa, ou seja 100%, acessam quase que diariamente, tanto para se comunicar com seus familiares, como recebem informações e notícias sobre os temas atuais.

Dos 53 participantes, 96% relatam terem mudado a maneira como agem nas mídias, sendo que 37,7% o fazem muitas vezes, 20,8% fazem algumas vezes e 26,4% o fazem sempre. É possível constatar que houve mudança de comportamento, essa mudança provavelmente ocorre devido a massificação do uso dessas ferramentas, além do que é crescente a criação de dados digitais a partir das atividades do mundo off-line. Há captação de informações a partir de *smartphones*, eventualmente são utilizados *softwares* de reconhecimento de voz, ainda que sem o consentimento do usuário essas ferramentas possibilitam um atendimento individualizado e um possível direcionamento das informações (ANTUNES; MAIA, 2018), o que provavelmente explicaria as supostas mudanças comportamentais.

Nos dados levantados com os graduandos de Psicologia, mais da metade comentam sobre temas que não concordam e conforme observado no comentário “Às vezes me sinto muito mal por ser agredida verbalmente apenas por ter uma opinião divergente”, essa postura acaba mostrando que algumas pessoas estão descobrindo as possibilidades da rede, mas sem compreender as consequências de seus atos (SAKAMOTO, 2016).

Mais de 70% dos participantes já bloquearam pessoas nas mídias sociais e, de acordo com o comentário: “Bloqueei apenas pessoas quem expunham suas opiniões de forma desrespeitosa”, reforça-se o que Sakamoto comenta anteriormente. E esse bloqueio nas mídias pode desencadear também um rompimento social no convívio de quem foi bloqueado, 58% dos entrevistados levaram para os relacionamentos interpessoais as divergências que aconteceram *online*.

Discutir sobre temas polêmicos é uma constante entre os entrevistados, porém muitos não se posicionam por desconhecer ou não ter uma opinião formada sobre o assunto, essa característica ocorre também pela faixa etária, outro tema que poderia ser avaliado é se há diferenças nesses posicionamentos relacionados a idade. A maioria dos participantes preferem não se posicionarem contradizendo as ideias ou mesmo sendo agressivos, assim como poucos se envolvem em temas polêmicos.

Não fazer parte do grupo é um fator que pode desencadear ansiedade e, como participar de mídias sociais é também pertencimento de grupo, ao expressar opiniões divergentes nas mídias sociais isso provoca em 67,9% dos participantes momentos de ansiedade.

Esse sentimento de pertencimento e interação são construídos e mantidos pelos próprios grupos (RECUERO, 2009). Ao se expor são criadas determinadas impressões e interagir representa risco e isso foi apresentado por 81,1% dos participantes que sinalizaram algum tipo

de ameaça como os seguintes comentários: “Em alguns momentos me senti desrespeitada, pois não tinha tido a intenção de ofender e sim de expor minhas ideias diante do tema” e “ofendida”. Esse sentimento de ameaça também provoca medo, 86% tem medo diante de posicionamentos mais radicais que ocorrem nas mídias sociais.

Os temas polarizantes surgiram primeiro na pesquisa sobre temas divisivos realizada na Universidade de Buffalo (EUA), porém alguns desse temas não eram condizentes com a realidade brasileira, por exemplo lá há muita comoção diante dos veteranos de guerra, aqui não temos veteranos há mais de setenta anos e temas como sufrágio universal foram adequados nas constituições do país, portanto era necessário buscar temas que fizessem parte da realidade brasileira. Assim, levantou-se nas mídias quais os temas mais comentados ou os chamados *trending topics*, esse termo nasceu no *Twitter* e se propagou como sinônimo de assuntos do momento para qualquer uso, em qualquer contexto, foram levantados os temas mais comentados no Facebook e acrescentado alguns temas pertinentes ao grupo. Esses temas foram distribuídos em seis grupos conforme a Tabela 4.

Para o tema Meio Ambiente os temas que foram destaque foram proteção dos animais domésticos, proteção de animais silvestres, contra a caça e a reciclagem de lixo. O aquecimento global, uso de agrotóxicos e o combate à poluição não foram unanimidade. Assim como Meio Ambiente o tema Economia não demonstrou dados muito significativos, não há consenso e muitos assuntos apesar de ocuparem diariamente os primeiros lugares em temas debatidos, os graduandos pesquisados não se posicionaram enfaticamente.

Em momentos em que a Educação sofre ataques internos, provocados pela atuação dos novos gestores do Ministério da Educação (MEC), onde as mídias sociais são usadas de maneira ostensiva visando denegrir a atuação das Universidades Públicas e desvalorizar todo o movimento científico brasileiro é crucial avaliar mais detalhadamente onde os tópicos polarizados podem influenciar. Essa pesquisa não realizou essa análise, ficando somente nas análises descritas no item 6.6.3.

Assim como na Educação, a Saúde, a Segurança e as Políticas Públicas passam pelo processo de interferência das mídias sociais, sejam em campanhas antivacinas, com aumento considerável de doenças que antes estavam sob controle como o sarampo, que hoje se alastram devido a influência de pseudociências disseminadas em conversas *online*. Com lideranças bradando frases nas mídias sociais, como “bandido bom é bandido morto”, “que uma surra cura um Gay”, “que relacionamentos interracializados fazem parte de promiscuidade” verificasse-se um aumento considerável no número de feminicídios, ocupações de comunidades e ataques homofóbicos.

Com as mudanças de políticas públicas, como a retirada de direitos trabalhistas, insegurança quanto ao mercado de trabalho e a nova lei que limita o direito a aposentadoria, assim como uma disseminação de ódio aos índios, aos pobres e às minorias, têm sido geradas discussões e debates nas mídias sociais. Nesta pesquisa, esse fato é demonstrado nos posicionamentos entre si opostos e nas demonstrações de raiva, ansiedade, medo e até sentimento de ameaça dos participantes, conforme descrito nos itens 6.6.4, 6.6.5, 6.6.6 e 6.6.7. Todos esses temas são propagados ininterruptamente nas mídias sociais e há indícios que tal generalização amplia a polarização de opiniões, levando ao aumento contínuo de sentimentos de ameaça, medo e ansiedade que poderão ser mais bem analisadas em futuras pesquisas.

É importante ressaltar que nos dados encontrados a polarização não é tão evidenciada por se tratar de grupos mais homogêneos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivos identificar e descrever o fenômeno da polarização de opiniões usando uma abordagem multirreferenciada de contextualização temática e apresentando e descrevendo dados de uma amostra de relatos de graduandos em Psicologia acerca dos temas considerados polarizantes. Usando os fundamentos da Análise do Comportamento para descrever como os temas são percebidos e, mediante a aplicação de instrumento de pesquisa em estudantes universitários do curso de graduação em Psicologia, analisar o impacto da polarização.

Foi possível constatar que a polarização de opiniões é muito antiga e desde os primeiros agrupamentos humanos acontece com muita frequência no cotidiano dos indivíduos, sendo compreendido como uma forma de defender posicionamentos e até mesmo como uma ferramenta de controle político (Bobbio, 1909). É através da aprendizagem do que é bom ou mau é possível direcionar e até manipular comportamentos para que sejam influenciados pelas agências de controle. Hoje podemos confirmar que a *Internet* e suas ferramentas, em destaque as mídias sociais, se configura como uma agência de controle.

Se a cultura está permeada de símbolos, seja na arte, na religião, os mitos, na linguagem, hoje esses símbolos são apresentados também nas mídias sociais. Essas representações são manifestações que se sustentam sobre a capacidade simbólica humana e para de Rose (2016) há uma melhor compreensão de como esses símbolos controlam o comportamento. Análises experimentais permitiram estabelecer relações de coordenação entre estímulos coordenados que são, em determinados contextos, intercambiáveis entre si. A palavra “Direita e Esquerda”, por exemplo, podem ser usadas na determinação de localização ou serem usadas na representação de viés ideológico.

Estudos corroboram o fato de que funções atribuídas por treino direto a um estímulo passam a ser compartilhadas pelos estímulos coordenados a ele, sem necessidade de qualquer treino direto (de ROSE, 2016). Nisso estão incluídas muitas funções, essas funções podem ser agrupadas em discriminativas, eliciadoras e reforçadoras condicionadas. Sendo assim, se um estímulo é discriminativo, eliciador ou reforçador condicionado, estímulos coordenados a ele podem adquirir estas mesmas funções, mesmo que não tenha havido para eles um treino específico de discriminação operante ou de condicionamento respondente.

As relações de coordenação (equivalência) podem reproduzir os efeitos do condicionamento respondente para estímulos que não tenham sido diretamente emparelhados com o estímulo incondicionado. De Rose (2016), utilizou como exemplo uma figura onde

estavam os dois ex-presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Fernando Henrique Cardoso e suas representações mais simbólicas, enfatizando que cientistas políticos e outros estudiosos poderiam discutir o que seja “esquerda” e “direita” e que agrupamentos políticos fazem jus a esse ou aquele rótulo. Podemos exemplificar esse condicionamento com o episódio de divulgação nas mídias sociais de que o governo estaria distribuindo para alunos em escolas públicas ‘Kits Gays e Mamadeiras Eróticas’, isso foi tão propagado que gerou na população, principalmente a população mais conservadora, uma revolta e isso se alastrou para todos os segmentos do governo eleito na época. Isso influenciou na criação de um personagem que representava todo o oposto, representava a partir do condicionamento todas as características aprovadas por aquela parcela da população. Assim, a partir dessa polarização ampliou-se a utilização de *bots*, *fake News*, fortalecendo as bolhas de discussão e criando um movimento de divisão e antagonismo.

Essa manipulação foi tão expressiva que gerou uma interferência por parte do legislativo que criou uma CPI das Fake News²⁸ – 225/2019 - Comissão Parlamentar Mista de Inquérito destinada a investigar os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público; a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018; a prática de cyberbullying sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como sobre agentes públicos; e o aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio.

Através de uma câmara de condicionamento operante, ou como é conhecida, Caixa de Skinner, podemos exemplificar o processo de condicionamento que os indivíduos passam estando diante de suas máquinas acionadoras de mídias sociais, assim como o rato que acionando a barra e recebe uma gota de água ou alimento e é condicionado a sempre pressionar a barra para receber seu reforço, as mídias sociais operam de maneira muito semelhante a esse experimento. Se as mídias possuem a capacidade de condicionar e até mesmo criar uma dependência com seu fornecimento imediato de reforço, elas têm o poder de manipular e direcionar o comportamento de seus usuários.

Sean Parker, ex-presidente do Facebook, declarou que era importante para a empresa proporcionar uma pequena dose de reforço de vez em quando, quando alguém comenta um post ou uma foto. Para ele isso, era um circuito de feedback de validação pessoal porque explora

²⁸ CPI Fake News. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/reuniao?0&reuniao=9669&codcol=2292>. Acesso em: 29 de fevereiro de 2020.

uma vulnerabilidade da psicologia humana e os CEOs dessas grandes mídias sociais são conscientes disso (LANIER, 2018).

Jaron Lanier, considerado o pai da realidade virtual e uma das maiores referências (e críticos) do Vale do Silício, relata que não tem conta em nenhuma rede social e deixa bem claro porquê: “Evito as redes sociais pela mesma razão que evito as drogas.” Para ele as mídias sociais levam a destruição do livre arbítrio como exemplo quando uma foto é postada ou algum comentário é feito e recebe aprovação, essa aprovação é sinalizada por símbolos como corações e OKs de concordância e gera uma recompensa sutil dentro do cérebro, a dopamina esse importante neurotransmissor que está diretamente ligada as sensações de prazer e satisfação. Para receber a validação social e as pequenas doses de dopamina as pessoas publicam versões editadas e muitas vezes falsas de suas próprias vidas.

Lanier argumenta, que essa demonstração falsa se alastrou e tomou conta da política e do mundo em geral, para o autor é a insanidade dos nossos tempos. Num ambiente em que tudo é falso o indivíduo tende a se afastar da realidade, comenta e compartilha em tópicos que não concorda só para tentar se mostrar para o grupo ou para a sua bolha. Desde que as mídias sociais surgiram os comentários e as discussões ganharam uma tendência ao insulto, não há necessidade de se encontrar uma conclusão racional e razoável até porque as discussões são públicas e em público os indivíduos se comportam como se estivessem sendo observados.

Para o autor as pessoas têm a tendência em querer vencer ou impressionar na presença de outros, esse desejo por validação tem contribuído para disseminar conteúdos falsos, ninguém tem mais a certeza pois até os próprios comentários podem ser distorcidos. Os algoritmos das mídias sociais entregam conteúdos diferentes para pessoas diferentes, tudo automatizado e customizado com objetivo de garantir que todos fiquem dentro de uma bolha confortável onde suas crenças e visões de mundo jamais sejam confrontadas. Assim tira se a empatia e sem saber se relacionar com o outro o indivíduo se torna infeliz.

Os algoritmos tentam alterar o comportamento não para gerar felicidade, eles alteram para gerar lucro. Assim é difícil saber se as escolhas e opiniões são escolhas individuais ou se são induções comportamentais que são proporcionadas pelas mídias sociais. No mundo democrático atual as eleições se tornaram concursos de boatos e fake news, tanto nos Estados Unidos como já comentado anteriormente no caso Cambridge Analytica ou no Brasil com eleição do atual presidente permeada de denúncias de uso abusivo de *bots* e *fake news*.

As mídias não fortalecem a individualidade, ou melhor, elas reforçam a segmentação e a polarização. Essas ações ocorrem porque o modelo de negócio das mídias é gerar lucro e isso surge a partir da ideia de oferecer um serviço gratuito que era custeado por propaganda. Isso se

tornou um negócio tão fenomenal que transformou as empresas de mídias sociais nas maiores empresas do mundo. O que o que começou com publicidade se transformou em modificação de comportamento e isso precisa ser avaliado e até mesmo contido.

Sucintamente, pode-se apontar a grande influência das mídias sociais na polarização de opiniões e, conseqüentemente, na manipulação de comportamentos, de modo que assim se compreende a importância de se conhecer mais profundamente como esses condicionamentos são exercidos, a quem de fato interessam, além de viabilizar o ensino de comportamentos que protejam os indivíduos dessa manipulação e promovam mudanças nas interações, principalmente verificando e controlando as ações das mídias sociais.

9. REFERÊNCIAS

- ABOUJAOUDE, E.; KORAN, L. M.; GAMEL, N.; LARGE, M. D.; SERPE, R. T. **Potential markers for problematic Internet use**: A telephone survey of 2,513 adults. *CNS - The International Journal of Neuropsychiatric Medicine*, 11, p. 750-755. 2006
- ANDERY, M.A.P.A.; MICHELETTO, N.; SÉRIO, T.M.A. **A Análise dos Fenômenos Sociais**: Esboçando uma Proposta para Identificação de Contingências Entrelaçadas e Metacontingências. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, v.1, p.149-165, 2005.
- ANDERY, M.A.P.A. **Comportamento e Cultura na Perspectiva da Análise do Comportamento**. *Revista Perspectivas*, vol. 02 n ° 02, p. 203-217. 2011.
- ANGELIS, C.T. **A emergência da reforma do Estado brasileiro: a governança compartilhada e o modelo do novo serviço público**. In: Planejamento e políticas públicas, n 45, jul./dez 2015. Disponível em: www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/583 . Acesso em: 22 de janeiro de 2020.
- ANTUNES, D. C.; MAIA, A.F. **Big Data, Exploração Ubíqua e Propaganda Dirigida**: Novas Facetas da Indústria Cultural. *Psicol. USP* [online]. v.29, n.2, pp.189-199. 2018.
- ARAÚJO, R.F.; T RAVISO-RODRIGUES, C., SANTOS, S.R.O. **Comunicação e Participação Política no Facebook**: Análise dos Comentários em Páginas de Parlamentares Brasileiros. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.27, n.2, p. 279-290, maio/ago. 2017.
- ARUGUETE, N. **“Framing. La perspectiva de las noticias”** en La Trama de la Comunicación, Volumen 15. UNR Editora, 2011
- BANDINI, C.S.M.; ROSE, J.C.C. **O Comportamento Verbal Novo e Comportamento Criativo**: Uma Análise do Verbal Behavior. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2004.
- BARBOSA, J.G., (Org.). **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação**. São Carlos. UFSCar, 1998. 204p.
- BARROS, R.S. **Uma Introdução ao Comportamento Verbal**. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 2003. Volume V, nº1, p. 73-82.
- BEARD, K.W. e WOLF, E.M. **Modification in the proposed diagnostic criteria for Internet Addiction**. *Cyberpsychology and Behavior*, 2001, Vol. 4: 377-383.
- BERGER C. H, CALABRESE, R. J. **Some Explorations in Initial Interaction and Beyond**: Toward a Developmental Theory of Interpersonal Communication, *Human Communication Research*, Volume 1, Issue 2, December 1975. p. 99–112.
- BERGER, J. **Contágio: Por que as coisas pegam**. São Paulo: Leya, 2014.
- BIZ, O. e GUARESCHI, P. A. **Mídia, Educação e Cidadania**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BORLOTI, E.; IGLESIAS, A.; DALVI, C.M.; SILVA, R.D.M. **Análise Comportamental do Discurso: Fundamentos e Método.** Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 24, n. 1, 2008. p. 101-110.

BORLOTI, E. **As Relações Verbais Elementares e o Processo Autoclítico.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. Vol. VI, nº 2, 2004. p. 221-236

BOYD, D.M.; ELLISON, N. B. **Social network sites: definition, history and scholarship.** Journal of Computer-mediated communication, 13 (1), article 11, 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>. Acesso em: 23 de novembro de 2018.

BRADY, W.J.; GANTMAN, A.P.; VAN BAVEL, J.J. (in press). **Attentional capture helps explain why moral and emotional content go viral.** Journal of Experimental Psychology: General, 2019.

BRANDÃO, R. **Fake News são antigas, nova é forma de disseminação.** In: Observatório da Imprensa, ed.1031, 2019. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-contemporaneos/fake-news-sao-antigas-nova-e-forma-de-disseminacao/>. Acesso em: 15 de dezembro de 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 05 de janeiro de 2020.

BRINGEL, B.; PLEYERS, G. **Junho de 2013... dois anos depois.** Polarização, Impactos e Reconfiguração do Ativismo no Brasil. Revista Nueva Sociedad, outubro de 2015.

BRUGNAGO, F.; CHAIA, V. **A nova polarização política nas eleições de 2014: Radicalização ideológica da Direita no Mundo Contemporâneo do Facebook.** Aurora: Revista de arte, mídia e política. v. 7, n. 21, 2015. p. 99–129.

CAPONE, L.V.; ITUASSU, A. **Twitter e Esfera Pública: Pluralidade e Representação na Discussão sobre o Marco Civil da Internet.** Revista Contracampo, v. 33, n. 2, 2015. p. 91-95

CARDOSO, G.; LAMY, C. **Redes sociais: comunicação e mudança.** JANUS.NET e-journal of International Relations, Vol. 2, N. ° 1, Primavera 2011. Acesso em: 12 de novembro de 2018, observare.ual.pt/janus.net/pt_vol2_n1_art6.

CARRARA, K. **Consequências nas práticas culturais: efeitos sobre indivíduos ou grupos?** Interação Psicol., Curitiba, v. 20, n. 3, set./dez. 2016. p. 246-256

CARRARA, K.; ZILIO, D. **Análise Comportamental da Cultura: Contingência ou Metacontingência como Unidade de Análise?** Revista Brasileira de Análise do Comportamento /Brazilian Journal of Behavior Analysis, vol. 11, no. 2, 2015. p. 135-146.

CARRARA, K.; SOUZA, V. B.; OLIVEIRA, D. R.; ORTI, N. P.; LOURENCETTI, L. A.; LOPES, F. R. **Desenvolvimento de guia e fluxograma como suporte para delineamentos culturais.** In: Acta Comportamentalia, v.21, n.1, 2013. pp. 99-119. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452013000100007 - Acesso em :17 de maio de 2018.

CARRARA, K. **Ecos da “revolução de Holland” na contemporaneidade: práticas culturais, ética e compromisso social.** Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 18, n. esp., 14 jul. 2016. p. 84-94.

_____. **Iniciação Científica – Um Roteiro Comentado para Estudantes.** 1.ed. São Paulo: Avercamp, 2014.

CARRARA, K.; ROCHA, J.F. **Formação ética para cidadania: reorganizando contingências na interação professor-aluno.** Revista Semestral da Assoc. Brasil. De Psic. Escolar e Educacional, SP. Volume 15, número 2, julho/dezembro de 2011. p. 221-230.

CARRARA, K.; FERREIRA, M.F.F. **Implicações do conceito de cidadania de professores sobre comportamentos pró-éticos de estudantes.** Psicol. Argum., Curitiba, volume 27, número 58, julho/setembro de 2009. p. 219-229,

CARVALHO-NETTO, E. F. **Medo e ansiedade: aspectos comportamentais e neuroanatômicos.** Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo. 2009.

CASTELLS, M. **Internet e sociedade em rede, in Dênis de Moraes (org.), Por uma outra comunicação – mídias, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição.** 4.ed. - Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

CAVAZZA, N. **Psicologia das Atitudes e das Opiniões.** São Paulo: Edições Loyola, 2008.

CERQUEIRA, D. LOBÃO W. e CARVALHO, A. X. **O Jogo dos Sete Mitos e a Miséria da Segurança Pública no Brasil.** Rio de Janeiro. IPEA, 2005.

CHEQUER, M.A. **Comportamento Verbal: Autoclíticos.** 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1BZqDAa-Czg&t=29s>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

CLOKE, P. J.; JOHNSTON, R. J. **Spaces of geographical thought: deconstructing human geography's binaries.** London: SAGE Publications, 2005.

COELHO, T. **10 Fatos Sobre o Uso de Redes Sociais no Brasil que Você Precisa Saber.** Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/10-fatos-sobre-o-uso-de-redes-sociais-no-brasil-que-voce-precisa-saber.ghml>. Acesso em: 22 de junho de 2018.

CROCKETT, M. J. - **Moral outrage in the digital age-** Nature Human Behavior, 2017 p. 769 a 771. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41562-017-0213-3>. 2017. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

DEL PRETTE, Z.A.P. **Psicologia das Relações Interpessoais.** Vivências para o Trabalho em Grupo. Petrópolis, Vozes, 2001.

DIAMOND, J. **Armas, Germes e Aço**. Rio de Janeiro; São Paulo. 2. Ed. Record, 2001. Guns, germs and steel, copyright, 1997.

DITTRICH, A. **Behaviorismo radical, ética e política**: aspectos teóricos do compromisso social. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar, 2004.

DUFLOTH, S.C.; SALDANHA, C.C. T. **Produção de conhecimento pelas mídias sociais: um olhar retrospectivo da polarização política dos fenômenos do Brexit e do impeachment presidencial de 2016**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.15, n.1, maio, 2019. p. 328-342,

FERRARA, E.; VAROL, O.; MENCZER, F.; FLAMMINI, A. **The Rise of Social Bots**. Communications of the ACM VOL.59 N° 7 June 2016.

FERREIRA, A. B.H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FERNANDES, D.M. **Sobrevivência da Cultura como Prescrição Ética para o Planejamento Cultural**: um Estudo Conceitual, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru. 2015.

FIDALGO, A.P.; BANACO, R.A. **O Estudo do Comportamento Verbal no Brasil**. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jul.-Set 2014, Vol. 30 n. 3, pp. 347-355.

FIGUEIRÊDO, E. A.; SILVA NETTO J.R., J. L. e PORTO Jr., S. **Distribuição, mobilidade e polarização de renda no Brasil: 1987 a 2003**. Revista Brasileira de Economia, 61 (1): 7-32, 2007.

GADOTTI, M. **Projeto político-pedagógico da escola**: fundamentos para a sua realização. In: Autonomia da escola: princípios e propostas. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire. 1997.

GOFF, P. A., STEELE, C. M., & DAVIES, P. G. **The space between us: Stereotype threat and distance in interracial contexts**. Journal of Personality and Social Psychology, 94, 2008. p. 91-107.

GUERIN, B. **Behavior analysis and the social construction of knowledge**. *American Psychologist*, 47(11), 1992, p. 1423-1432.

GREENFIELD, D. N. **The nature of Internet addiction**: Psychological factors compulsive Internet use. Paper presentation at the 1999 American Psychological Association Convention, Boston, Massachusetts. (1999a)

HARARI, Y. H. **21 Lições para o Século 21**. São Paulo. Companhia das Letras. 2018.

HOBFOLL, S.E. **Tribalism – The Evolutionary Origins of Fear Politics**. Chicago, USA. Palgrave Macmillian, 2018.

JACOBI, P. **Meio Ambiente e Redes Sociais: Dimensões Intersectoriais e Complexidade na Articulação de Práticas Coletivas**. RAP - Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro 34(6). Nov./Dez. 2000. p. 131-58.

JOHNSON, D. A. **Introducing the Behavior Analysis and Technology Special Interest Group**. Revista Mexicana de Análisis de la Conducta. México, v. 40, nº 2, , 2014a. p. 58-72.

KAI SHU; AMY SLIVA; SUHANG WANG; JILIANG TANG and HUAN LIU. **Fake News Detection on Social Media: A Data Mining Perspective**. SIGKDD Explorations Vol.19, Issue 1. 2017. p. 22-36.

KALIL, I.O. **Os Fins da Democracia: etnografar protestos, manifestações e enfrentamentos políticos** », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, Disponível em URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3933>; DOI : 10.4000/pontourbe.3933

KAPLAN, A.M.; HAENLEIN, M. “**The early bird catches the... news: nine things you should know about micro-blogging**”, *Business Horizons*, Vol. 54, No. 2, 2011a. p. 105-13.

_____. “**Two hearts in 3/4 time: how to waltz the social media –viral marketing dance**”, *Business Horizons*, Vol. 54 No. 3. 2011b. p. 253-63.

LANIER, J. **Dez Argumentos Para Você Deletar Agora Suas Redes Sociais**. Rio de Janeiro. Intrínseca. 2018.

LEVITSKY, S.; ZIBLAT, D. **Como as Democracias Morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. Uma mundialização plural, in MORAES, D. (org.), **Por uma outra comunicação – mídias, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro. Record, 2005.

LOIS C. B; TAVARES R.S. **Direito, Deliberações Coletivas e Limites da Racionalidade: Uma Análise dos Fenômenos das Cascatas Sociais e Polarização Grupal**. Rev. Argumenta. 2010; (13). 2010. p.155-67.

MATOS, M. A. **As Categorias Formais de Comportamento Verbal em Skinner**. In: Anais da XXI Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto – 1991. p. 333-341.

MELO, C. M. **A Concepção do Homem no Behaviorismo Radical de Skinner**. Um Compromisso com o “Bem” da Cultura. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2005.

MIRANDA, H. M. **O Facebook Enquanto Ferramenta no Planejamento Cultural: Uma Análise Comportamental de Interações na Página da Prefeitura de Curitiba**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru. 2017.

MOREIRA, M. B. (org.). **Comportamento e Práticas Culturais**. Brasília. Instituto Walden 4, 2013.

MOROZOV, E. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOSCOVICI, S. e ZAVALLONI, M. **O grupo como um polarizador de atitudes**. *Jornal de Personalidade e Psicologia Social*, 12 (2), 1969, P. 125–135

MOSTAFA, S. P.; CRUZ, D. V. N.; AMORIM, I. S. **Primavera nos Dentes: Fuga e Resistência na Era Digital**. *Liinc em Revista*, 11(2), 2015, p. 360-374.

MYERS, D. G. **Psicologia Social** -10ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 72 a76.

NOËLLE-NEUMANN, E. **La espiral del silencio**. Opinión pública: nuestra piel social, Barcelona: Paidós. 1995.

NUTT D, editors. **Handbook of anxiety and fear**. Amsterdam: Academic Press,2008. p.124-40.

PASQUALI, L. **O diferencial Semântico**. Em L. Pasquali (Org.) *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM / IBAP. p. 127-140. 1999.

PASSOS, M.L.R.F. **A Análise Funcional do Comportamento Verbal em Verbal Behavior de B.F. Skinner**. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. Vol. V, nº 2, 2003, p. 195 - 213.

PESSOTTI, I. Análise do Comportamento e Política. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 18, n. esp., 14 jul. 2016. p. 95-103.

PIERCE, W. D. **Culture and society: The role of behavioral analysis**. In P. A. Lamal (Ed.), *Behavioral analysis of societies and cultural practices*. New York: Hemisphere, 1991. p. 13-37.

PLAUD, J. J. **Internet resources in applied behavior analysis**. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 29, n. 4, 1996, p. 585-587.

PRIMO, Alex (org). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina. p. 51-69, 2013.

RECUERO, R. **Atos de ameaça à face e à conversação em redes sociais na internet**. In: Recuero, R.. *Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook*. Verso e Reverso, v.28, n.68, 2014, p.114-124.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

SAKAMOTO, L. **O que Aprendi Sendo Xingado na Internet**. São Paulo, LeYa, 2016.

SAMPIERE, R.H., COLLADO, C.F., LÚCIO, M.B. **Metodologia de Pesquisa**. 5ª ed. Porto Alegre, Penso, 2013. 624p.

SANTOS, B. C. e SOUZA, C. B. **Comportamento autoclítico: Características, Classificações e Implicações para a Análise Comportamental Aplicada**. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, Volume XIX nº 4, 2017. p. 88-101.

SANTOS, A.R. **Escolas e redes sociais: diálogos possíveis, saberes e inversões**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SIDMAN, M. **Coerção e suas implicações**. Tradução de Maria Amália Pie Abib Andery e Tereza Maria de Azevedo Pires Sério. Campinas: Editorial Psy, 1995. Publicação original em 1989.

SIDMAN, M. (1994). **Equivalence relations and behavior: A research story**. Authors Cooperative.

SIMONARD, P. e SANTOS, A.R.V. **Identidade, Pertencimento e Engajamento nas Mídias Sociais**. Revista Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.14, n.3. Set.-Dez. 2017. p.16-31

SIMONS, J.J.P; GREEN, M.C. **Divisive Topics as Social Threats**. agepub.com/journals Permissions.nav.Journals.sagepub.com/home/crx.Vol. 45, 2018. p.165-187.

SINGER, A. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro**: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994. São Paulo: Edusp, 2000.

SKINNER, B. F. **Ciência do Comportamento Humano**. 11ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003. (original publicado em 1953).

_____. **Review Lecture: The Technology of Teaching** *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 162 (1989), 1965. p. 427-443.

_____. **O Comportamento Verbal**. São Paulo, Cultrix, 1978. (original publicado em 1957).

_____. **O Mito da Liberdade**, 3ªed. São Paulo, Summus,1983. (original publicado em 1971).

_____. **Seleção por Consequências**. Rev. Bras. de Ter. Comp. Cognitiva. Vol. IX, nº 1, 2007, p.129-137. (Artigo originalmente publicado na Revista Science, [Skinner, B.F. (1981). Selection by consequences. Science, 213, 501-504].

STRACHMAN, A.; GABLE, S. L. **What you want (and do not want) affects what you see (and do not see)**: Avoidance social goals and social events. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 2006, p.1446-1458.

SUMARES, G. **Facebook tem mais de 100 milhões de usuários brasileiros**. Olhar Digital, 27 abr., 2016.

TAKAHASHI, T. **Diversidade Cultural e Direito à Comunicação**. In: VILELA, Paula. A globalização e a diversidade cultural. Disponível em: <http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/17/diversidade.htm>. Acesso em 10 de abril de 2019.

TAVARES, M.B.C. **E-Recruitment: A Percepção da Geração Y Sobre os Comportamentos no Facebook e LinkedIn**. Dissertação de Mestrado, Universidade Europeia, Lisboa, Portugal, 2017.

TODOROV, J. C. **Conservation and transformation of cultural practices through contingencies and metacontingencies**. In: TODOROV, J. C. Trends in Behavior Analysis. Brasília: Technopolitik, v. 1.0.1, Cap. 6, p. 166-186, 2016.

VERDU, A. C. M. A; GOLFETO, R. M. **Stimulus control and verbal behavior: (in)dependent relations in populations with minimal verbal repertoires**. In: TODOROV, J. C. Trends in Behavior Analysis. Brasília: Technopolitik, V. 1.0.1, Cap. 7, p. 187-226. 2016.

YOUNG, K.S.; ABREU, C. N.; COLS. **Dependência de Internet – Manual e Guia de Avaliação e Tratamento**. Porto Alegre. Artmed. p. 169-171.2011.

YOUNG, K. S. **Caught in the Net**: How to recognize the signs of Internet addiction and a winning strategy for recovery. New York: John Wiley & Sons. 1998.

WOSHINSKY, O.H., **Explaining Politics**: Culture, Institutions, and Political Behavior. Oxon, England, UK; New York, New York, USA: Routledge, p. 145-149. 2008.

ANEXO 1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa faz parte de um Projeto de Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru e tem como finalidade avaliar de que maneira as mídias sociais influenciam a polarização de opiniões em diversos contextos sociais e como isso afeta seus usuários.

Solicitamos que, ao responder, procure escolher alternativas que realmente sejam compatíveis com suas atitudes em situação real, visto que garantimos a confidencialidade de suas respostas. Queremos conhecer um pouco como você interpreta e como se sente em relação a temas considerados polarizantes. Leia cuidadosamente o que segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias.

O trabalho tem por finalidade conhecer através da aplicação do formulário anexo, como os participantes da pesquisa se sentem em relação aos temas polarizantes, ou seja, como interpretam e se sentem quando são abordados nas mídias sociais com temas que normalmente são expostos em lados opostos, como homofobia, aborto, etc. A participação nesta pesquisa consistirá em responder o questionário o mais sinceramente possível, sem se preocupar em ser avaliado pela escolha. Durante a execução da pesquisa poderá se sentir desconfortável, esse risco será minimizado por eventual contato com o pesquisador, seja pessoalmente no próprio local de aplicação, ou por e-mail.

Sua participação nesse trabalho contribuirá para conhecermos o quanto os usuários das mídias sociais são afetados direta ou indiretamente pela polarização de opiniões. A duração da aplicação é de *20 minutos em média* e não haverá nenhum valor econômico ou despesa para participar da pesquisa e poderá deixar de participar ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, ou sofrer qualquer prejuízo. Haverá sigilo das informações garantindo total privacidade e acesso as informações e esclarecimento adicionais sobre o estudo e suas consequências. Os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados, sem nenhuma identificação individual dos participantes.

Qualquer dúvida e/ou informações adicionais, por gentileza entrar em contato com Ana Paula Castro Teixeira Aissa, pesquisadora responsável, e-mail: apaissa.sp@gmail.com.

UNESP FC BAURU - Comitê de Ética – Coord. Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo-
cepesquisa@fc.unesp.br Av. Eng. Luiz E. C. Coube, 14-01 Vargem Limpa Bauru SP CEP:
17033-360 (14) 3103-9400

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa
acima descrito.

(Cidade) _____, (Data) _____ de (mês) _____ de 20(ano) _____.

Assinatura do participante

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO APLICADO

Polarização de Opiniões nas Mídias Sociais

Prezado Participante,

Esta pesquisa faz parte de um Projeto de Dissertação de Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru e tem como finalidade avaliar de que maneira as mídias sociais influenciam a polarização de opiniões em diversos contextos sociais e como isso afeta seus usuários. Solicitamos que, ao responder, procure escolher alternativas que realmente sejam compatíveis com suas atitudes em situação real, visto que garantimos a confidencialidade de suas respostas. Queremos conhecer um pouco sobre você e como se sente em relação a temas considerados polarizantes. Desde já agradecemos a sua contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Como são várias questões (que em geral dispensam maiores instruções), caso encontre alguma dificuldade, ou mesmo se sentir incomodado com algum tema ou pergunta ou somente para maiores esclarecimentos a pesquisadora Ana Paula C. T. Aissa disponibiliza um e-mail para contato: apaissa.sp@gmail.com.

Queremos saber algumas coisas sobre você:

1. Eu sou:

☐ Homem ☐ Mulher ☐ Outros Especifique: _____

2. Idade: _____

3. Atividade Profissional ou equivalente:

☐ Estudante ☐ Assalariado ☐ Empresário ☐ Informal ☐ Aposentado

☐ Outras - Especifique: _____

4. Sou usuário das seguintes mídias sociais:

☐ Instagram

☐ Facebook

☐ LinkedIn

☐ Twitter

☐ WhatsApp

☐ YouTube

☐ Outras- Especifique: _____

5. Fico conectado nas mídias sociais:

☐ Muito raramente

☐ Poucas vezes na semana

☐ Até uma hora por dia

☐ Mais de uma hora, menos de duas

☐ Duas horas

☐ Mais de duas, porém menos de três

☐ Três horas

☐ Mais de três, porém menos de quatro

☐ Quatro horas

☐ Mais de quatro horas por dia

6. A seguir iremos mencionar algumas situações, indique o quanto você concorda com cada um deles, circulando a resposta que você ache mais apropriada. As respostas indicam:

Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Sempre	Muitas vezes
1	2	3	4	5

Mudei a maneira de me relacionar nas mídias sociais após os eventos sociais e políticos dos últimos anos.	1	2	3	4	5
Faço comentários nas postagens com as quais não concordo.	1	2	3	4	5
Já debati ou mesmo discuti com pessoas nas mídias sociais que não conheciam, somente porque postaram ideias contrárias as minhas.	1	2	3	4	5
Já bloqueei nas mídias sociais conhecidos, parentes e/ou amigos por não concordarem com meus posicionamentos.	1	2	3	4	5
Parei de me relacionar pessoalmente com quem bloqueei nas mídias sociais.	1	2	3	4	5
Quando surge uma notícia, ou um evento que divide opiniões, como por exemplo: meritocracia, aborto, milícias, Fake News, exponho minha sua opinião.	1	2	3	4	5
Contradigo a ideia que não concordo e mantenho o questionamento por diversos comentários, chegando mesmo a ser agressivo.	1	2	3	4	5
Geralmente fico tão envolvido com algum tema polêmico que surge nas mídias sociais, que durante o resto do dia minhas conversas e debates são sempre sobre o mesmo tema.	1	2	3	4	5
Sinto-me ansioso quando algum tema é debatido nas mídias sociais e tenho posicionamento contrário ao grupo.	1	2	3	4	5
Quando algum tema, discutido nas mídias sociais estão ligados à minha pessoa, como por exemplo: a meu gênero, a minha religião, a minha cor ou raça me sinto ameaçado.	1	2	3	4	5
Tenho medo quando leio os posicionamentos mais radicais de pessoas do meu contato.	1	2	3	4	5

Como me senti: (opcional)

07. Agora gostaríamos de conhecer sua opinião quanto aos temas considerados polarizantes, ou seja, temas que provocam uma escolha de posição diametralmente oposta ao de outra pessoa. Sabemos que os temas abaixo não são unanimidade entre as pessoas; por isso são polarizantes. Agora queremos saber sua opinião sobre os tópicos apresentados, reforçando que sua resposta é confidencial.

5. Totalmente favorável

4. Parcialmente favorável

3. Nem a favor e nem contra
 2. Parcialmente contrário
 1. Totalmente contrário
 0. Não sei responder

Legalização do Aborto		Rastreamento de atividades online	
Ideologia de Gênero		Livre Mercado	
Homofobia		Proteção de Espécies Ameaçadas	
Racismo		Proteção a animais domésticos	
Feminicídio		Vandalismo	
Fake News		Obesidade	
Intervenção Militar		Liberação à Caça	
Porte/Posse de Armas		Corrupção	
Privatização da Petrobrás		Meritocracia	
Pena de Morte		Combate à Pobreza	
Pornografia		Uso de Células tronco	
Escola sem Partido		Prisão Perpétua	
Marxismo Cultural		Tortura de Presos	
Direitos Humanos		Ensino Domiciliar	
Eutanásia		Ensino a Distância	
Liberdade de Expressão		SUS Serviço Único de Saúde	
Saúde Pública Gratuita		Seguridade Social – LOAS	
Aposentadoria para todos		Voto Obrigatório	
Bolsa Família		“Gatos” de TV, Energia e Água	
Guerra às Drogas		Brigas sobre Futebol	
Previdência Privada		Combate à Poluição	
Clonagem de Seres Humanos		Uso de Agrotóxicos	
Aquecimento Global		Agricultura Familiar	
Comunismo		Estatização da Economia	
Reciclagem de lixo		Trabalho Escravo	
Liberalismo Econômico		Adoção por Casais gays	
Maternidade na Adolescência		Leis de Imigração	
Conservadorismo nos costumes		Milícias	
Proteção aos Índios		Igualdade de Gênero	
Casamento Gay		Adolescentes treinando tiro	

10. Gostaríamos de saber como você se sente quando entra em contato com esses assuntos nas mídias sociais e precisa tomar alguma posição em relação aos tópicos abaixo:

Marque um X no sentimento que mais descreve sua reação quando precisa se posicionar em relação aos tópicos abaixo:	Fico com raiva	Sinto-me ameaçado	Fico ansioso	Fico indiferente	Não sei responder
1. Legalização do Aborto					
2. Ideologia de Gênero					
3. Homofobia					
4. Racismo					
5. Feminicídio					
6. Fake News					
7. Intervenção Militar					
8. Porte/Posse de Armas					
9. Privatização					
10. Pena de Morte					
11. Pornografia					
12. Escola sem Partido					
13. Marxismo Cultural					
14. Direitos Humanos					
15. Eutanásia					
16. Liberdade de Expressão					
17. Saúde Pública					
18. Aposentadoria					
19. Bolsa Família					
20. Guerra às Drogas					
21. Previdência Privada					
22. Clonagem de Seres Humanos					
23. Aquecimento Global					
24. Comunismo					
25. Reciclagem de lixo					
26. Liberalismo Econômico					
27. Maternidade na Adolescência					
28. Conservadorismo nos costumes					
29. Proteção aos Índios					
30. Casamento Gay					
31. Adoção por Casais gays					
32. Leis de Imigração					
33. Milícias					
34. Igualdade de Gênero					
35. Trabalho Escravo					
36. Sororidade					
37. Rastreamento de atividades online					
38. Livre Mercado					
39. Proteção de Espécies Ameaçadas					
40. Proteção a animais domésticos					
41. Vandalismo					
42. Obesidade					

Continuação: Marque um X no sentimento que mais descreve sua reação quando precisa se posicionar em relação aos tópicos abaixo:	Fico com raiva	Sinto-me ameaçado	Fico ansioso	Fico indiferente	Não sei responder
43. Liberação à Caça					
44. Corrupção					
45. Meritocracia					
46. Combate à Pobreza					
47. Uso de Células tronco					
48. Prisão Perpétua					
49. Tortura de Presos					
50. Ensino Domiciliar					
51. Ensino a Distância					
52. SUS Serviço Único de Saúde					
53. Seguridade Social – LOAS					
54. Voto Obrigatório					
55. “Gatos” de TV, Energia e Água					
56. Brigas sobre Futebol					
57. Combate à Poluição					
58. Uso de Agrotóxicos					
59. Agricultura Familiar					
60. Estatização da Economia					